

3.000

1934 - 03 e 04

18

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1934 – ANO: II - Nº 3-4

Academia Mattogrossense de Letras

SÉDE — “CASA BARÃO DE MELGAÇO”

Cuiabá

Directoria (1934-1936)

Presidente

José de Mesquita

Vice-Presidente

Palmyro Pimenta

1. Secretario

Philogonio Corrêa

2. Secretario

Francisco Mendes

Thesoureiro

Franklin Cassiano

Commissão de Redacção

D. Maria de N. Müller

Oscarino Ramos

Allyrio de Figueiredo

Anno

II

REVISTA

Nos

3 e 4

Janeiro a

de

REVISTA

Dezembro

1934



1934

Revista da Academia Mattogrossense de Letras

ANNO II

N's III e IV

JANEIRO A DEZEMBRO DE 1934

SUMMARIO

- Sessão Solemne de recepção na cadeira nº 7:
Palavras de abertura — pelo Presidente academico *José de Mesquita*
Discurso de posse — pelo academico *Amarilio Novis*
Discurso de recepção — pelo academico *Olegario de Barros*
Buriti solteiro — poesia — *D. Aquino Corrêa*
Por Matto Grosso Unido — poesia — *José de Mesquita*
Cuiabá — poesia — *D. Maria de Arruda Müller*
Versos ruraes — *Allyrio de Figueiredo*
Um Jubileu Sacerdotal — *V. Corrêa Filho*
Encommendas — *Philogonio Corrêa*
Considerações sobre o estudo da lingua — *Severino de Queiroz*
Um amigo de infancia — poesia — *Lamartine Mendes*
22 de Julho de 89 — poesia — *Augusto Cavalcanti*
Adeus-Recife, Elo partido, Coxipó e Quadras do coração — poesias — *Octavio Cunha*
Versos de Outr'ora — *A. Tolentino de Almeida*
O Sem-Fim, Mimosa pudica — versos — *Arnaldo Serra*
Loira boneca, O maior achado, Miragens da vida, Anhele — poesias — *Ari Martins*
Chana — *Franklin Cassiano*
O prisioneiro — *José Bonifacio de Albuquerque*
Apresentando um poeta — *Olegario de Barros*
Couto de Magalhães — discurso — *José de Mesquita*
PAGINAS DOS MESTRES:
Francisco beija o leproso — *Augusto de Lima*
Griselda — *João Ribeiro*
PAGINAS CONTEMPORANEAS:
Euclides da Cunha — *Firmo Dutra*
A acção social e espiritual de C. Alves — *D. Martins Oliveira*
PAGINAS ESQUECIDAS:
A divina Providencia — *Padre Armindo M. de Oliveira*
Soneto — *J. José Rodrigues Calháu*
PAGINAS DOS NOVOS:
Axiomas da Historia — *Annibal Verlangieri*
Chegu e partiu — *Alipio Serra*
Recordação — *Maria da Gloria Novis*

Palavras

Cadeira n. 7

de abertura

pele

Sessão Solemne de re-

Presidente

cepção do Acade-

mico Amarello

João

Novis, a 16

de Junho

de 1934



I

Palavras

de abertura

pelo

Presidente

da Academia

José de Mesquita





esta, a que o escol cubano traz a consagração da
sua prestigiosa presença.

Festejamos hoje tres manifestações da cultura e da
intelligencia da nossa terra e podemos proclamar, sem
dubitarmos condamnáveis, e sim com a convicção de quem
afirma uma verdade, que tanto no protector da cadeira
como nos seus occupantes de hontem e de hoje,
altoram as qualidades que distinguem uma taça, mar-
cam uma época e detinem uma civilização.

Productos do meio cubano, Frederico Prado, João

Cunha e Amalio Novis, talentos polymorphos e
sua cadeira nº 7, que tem por patrono Frederico
Prado e em que hoje se empossa Amalio No-
vis, na vaga aberta por João Cunha, merece bem ser deno-
minada "a cadeira da imprensa". Sob a egide gloriosa de
um jornalista, teve a occupal-a, desde a sua fundação,
um nobre batalhador das justas da penna, ao qual ora
succede outro não menos illustre e dedicado cultor do
periodismo.

Como que se ligam e se entrelaçam, formando tres
gerações, mas concatenados pelo mesmo senso do pa-
triotismo e tocados do mesmo amor á liberdade, esses
tres bellos espiritos: Frederico Prado, João Cunha e o
eminente recipiendario desta noite.

Ha quasi dez annos, neste mesmo local, em cir-
cumstancia festiva como a de hoje, João Cunha, o fes-
tejado fundador da cadeira nº 7, vencendo resistencias
muito conhecidas do seu temperamento de timido, fo-
calizava o seu patrono como uma bella figura que "lu-
tando sempre com as asperezas do nosso meio insolito",
viveu "num esforço constante e digno de quem ama
verdadeiramente a sua terra", constituindo-se para nós
"o valor excepcional de um espirito e de um carater—
productos genuinos do nosso meio".



Ahi está, senhores, outra grande significação desta festa, a que o escol cuyabano traz a consagração da sua prestigiosa presença.

Festejamos hoje tres manifestações da cultura e da intelligencia da nossa terra e podemos proclamar, sem bairrismos condemnaveis, e sim com a convicção de quem affirma uma verdade, que, tanto no protector da cadeira como nos seus occupantes de hontem e de hoje, afloram as qualidades que distinguem uma raça, marcam uma época e definem uma civilização.

Productos do meio cuyabano, Frederico Prado, João Cunha e Amarilio Novis, talentos polymorphos a serviço do 4º poder, que é a imprensa, se revelaram a resposta viva, gritante, incontestavel aos que tentam, apaixonados, denegrir o valor da nossa gente.

Não devo, porém, estender-me, roubando — vos o prazer de momentos encantadores em que ides ouvir, entre os accordes dos instrumentos tangidos pelos nossos habeis musicistas, ao rythmo dos versos nos labios das nossas gentis dictrizes, o elogio de Frederico Prado, de João Cunha e de Amarilio Novis, feito pelos consumados oradores deste sarau de arte e de intelligencia.

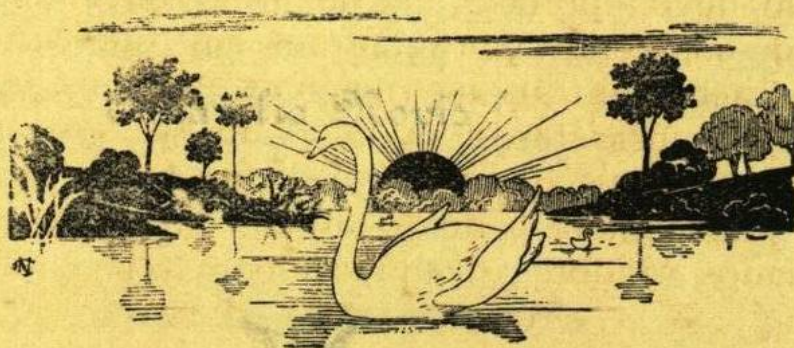
Senhores;

A Academia Matto-grossense recebe hoje o seu primeiro academico e como que despindo os véus da viuvez, que tomara um anno atraz a exemplo das "garças" humanas de que falava João Cunha — toda se engalana para estas bodas symbolicas da immortalidade.



Como seu presidente, não posso esconder a exultação que me vae n'alma, ao vêr que o legado intelectual do nosso grande companheiro, que foi João Cunha, não desmereceu, passando para as mãos de Amarilio Novis, que saberá manter o lustre da cadeira paranymphada por Frederico Prado e elevar sempre mais as tradições honrosas desta casa.

E' nesta certeza confortadora, que dou os meus parabens effusivos á Academia e á cultura mattogrossense.



Discurso**de posse****pelo****academico**

Amarílio Novis





As provas são aquelas duas linhas de poesia de
para maravilhosos das gestas em que nada há misterioso
crescer para se sentir num verdadeiro embriagem
to a agonia iluminada da tarde. H. A. Aumont a obra
Como a magia da luz, o deslumbramento dos colo-
ridos do pôr do sol fixaram De Harigutchi enxergar um
amor que se cumprisse em um sonho que se passasse
antes de ver a tarde também a mim o brilho magnifi-
co desta festa me comove e entoa, assaltando-me
com dividas mulluantes. E eu orso parodiando grande
vatoz que se abanhou assov a sua salvação e seu
ofugio. Ousado estar, assim, contra lei do ouro
que a si, em pretos e amarellos, se encaixa.

DE ANTE de uma tela magestosa de pôr do sol, A-
lhambra divino que por sobre tudo derrama a luz
suave da meditação e do apaziguamento, hora em que
os "Genios mansos da tarde põem um véo de seda
azul no hombro nú da collina", assim se expressou,
nestes versos lapidares, que eu vos digo na mesma
gloriosa lingua em que os encontrei, o poeta japonês
Nico de Harigutchi:

Es-tce um amour qui meurt ?

Est-ce un rêve qui finit ?

Non, c'est le soir...

Boileau disse que "un sonnet sans défaut vaut
seul un long poème".

Não serei tão exigente. Se um ai pode abranger um
mundo de afflicções e sofrimentos, porque uma estro-
phe, um simples verso não será bastante para também
valer um poema?

A prova são aquellas duas linhas do poeta do paiz maravilhoso das geishas em que nada ha mistér acrescentar para se sentir n'um verdadeiro embevecimento a agonia illuminada da tarde.

Como a magia da luz, o deslumbramento dos coloridos do pôr do sol fizeram De Harigutchi enxergar um amor que succumbisse ou um sonho que se apagasse, antes de ver a tarde, tambem a mim o brilho magnifico desta festa me commove e entontece, assaltando-me com duvidas allucinantes. E eu ousou parodiar o grande vate:

E' um preto á intelligencia?

E' justo premio ao merito?

Não; é a vossa generosidade.

Sim, senhores. E' a vossa generosidade que me acolhe nesta casa a cuja porta vim ter, attrahido pelo rumor de suas pompas, pelo brilho e fama de suas glorias. E' a vossa generosidade que me abre assim tão carinhosamente as portas desta Academia sem se deter no exame ou conferencia da minha ridicula bagagem litteraria.

Medeiros e Albuquerque, uma das glorias das nossas letras e que a morte vem de arrebatá á nossa Patria, em seu interessante trabalho "Por alheias terras", conta do rigor que em Constantinopla, ao tempo de Abdul-Hamid, era posto nas conferencias das bagagens pela Aliandega. A maior vigilancia era, então, recommendada de referencia aos livros. Gastão Deschamps, que por alli passou, teve difficuldade em obter permissoão para a entrada de alguns volumes. Só uma obra, diz Medeiros, incorreu na prohibição absoluta: foi, não se sabe porque, uma geographia do vetustissimo geographo Strabão!

É adiante: Um innocente livro de mathematica foi apprehendido, porque em uma pagina havia a demonstração de um theorema em que por acaso se tinha chegado á formula $A = H = O$. E os censores acharam que isso podia querer dizer: Abdul Hamid igual a zero...

Não digo que devesseis proceder com o rigor dos censores de Abdul-Hamid, mas, no meu caso, fosteis mais que generosos, accéitando como papel de credito, para tamanha honra, recortes de jornaes, "folhas ao vento" atiradas "a esmo" com pseudonymo, pechisbeques e lantejoulas que a vossa bondade quiz tomar por ouro de lei. Entro, assim, neste cenaculo augusto com a desconfiança de um contrabando. Mas, já que aqui estou, que vos não dê cuidados tão grande liberalidade. Esta casa é um colmeia e tudo na colmeia é o mel. A gloria das letras mattogrossenses, a grandeza da nossa terra—eis o mel para o qual esvoaçaes sobre as flores do ideal—a arte pura.

Pois bem. Que vale o regato murmuroso, descendo cantando dos montes, cabriolando pelas campinas, brilhando ao sol, namorado das noites enluaradas, alegria dos passaros e flores?

Filete d'agua é pura phantasia da Natureza que se atavia do *pompadour* dessas fitas mirabolantes para maior esplendor da Creação.

Sigamol-o. Vae cantando, serpenteando por entre valles e rechãs, reflectindo frondes, regando roças, esparzindo por toda parte a harmonia dos seus meneios e da sua surdina feita de veludo.

Agora é um rio. Já não sorri espadanando aljofares nos alcantilados ou saracoteando em grotões sob cirandas de borboletas multicôres. Deslisa sério entre barrancas abruptas, cheio das responsabilidades do seu destino. Arteria da civilisação, vae por elle um formigamento de barcos, regatões, lanchas, helices e remos.

Por vezes se exaspera; cresce, ruge, deblatéra e o seu dorso de espumas é um sorvedouro: arvores, choças, animaes, por elle rolam aos pinchões, aos solavancos. Atufa-se um pouco ainda e é a innundação, o nateiro, o que quer dizer, fertilidade, a safra provida de fructos sápidos e abundantes.

Pois a zanga é passageira. E eil-o de novo "caminho e caminheiro", rumo ao mar.

Chega. Emmanha-se pela grande massa arfante e glauca com arrepios voluptuosos de felino. D'ahi por diante é graça no rendilhado das espumas que se desfazem arrulhantes na alvura macia das praias maravilhosas; é soluço de amor no marulhar das ondas mansas em noite prateada de luar; é força na disciplina rigida das formidaveis correntes oceanicas; é colera no rugir titanico do monstro na furia das procellas; é gloria no pedestal neptunino de riquezas infindaveis.

Eu venho ter a esta casa como o rio vae ao mar. Destino. Como o rio no mar eu serei aqui o que quizerdes. No vosso exemplo, na vossa crença, nas vossas esperanças hei de haurir a força com que possa sempre e cada vez mais bradar como o poeta portentoso da "Tarde":

Patria, latejo em ti no teu lenho, por onde

Circulo! ...

A vossa generosidade que assim brilhantemente me abre as portas desta Academia se incumbirá do resto.

Tambem "a lenha verde não arde"; mas se a ajuntardes ao toro enxuto vel-a-eis erguer-se em labaredas crepitosas.

Eu sou o graveto verde; mas nesta fornalha do pensamento que é a vossa casa, tenho fé em que tambem serei chamma para aquecer a forja portentosa onde se

trabalha com o coração e o espirito a obra magestática do soerguimento intellectual de Matto-Crosso.

Amadeu Amaral tomando posse na Academia Brasileira de Letras da cadeira vaga, deixada por Bilac, declarou no seu discurso que não ia ali "substituir" o grande morto, senão lhe "succeder" na vaga aberta.

Dou-me pressa em vos trazer igual afirmação para vossa tranquillidade. Não venho "substituir" João Cunha; venho "succeder" ao academico que a Morte, essa que no conceituar de Hugo *aime à pouser sa main lourde et glacée sur des fronts couronnées de fleurs*, roubou a esta casa, deixando vazia a cadeira que tanto soube honrar com o seu talento e a sua cultura.

Ao academico é que eu venho succeder. O amigo não abriu vaga. O seu lugar continua preenchido em vossos corações fazendo com que o tenhaes, pelo espirito, sempre presente em vossas reuniões. Confirmação da verdade de que

"Nem sempre se vae de todo
Quem fica numa saudade."

Conta Renan que o pescador bretão transido de medo supersticioso, escuta ainda nas noites de tormenta o bimbalar dos sinos das igrejas de Is, a cidade ha muito desaparecida na profundeza dos mares.

Eu não tenho o medo supersticioso do pescador de Batz ou de Roscoff, mas como os sinos das torres de Is, que são as pulsações da Fé da cidade morta, eu escuto neste recinto pomposo o cicio de bondade do coração do amigo, que, tendo tanto amado a sua terra, estremece agora, dentro da terra, por sua felicidade.

Sino, coração de aldeia,

Coração, sino da gente,

Um a sentir quanto bate,

Outro a bater quando sente...

Phantasia minha? Vêde o que disse o insigne Ruy sobre o coração: O coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal quanto se cuida. Ha, nelle, mais que um assumpto physiologico; um prodigio moral. E' o organ da fé, o organ da esperança, o organ do ideal. Vê, por isso, com olhos d'alma os que não vêem os do corpo. Vê ao longe, vê em ausencia, vê no invisivel e até no infinito vê. Onde pára o cerebro de vê ortogou-lhe o Senhor que ainda veja; e não se sabe até onde".

Cadeira patronimica de Frederico Prado, a que venho occupar, a pragmatica me escusaria de fazer deste elogio, tanto sentimos todos, vividas e sentidas, as resonancias da sessão memoravel desta casa, celebrada a 7 de Fevereiro de 1925, quando João Cunha, com a sua palavra tersa e fulgurante, disse dos meritos do grande defensor das liberdades publicas da nossa terra, patrono da cadeira n. 7 desta Academia.

Como uma homenagem do meu reconhecimento e da minha saudade, porem, devo assignalar, neste momento de tão alta significação para a minha alma, esta circumstancia que eu reproduzo com minucias para não descolorir o cunho de carinho e sympathia que della resulta a meu favor por parte do nosso inesquecivel Frederico.

Recem-formado em Direito pela Bahia, chegara eu ao Rio em Abril de 1910. Convencido da philosophia do proverbio de que "ninguem é propheta em sua terra", trazia as vistas voltadas para Minas, cujas tradições veneráveis de civismo, de liberdade, exerciam sobre mim um fascínio irresistível.

Aguardava a solução de referencia a uma promotoria que me havia sido promettida na terra heroica dos montanhezes, quando Frederico, que me suppunha em marcha para os nativos pagos, em um encontro fortuito de bond, me inquire cheio do mais vivo interesse:

— Você ainda por aqui?

Disse-lhe redondamente a que estava. Replicou-me com um escachoar deslumbrante das grandezas de Matto-Grosso. E concluiu:

— A nossa terra muito e muito necessita da intelligencia dos seus filhos. Confio em que V. lhe não negará a sua collaboração.

E promettu de voltar ao assumpto.

No mesmo dia, á noite, procurou-me. Não podia se conformar com a minha resolução.

Que grande entusiasta foi elle das cousas da nossa terra!

Estou a ver a sua alegria quando lhe annunciei a minha renuncia aos planos que horas antes lhe communicara.

Dois dias mais e eu era passageiro do "Amazon", rumo a Buenos-Ayres.

Coincidencia: Frederico Prado, gizou, por assim dizer, o meu destino, e, agora, nesta escalada magnifica da immortalidade, ainda é elle a luz benefica a cujo clarão terei de descobrir em mim mesmo energias novas para manter bem alto a sua cathedra gloriosa.



Venho succeder a João Cunha, disse. Circumstancia de relevo é esta que nesta data em que tantas vezes lhe cultuamos o coração bonissimo nas festas alegres da familia, commemorativas, do seu natal, hoje lhe cultuemos a memoria nesta festa não menos expressiva em que o seu espirito espalha sobre nós a doce consolação de que elle nos assiste e sempre nos assistirá atravez das fulgurações da cathedra que tanto dignificou nesta Academia.

João Cunha! eis um nome que, posto sempre fosse uma clava a prol das bôas causas mattogrossenses, não dá a impressão, entretanto, de aresta ou cuntundencia. Lembra, sim, um padrão authenticico de honra, de visceral honestidade, de que é melhor attestado a pobreza sem macula em que deixou a familia por que tanto estremecia.

Principe do jornalismo, como era entre nós considerado, por longos annos mourejando na imprensa, tendo atravessado periodos angustiosos de politica agitada em que os odios escabujam todas as infamias, ferindo, retalhando, na ancia de saciar seus depravados appetites, — a pena de João Cunha nunca foi temida por peçonhenta ou irreflectida, pois que jamais baixou do campo das idéas, onde, então, enfrentava com elegancia o mais dextro adversario.

Argumentava com arte, patriotismo e cultura, demonstrando sempre accentuada dedicação ao *metier*.

Não se limitava a tão só escrever os eruditos editoriaes, muitos dos quaes marcaram epocha no periodismo regional.

O jornal a que elle emprestasse o brilho e o vigor da sua solidariedade tinha em João Cunha além de um redactor assiduo e deveras efficiente, quem lhe attendesse ainda ás mil necessidades. Do artigo de fundo ao noticiario, com escala pela chronica ligeira e fas-

cinante, era por elle acudido com solicitude e interesse. A revisão, a paginação, elle as assistia com carinho e em pessoa, o que fazia com que os amigos nunca deixassem deserta a redacção, desejosos da sua companhia, de escutar-lhe a palavra sempre amiga, leal, serena, além de brilhante, ponderada e culta.

João Cunha tinha de longo tempo um amigo invisível que o seguia com admiração e respeito: era eu.

Nunca, porem, uma oportunidade se nos havia deparado para uma approximação que nos revelasse um ao outro. Nem mesmo no governo Mario Corrêa, de que eramos ambos immediatos auxiliares, essa oportunidade se offereceu, capaz de nos trazer um perfeito e mutuo conhecimento.

Foi só com o apparecimento do jornal "O Momento", em 1931, na estreita camaradagem e reciproca confiança de uma avançada opposicionista, animada pelo ideal sagrado da grandeza da terra commum, que bem nos conhecemos.

A minha admiração por João Cunha só encontrou azo para crescer e avultar mais e mais á medida que os dias decorriam.

De uma feita em que, alta madrugada, fomos os ultimos a deixar a redacção do "O Momento", tive a fortuna de ouvir daquelle grande espirito, daquelle grande amigo, daquelle grande "exemplar humano", como lhe chamaria Amadeu, estas palavras generosas que eu guardo no fundo do coração com justificado orgulho e amor: — Você não avalia quanto eu sinto só agora ter tido occasião de conhecê-lo bem".

Parece que aquelle excellente coração presagiava de curta duração a bella amisade que nascia.

Designio de Deus, resigno-me á dura perda.

Na saudade, porem, do que partiu, na sentida recordação das horas de verdadeiro encantamento que me

proporcionou o seu brilhante espirito, hei de encontrar mais forte estimulo para que mais decididamente possa servir o jornalismo em nossa terra, repetindo com fé os versos do poeta dos Rubis”:

Não sei que de maior gloria terrestre

Que triumphante de tão nobre liça

Sahir quem soube ser tão grande Mestre.

Goulart de Andrade, em discurso proferido junto á herma de Mestre Valentim, no Passeio Publico, do Rio de Janeiro, o genio da goiva e do escopro, se refere ás palavras por elle proferidas, já nas vascas da agonia, e que bem significam a profissão de fé do grande artista — “Não temo a morte, mas prézo tanto a minha arte, que ainda depois de morto, quizera poder alçar o braço do tumulo para executar os desenhos que me pedissem”.

João Cunha, por igual amante de sua arte, poderia reproduzir os votos de Valentim para traçar ainda hoje os magistraes artigos que tantas vezes fizeram vibrar de orgulho e entusiasmo a alma dos conterraneos.

Quando bem o conheci empunhava elle pelo “O Momento” a penna victoriosa a prol da constitucio-nalização do Paiz.

Pois bem. Principe do nosso periodismo, coberto de louros alcançados em prélios memoraveis da imprensa regional, bem poderia limitar-se á feitura dos editoriaes ou notas de relevo em abono da bandeira patrioticamente desfraldada.

Mas, não. Elle era companheiro modesto e simples que se contemplava na distribuição de toda e qualquer materia, desde o artigo de fundo á simples corrigenda

dos annuncios. Descia á “cosinha” do jornal numaancia incontida de tudo prover e attender, por amor á sua arte, a “mais complicada das artes”, como elle a chamava.

E tinha razão, pois Medeiros e Albuquerque em “Pontos de vista” diz: “O jornalismo que tudo põe em contribuição e tanto divulga a musica como a eloquencia, tanto um bello quadro como uma formosa poesia, — o jornalismo, que é a arte da vida moderna entendida de um modo integral — é das bellas artes a mais perfeita e a mais completa”.

E quanta delicadeza, quanta finura de sentimento revelou João Cunha no manejar a penna!

Julio Dantas, recebido na Academia Brasileira de Letras, quando em visita ao nosso Paiz, assim começou o seu famoso discurso: “Um dia, recebido nos jardins do Academo um discipulo de Platão, coroadado de violetas, pisando timidamente o chão com as suas sandalias douradas, perguntou ao mestre como deveria agradecer a honra que lhe concediam. Platão olhou, e disse-lhe apenas: Amigo, com simplicidade”.

João Cunha dêz que penetrou a arena da publicidade se não mirou n’outro espelho. O conselho de Platão fel-o a figura grandemente acatada que todos veneravamos, creando-lhe aquelle halo de sympathia em que nos habituaramos a vel-o sempre affavel, simples, communicativo.

Aqui está, por exemplo, um seu trabalho de trinta annos atraz: — “No album de Emma Aurora”

E’ um retalho da alma de João Cunha, filigrana dourada do seu espirito e que põe de realce a delicadeza do seu bonissimo coração.

Leio-o com prazer, tanto nelle se reflecte a pureza do sentir do seu autor.

Reparastes, certo, a modestia, o quê de acanhamento com que buscou se excusar da amavel solicitação e, por fim, o voto altamente expressivo — por que fizesse Deus a gentil possuidora do album tão feliz quanto já a fizera formosa.

Não lhe desejou glórias nem fortuna. Fez votos por sua felicidade, a felicidade que constitue o ideal por que tanto estremece o coração de uma menina.

Elle que nunca teve ambições, que nunca cultivou a vaidade, não poderia ter imaginação outra felicidade áquella moça senão a felicidade do lar, a felicidade do coração, essa que jamais fallece quando amparada na dignidade e no amor. Desejou-lhe o summo bem, fortuna que com todas as véras d'alma desejaria ás proprias filhas cujos carinhos lhe povoaram a vida de sorrisos.

Eu disse que João Cunha não cultivou a vaidade.

Disse mal? Não cultivou porque, guarda-livros ou Secretario de Estado, posição a que foi entre nós por tres vezes conduzido, ninguem lhe percebeu nunca qualquer variação nos habitos ou maneiras de tratar. Era sempre o mesmo Cunha amigo, leal, sincero, bom e generoso. Nenhuma jactancia no fastigio, nenhum lamento na adversidade. Vida emersoniana: modesta e igual para não ser pomposa e desigual.

Em "Espelho d'Ariel", Ronald de Carvalho escreve: — "Cultivemos a nossa vaidade já que a não podemos dominar com mão segura, mas cultivemo-la discretamente, sem os despropositos do orgulho mal educado que é uma das formas mais sensíveis da nossa estupidez. Lembremo-nos que somos esphemeros, e que tudo quanto nos cerca participa do mesmo defeito, ou possivelmente, de igual virtude".

Bem pode ser que assim, discretamente, sentisse alguma vez João Cunha os effluvios da vaidade; certo é,

Eil-o:

“O album é um escrínio avelludado onde os amadores de raridades e exquisitices colleccionam e expoem ás vistas curiosas dos visitantes, as amostras intellectuaes, ricas ou pobres, arrancadas aos minérios do pensamento.

Para adornar um album, pois, não basta que lhe possamos trazer flores mimosas e perfumadas cujo aroma suave em breve se evolaria e as petalas resequidas se haviam de desprender e rolar esparsas pelo chão; é necessario incrustarmos-lhe bem fundo, nas paginas alvissimas, o que de mais raro e limpido e puro tenhamos descoberto entre as perolas d'alma geradas e as crystalinas gemmas do coração.

Estas preciosidades, senhorita, onde irei buscal-as, eu que não possúo o thesouro inexhaurivel da intelligencia, o veio do genio, a intuição artistica do bello, d'onde manam em dulcissimos caudaes as fontes divinas da inspiração?

Bem sabeis, senhorita eu sou pauperrimo...

De meu, — nada possúo; nem este coração que aqui trago oculto, já me não pertence mais, vós bem sabeis, senhorita!

E era essa minha unica riqueza!

Hoje me restam — desejos, desejos, vagas esperanças e algumas illusões...

Se, entretanto, me permittis que entre aquelles eu vos dedique o melhor que possa formular, digno de figurar nas paginas alvissimas deste album, ahi o tendes:

— Que Deus vos faça tão feliz quanto lhe aprouvevos fazer formosa”.

Simple, tudo que ha de mais simples as impressões de João Cunha no album da senhorita Emma.

porem, que nunca permittiu a quem quer que fosse lhe apontasse “desproposito de orgulho” nem bem nem mal educado.

Organisação superior, se tinha forças para supportar o ostracismo o mais rude com a serenidade de um justo, melhormente se preservava de excessos quando no poder.

Honesto, visceralmente honesto, não se lhe accusa um deslize em toda a longa vida publica.

A revolução de 30 veio afastal-o da Secretaria de Estado no governo Annibal de Toledo, de quem era ainda 1º vice-presidente. Dessas alturas, onde realmente brilhava pelo prestigio do seu saber e pela respeitabilidade do seu character, pobre, pauperrimo, rolou para o ostracismo, retomando as occupações de guarda-livros num escriptorio commercial desta capital, d’onde tirava, quando a morte o colheu, a subsistencia da familia.

Quanta resignação, quanta energia naquelle nobre coração !

No trabalho buscava o esquecimento ás suas maguas, sem deixar reflectir uma nuvem de tristeza.

Certa vez, em que lhe elogiavam a rija enfibratura respondeu: — “Não tenho o direito de contaminar aos outros minha desventura”.

Era uma expressão offuscante de uma superioridade irreprochavel.

E ninguem supponha, pelo que aqui fica dito, que João Cunha, com aquelle temperamento de excepção, fosse uma alma fechada, natureza de casmurro, ares de misantropo.

Nada disso. A sua alma era assim como uma casa em festa: toda claridade, toda sorrisos e alegria. Accessivel, franca, sem rebuços suspeitos nem sombras desconcertantes.

No seio da familia ou em rodas de amigos era sempre o mesmo espirito jovial, brincalhão e encantadoramente communicativo.

Prova-o "Garça viuva", a chronica scintillante em que Cunha dá copia bem definida do seu invejavel bom humor.

Nella o autor descreve com graça e arte requintada a historia de uma garça muito alva, pura, sem nódoa, nem a mais leve mancha, que lá estava, todas as manhãs e todas as tardes, á beira da mesma lagôa, longamente immovel, como mergulhada em profundo meditar, ou tomada de tristeza immensa; e outras vezes, inquieta, desesperada, como se procurasse inutilmente algum quasi apagado vestigio, ou signal incerto do objecto amado que ali perdera...

De um lado para outro andava, perquiria, investigava, scismava. Não foi aqui... Seria ali? Aquem? Alem?

Contaram-lhe, afinal, a historia tristissima da garça solitaria.

Um mercador de pennas, avido de lucros, assassinará ali, de um tiro certo, da garça o companheiro.

Era, assim, "ali o cemiterio em que todos os dias vinha ella carpir", até que, de outra vez, o mesmo caçador impiedoso, junto delle a matou".

E conclue:

"Ah! Mas quando ellas souberem, como vós, oh adoraveis garças de collo de alabastro, que será possível um novo casamento... quando ellas souberem..."

Numa serie de pensamentos, verdadeiras sentenças de irrecusavel philosophia, Alberto Rangel, em "Papeis pintados", insere: "Para tirar a força ás arraias corta-se-

lhes a cauda. Expurgar a sinceridade de seus extremos é reduzi-la a cousa nenhuma”.

Era o que eu teria a responder se increpado fosse de, neste elogio, me haver resvalado pelos extremos da amizade que a João Cunha me prendia.

Nem assim, porem, se lhe teriam diminuido os meritos ou lhe offuscado a gloria.

Esta não repousa nos “extremos da minha sinceridade” mas se assenta no pedestal grandioso da sua inegalavel bondade.

Ruy Barbosa, a quem Coelho Netto chama o “homem forte que, elle só, como um novo Atlante sustenta nos hombros toda uma Patria, levantando-a tão alto que todo o mundo a vê e, vendo-a, admira-a, enlevado em sua belleza”, esse augusto predestinado assim se expressou em discurso memoravel de collação de gráo:

“Por distinctos, porem, que vos logreis fazer entre todos, ainda que o mundo vos enrame a fronte de coroas, e o nome se vos grave entre os privilegiados da fama, não seja nenhum de vós confiado da sua sufficiencia.

Porque só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade.”

Senhores: Que digam se eu exaggéro as saudades, as doloridas saudades em que estamos todos a recordar neste momento o grande e bondoso amigo que perdemos.

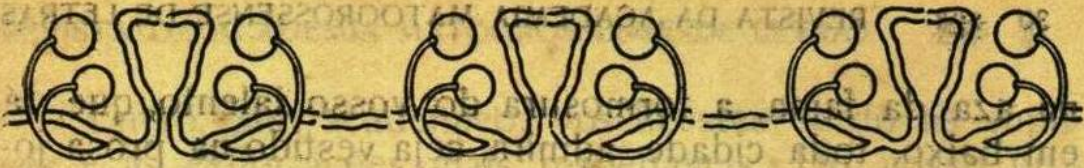
Ainda ao baixar ao tumulo, disse-lhe o honrado e culto presidente desta Academia: “Dizem que foi o coração que te matou. E’ por elle, de resto, que morremos todos, mas no teu caso, alem da diagnose da sciencia, fala o testemunho dos que te conhecemos. Vivate pelo coração e é justo que por elle viesses a morrer.”

Essa é a sua verdadeira gloria e que ninguem lhe apoucará.

Discurso**de recepção****pelo****academico***Olegario de Barros*

Cabe-vos, permiti que vo-lo diga, não só a vós, a culpa deste deslocamento, no tempo, da apothese com que vos recebe a Academia Mattogrossense de Letras, na qual entraes, não como uma vergonosa traça e suspirada vida, que precisa enfolhar-se para depois produzir, porém como um cerne alto e magestoso em cuja umbella canta a harmonia da arte.

Mas, ainda não é tarde, se bem que ha muito vos esperavamos aqui. Porque não vos fallou, desde que, mão grada as pagas, tomos levantando, com lé ardente, este tempo do direito de, por vosso proprio merito, nelle penetrardes e nelle tomardes o vosso assento sem o menor constrangimento ou desconfiança. Já vos muito conheciamos. Por estes porticos simbolicos percorria



NÃO, Sr. academico Amarilio Novis. A vossa duvida é apenas um receio sem fundamento, producto da phantasia de vossa imaginação. E a certeza amavel do vosso merecimento, como homem de letras, está na significação expressiva deste scenario esplendido, luxuoso e palpitante dos applausos que ainda agora provocastes.

Cabe-vos, permittí que vo-lo diga, 'ão só a vós, a a culpa deste deslocamento, no tempo, da apotheose com que vos recebe a Academia Mattogrossense de Letras, na qual entraes, não como uma vergontea fraca e suspirosa de vida, que precisa enfolhar-se para depois produzir, porém como um cerne alto e magestoso em cuja umbella canta a harmonia da arte.

Mas, ainda não é tarde, se bem que ha muito vos esperavamos aqui. Porque não vos faltou, desde que, máo grado as pragas, fomos levantando, com fé ardente, este templo, o direito de, por vosso proprio merito, nelle penetrardes, e nelle tomardes o vosso assento sem o menor constrangimento ou desconfiança. Já vos muito conheciamos Por estes porticos simbolicos percorria

na aza da fama, a formosura do vosso talento, que, lá em baixo, toda cidade admira, seja vestido na prosa jovial dos sueltos, na polichromia do vosso verso, ou, e sobretudo, no discreto aroma intellectual, perfume seductor e irresistivel, como a luz, que o vosso humorismo espalha.

Sim crêde no que vos affirmo, ao vos estender, neste momento, a mão amiga no limiar destas sagradas arcadas. As vossas galanterias já haviam, dominadoramente, seduzido a bella dama que ora conquistaes e, por isso, repito-vos, deveis culpar tão só á vossa timidez de esquivo namorado a demora desta solennidade consagradora.

Senhores!

Nem sempre ficamos acorrentados ás seducções do ambiente. Nem sempre as forças componentes do momento em que prevalecem os traços incoercivies das tendencias economicas possuem o imperio sufficiente para nos esmagar, asphixiando-nos. Contra o despotismo desses choques descarregados sobre o nosso espirito, muita vez, levanta-se, reagindo decisivamente, um idealismo talhado em outras formulas mais suggestivas que corrigem, felizmente, a imposição desse fatalismo material.

E a prova de que é possível essa reacção do homem fascinado por um ideal mais apurado, quem no-la dá é o academico Amarilio Novis. Exactamente. Reagiu e triumphou, precisamente quando chegara á terrivel encruzilhada donde partem as variantes que nos conduzem á derrota ou á gloria.

A força envólvente, que, por varios annos, empolgara a vida norte mattogrossense não teve o feitiço, o magnetismo capaz de domar a inquietação instinctiva e rebellada do seu espirito.

Então, Snr. academico, vos fizestes surdo ás supplicas e ás exhortações mais respeitaveis. Do vosso proprio lar partiram, tentando seduzir-vos, repetidos conselhos que vos apontavam, no futuro, uma vida talvez luxuosa e confortavel, na gerencia de um escriptorio commercial.

A industria extractiva da borracha era como uma preocupação visceral. Desenrolou-se, aos olhos dos que viviam no Norte do Estado, um novello azul. A phantasia dos milhões, como nos contos de fadas, cegava. Bastava, ao homem, sangrar as arvores. E quando dormia, a rede estirada entre dois galhos por onde a hostia do luar, transpondo o ceu sereno, lhe abençoava o somno, a caudal das libras inglezas, tinindo, vinha, cascadeando, desaguar nas suas algibeiras profundas. A febre alastrou-se. Os municipios da Capital, Rosario, Carceres, e Diamantino constituiram uma vastidão theatral em que se moviam centenas de actores rusticos sob a copa luxuriante e esbelta das nossas seringueiras. Pelas estradas, mosqueando o chão calcinado e batido, os cascos das alimarias, em longos cordões, carregadas de mercadorias, quando iam, e, de borracha, quando voltavam, retiniam nas pedras, galgando chapadões, descendo valles, vadeando ribeirões, óra á sombra, óra á luz, sob a serenidade dos nossos amplos céos tropicaes. Afinal chegavam. E todo esse mundo botanico, enquanto o exercito, aurisedento, lhe feria em cutiladas curvas o tronco virgem, pojando o seio fecundo, aos gorgolões quasi, o leite de prata, todo elle era uma festa, um hymno immenso de esperanças. Era a victoria da seringueira. Todo o Norte maravilhoso gravitava em torno dessa arvore abençoada, obsidente. Ao seu docel teciamos o nosso futuro, e organizavamos o nosso Estado, nutrin-do todos os seus recantos, com a vida que ella nos dava. Tudo, tudo, então, estava condicionado, quasi exclusivamente, ás suas raizes, que traçavam, na potencia da sua assimilação, o diagramma da nossa existencia, a

gloria da nossa abastança e a grandeza do nosso destino. Pois bem, meus Senrs., contra essa força preponderante reagiu Amarilio Novis. E resistiu a rogos os mais persuasivos. De nada valeram as razões de ordem pratica com que os seus amigos e parentes o seduziam.

E' que, na complexidade do seu ser, havia, sobrepujando a simples sêde do ouro, uma fagulha divina a crépitar, processo conciliador que corrigia os excessos numa formula isintinctiva de creações mais estheticas, que não mata, antes, accende e dá maior brilho e belleza a chamma pura do ideal. Modelava, assim, numa visão do subconsciente, o seu sonho de artista. E o sonho, meus amigos, talvez ainda seja a unica realidade que valha na vida. Aloysio de Castro o affirma:

Do que o mundo me dêr, pompas, gloria ou fortuna
Tudo se extinguirá, ou seja cedo ou tarde;

O barco que a singrar galerno vento enfuna
Se abysma em temporal sem porto que o resguarde.

A' manhã segue o dia, a noite á sobretarde....

Como faz e desfaz o vento a mobil duna,

O que veio se irá! Que nunca me acobarde,

Na prospera existencia ou na infeliz fortuna.

Nada aspiro, nem mais no fatigado curso

Dos dias esperança ou vão desejo ponho,

E já me sinto além, noutro horizonte incurso.

Mas tudo quanto eu perca, os versos que componho

Me restem, bem supremo e supremo recurso

Que da vida só quero a vida do meu sonho!

Foi a visão antecipada do jardim admiravel, que viria, depois, crear, aos toques magicos do seu talento, riquezas impereciveis, pequeninos mundos, esferas irrisadas, rondando em volta da arte immortal, que o deteve e o inflectiu brandamente para um centro de cultura onde poude realizar o seu brilhante apostolado nas letras. E eis-o, meus senhores, entre nós, a traçar pela penna e pela voz, pela imprensa e pela palavra, essa parabola coruscante, onde ha côres tremulas de auroras, roseiras em flôr e cantos nostalgicos de patativa, enquanto, sob a amarga ironia das nossas noites profundamente escuras e profundamente constelladas, as seringueiras desencantadas hoje dormem e sonham ui-vando no gemido do vento selvagem.

Sr. Academico:

Dir-se-ia perfeitamente exacto, em seus lineamentos metaphysicos, o pensamento hegeliano, ao fixarmos, nos seus traços contradictorios, no seu claro-escuro, a perspectiva da poltrona que hoje vindes occupar, pois, contrapondo-se á vivacidade da vossa vida crepitante de prazer, numa das suas expressões mais felizes, como acabastes de afirmar, surge a sombra lacrimosa a qual succedeis. Realmente, a antithese choca e o espirito annuvia-se. Através da exaltação de uma justissima alegria e de um entusiasmo transbordante, como accusastes, descobre-se, no fundo da paisagem ensolarada, a visão do amigo extinto emergindo da florescencia, cada vez maior, da nossa saudade.

Emquanto declamaes versos, como que despetaes rosas, subindo, em volutas macias, o incenso do sonho que se abre em franjas multicôres, colhendo, em suas dobras, o phantasma do companheiro.

Extremadas as idéas de vida e de morte á primeira vista, entanto subitamente, ellas se fundem numa synthese confortadora e radiosa. E' simplesmente apparen-

te a opposição. O que fallaes para o nosso encanto flue do vosso sentimento, é essencia rescendente, é luz immortal que prescinde da materia para viver, florescer e dominar, como, outr'ora, dessa mesma poltrona que honraes, João Cunha dominava e seduzia. Ambos vós, qual de sua vez, para aqui viestes trazidos pela mesma força divina do pensamento que transcende as antitheses, na unidade e na harmonia, velada pela cortina transitoria da carne.

Realizastes suavemente a arte que desborda crystallina dos vossos nobres sentimentos instinctivos. Daqui partistes. E transposta a matinada academica, na gloriosa Bahia, terminando o lustro com gabos de todos os que seguiram o evoluer do vosso curso juridico, regressastes aos vossos pagos jamais esquecidos ou mesmo attenuada a sua imagem na distancia que vos separava daqui, como se este chão nosso se prolongasse numa chamma tellurica, illuminando o coração do filho ausente. E de volta, devolvido o joven, conquistastes logo o posto que mereceis.

Efeito, porventura, de uma diathese, que pertenceis a uma familia de verdadeiros talentos que esmaltam de luz voltaica, marcando-lhe os altos picos, a orographia da intellectualidade mattogrosense, a vossa conducta, quer na magistratura, na qual ninguem vos ultrapassou na impessoalidade com que decidis, como na das bellas letras, obedece o mesmo rithmo, um mesmo anseio de perfeição cada vez maior.

Em face da abundante e valiosa producção litteraria com que nos tendes deliciado, principalmente na imprensa, não hesito em filiar-vos entre os que professam o humorismo entre nós. Outras fossem as condições culturaes do meio e, sr. academico Amarilio Novis, essa palpação, triste e brilhante ao mesmo tempo, resultante da intelligencia e da sensibilidade aprimoradas, ter-se-ia manifestado de modo ainda mais pujante, tão cla-

ro e pronunciado é esse penhor raríssimo do vosso espirito.

Faltar-vos-ia, talvez, pequena sombra para realçar mais o quadro em que se revela o humourismo: esse estado especial da alma soffredora do *humour*, tarja crepuscular descendo, melancolica, sobre a névoa das montanhas. Realmente. Consistindo a missão do humourismo na analyse das obras, para deixar, á flôr da pelle, o ridiculo, donde brote o jorro fecundo do riso intelligente, acontece que, no exercicio dessa vingança superior, trachada á ponta de diamante, á força do contacto permanente com os defeitos multiformes do homem, resulta uma reacção dolorosa, senão um pessimismo atróz, de desenganos successivos.

Entretanto o vosso temperamento é de uma jovialidade sem par! Praia de areias de ouro batida de sol jocundo, céu varrido de nuvens em que grita, bimbalha em festas, a alma da alegria. Sois como uma clara manhã de primavera.

“Mai, le mois d’amour, mai rose et rayonnant,

Mai, dont la robe vert est chaque jour plus ample.

Assim sois vós; pelo menos o cremos sejaes, salvo nessas canções de luz que irradiaes se sublimam misteriosas melancolias, amarguras transformadas que encham de lavas comburentes a vossa alma.

Mas, não é possível.

O humorismo, por outro lado, não deve ser mercadoria de importação, como o pinho de Riga e o cimento Portland.

Não é possível haja uma fórmula irreductível para o humorismo. Filiado ao sentimento, como manifestação da arte, forçoso é que elle varie. Assim como nas plagas luzitanas, as tricanas languidas se quebram ao som gemente das guitarras no fado brejeiro, aqui, nas tardes das nossas aldeias, ao pranto do violão amigo, a

modinha sertaneja sobe, como um osculo, no ar de veludo das noites de luar.

Ao em vez, portanto, deste humourismo typo Heine ou typo Sterne, labaredas dilacerantes que queimam, do berço ao tumulo, e se transformam em risos dolorosos, enquanto, na garganta, rebentam os soluços, muito melhor será a liberdade de cada terra escolher o seu humourismo, como possui o seu sol e seu luar.

Não temos, ainda, esse padrão de humourismo, irmão gêmeo do scepticismo, é verdade. Para o dogmatismo literario d'alem mar, o sentido do humourismo official está num requinte de sensibilidade que, digamos de passagem, ainda não possuímos.

No Brazil, talvez mesmo em Portugal, taes affirmações são rarissimas. valendo destacar-se o nome rutilo de Machado de Assis entre nós, influenciado por Sterne, e, em Portugal, mais esmaecidos, Eça e Camillo, aquelle "um francez nascido em Portugal" e este mais affeçoado á chalaça contundente do que á suavidade elegante da ironia.

Vou ler, meus srs, do academico Amarilio Novis, escolhida ao acaso, de innumeradas "Folhas ao Vento", alguns trechos, sempre elaborados ás pressas, enquanto o typografo impaciente espera a collaboração literaria. O collaborador escreve sobre a perna, galopando o lapis no papel, á maneira das exigencias dos hospedes que o hoteleiro cumpre *à la minuta*.

Folhas ao vento

Em tempos que já vão longe, uma das minhas visitas mais frequentes, aos domingos, era a chacara do Ramiro, ali onde hoje a Escola dos Aprendizes Artifices, sem estrepido nem matizada, realisa devotadamente a obra altissima a que foi destinada.

A esse tempo, a chacara era um mimo do mais refinado bom gosto. Fructas e flôres obtinham-se das mais raras especies naquella magnifica vivenda.

E, sobrepairando nesse ambiente pitoresco de sombras e perfumes, a fidalguia do casal Ramiro, o espirito scintilante do velho companheiro, causeur admiravel, geralmente festejado.

Encarregado do pomar era, então o Athanazio, preto, alto, dedicado, respeitador como a maioria dos serviaes daquella epocha.

De uma feita o Ramiro me preparou um sortimento de fructas escolhidas, e, ao envés de, como de costume, entregar ao Athanazio o cesto precioso para que m'o levasse, me disse:

— As suas fructas irão á tarde. O preto foi esta noite ao velorio de um compadre e deve estar a dormir.

Nisto passava o camarada na faina costumeira.

— Chamou o Ramiro:

— Vem cá Athanazio.

Não me disseste hontem que ias a um velorio?

E o preto, rodando o chapéo nas mãos:

Disse, nhor sim. Mas não tinha cachaça lá, voltei.

— E a consideração ao defuncto?

Respondeu-lhe o Athanazio, dando para o lado uma cusparada de fumo mascado:

— Velorio sem pinga ... gente nem não sinte ...

As festas do Divino que estão se realizando no corrente anno me fizeram lembrar do preto Athanazio: Sem almoço na «casa da festa» ... a gente até perde a fé...

Amarillo Novis surge-nos, agora, paizagista, procurando surprehender nos quadros da natureza os quadros da vida humana. Tintas leves, contornos e sombras, debuxando-se sob a nevoa de uma melancolia que a Palheta distribue com sobriedade e arte:

A MULATEIRA

A ventania que hontem desabou sobre a cidade lançou por terra uma linda "mulateira" que havia no quintal vizinho, aos fundos de minha casa.

A "mulateira" é uma arvore de elite, digna de figurar nos parques aristocraticos. De troncos e galhos amarellos como feito de cêra, ostenta uma fronde de magnifica verdura, que é o encanto do passaredo.

Aquella que hontem baqueou era tambem como a arvore da canção da "casa de caboclo": pela manhã — que belleza! — era "assim de sabiá"...

Ultimamente, então, remoçada pelas primeiras chuvas, a bella arvore parecia ser o pouso predilecto dos passaros todos da cidade.

Gostava de vê-la, da minha rêde de estudos, atravez de uma janella, feliz e soberba n'aquella orquestração maravilhosa, admiravel de gorgeios.

A despeito de todo o seu vigor, a bella "mulateira" foi victima da ventania furibunda de hontem. Tombou, mas tombou com grande estrépito, que nem os gritos da tempestade puderam suffocar.

Passada a tormênta, vi-a estendida ao solo, immensa, gigantesca, enquanto se aprestavam, ao lado, os funeraes por machado impiedoso.



Entraram de mutilal-a. Ouvi com arrepio de dó ás pancadas ríhmadadas que lhe rasgavam o cerne rescendente.

Mas o meu prazer deveras se avultou, quando buscando da minha rêde, a galharada sorridente e festiva da linda "mulateira", apenas vi o espaço branco e inexpressivo de um vasio doloroso.

Nem pipilo de ave, nem zigzag de azas ageis.

A nesga da janella que me reflectia a vida, n'uma expressão encantadoramente poetica, debuxa hoje, na immutabilidade de um rectangulo de infinito, o vacuo torturante que succede á morte.

Contemplemo-lo, agora, num traço marcante de agudez psicologica.

O CASCU DO

Ha na casa onde móro, um grande deposito de cimento para agua, com capacidade presumivel de 1200 litros.

Julgei de bom aviso nelle fazer lançar alguns peixinhos para combate ás laryas de mosquitos. Dei essa incumbencia, em dia da ultima semana, a um moleque da visinhança que, ao cabo de duas horas, voltava trazendo apenas, n'uma cuia, um "cascudo", lastimando, com iusta razão, a inefficacia da rêde de "S. Caetano", já incompativel com a sabedoria dos peixes desta segunda Republica.

Que diabo! Um peixinho só e ainda por cima um trem daquelle, feio, mal acabado, asqueroso ... E agora? pensei.



Mas o moleque interferiu a favor do "cascudo". Convenceu-me de que, a despeito de sua hediondez, o "cascudinho", além de perfeitamente corresponder ao fim por mim visado, tinha sobre os outros peixes, um merito notavel: comia o limo do tanque.

Não houve hesitar. Da cuia onde veio, asphixiante, saltou o peixinho livre, feliz e contente para a agua do deposito, como um pé que do sapato apertado achasse a gostosura do chinello velho.

Quando nesse dia chegaram do collegio as minhas filhinas, uma de sete e outra de oito annos, correram alvoroçadas, curiosas a vêr o peixe horrendo do deposito.

Acompanhei-as a gozar o espanto, a admiração que, certo, teriam em face do monstrengo. O espanto, porém, foi meu ao vêr que as meninas longe de o acharem horroroso, admiravam-lhe a graça, a brejeirice, no corre-corre pelo deposito, como que a querer de prompto se familiarisar com as suas novas installações. E até eu mesmo não achei, então, o peixinho tão feio, satisfeito e ligeiro como se mostrava elle no fundo d'agua.

Hontem o deposito entrou em fachina.

E quando, exgottada a agua, lá surgiu, na plenitude da sua fealdade, o repellente "cascudo" as meninas o não reconheceram. Coberto de lama, era nauseante. E, visto de perto, fóra d'agua, todos os defeitos do pobre "cascudo" foram postos a nú; era desgracioso, aspero, papudinho, e até uma das meninas achou que elle mais parecia cigarra do que peixe.

Nem só a agua realiza o milagre das falsas apparencias. A posição social e o dinheiro tambem costumam, por vezes, apresentar authenticos "cascudos" da especie humana como verdadeiras maravilhas da criação.

Se lhes foge, porém, a maré da sorte, e são lançados á valla commum do ostracismo ou da pobreza, não

ha defeito, nem mazella que se lhes não descubram...

Registemos uma particularidade: Amarilio Novis tem o condão, graças á plasticidade do estylo encantador, quando compõe os seus topicos, redige as suas anedotas mettendo á bulha os homens, de tornar presente, multiplo e variado, satisfazendo todos os planos da hierarchia mental, desde o modesto representante da plebe até ao mais alto indice cultural. Analyza com argucia de flente de accentuado potencia! amplificador, descobrindo, sob o disfarce das tatuagens, as maculas para os seus motejos, dissociando, com assombrosa facilidade, os elementos que empanam a perspectiva da visão, de modo que o comico salta, nú, aos olhos. E fustiga, mas fustiga como as abelhas que queimam porém deixam na ferida a delicia do mel, essa rosa magnifica do riso, sem nunca, entretanto, attingir á ferocidade de outras terras.

Essa amplitude na capacidade de analyse não se reduz quando se transforma na capacidade de soffrer a acção dos estímulos que fallam directamente aos sagrados dominios da poesia. Assim como sabe decifrar nas escalas sociaes os vicios que afeiam, sabe, sentir, quando, nas linhas da carne martyrizadas lampejam os signos do soffrimento. Eleva, assim, a missão do artista. O cilicio espiritualiza, florescendo na bondade e na indulgencia. Bastaria a seducção dessa these dolorida que descrevestes no "Lazaro", para, Sr. Amarilio Novis, se desvendar a formosura christã da vossa conformação moral. No transporte glorificador desse Calvario que cantaes, em que se despedaçam carnes, e irrompe a rubra floração das chagas, revelaes uma nova luz no sacerdocio do verdadeiro artista.

Não mais podendo andar, em chaga viva, os pés,

O triste viajor, por horas bem crueis,


Se vê na estrada só, sem nada de esperanza

De um dia mais viver. Eis, quando, uma criança

De um sitio ali bem perto, a faina do campeio
De bois para o serviço, ao pobre, sem receio,
Dirige-se tranquillo e com a ternura indaga:
—Que tens, meu pobre velho? Que damninha praga
Te dá tão feio aspecto e a carne te consome?
Que dôr te mortifica? Acaso tu tens fome?
Ou fez-te mal algum? Confia, amigo, em mim,
Que irei chamar meu pae p'ra te vingar do ruim
Que te não respeitou, miserrimo, a esmolar.
A voz desse petiz fez lázaro chorar,
E já, de peito oppresso, a fala entrecortada,
De quem, a um passo, sente a morte já chegada,
Apenas balbucia: Oh! Deus, eu vos supplico
Que o humano coração, Senhor, torneis tão rico
Como desta criança que a bondade immensa
Do pae celestial poz na minha presença
No instante derradeiro de um martyrio atróz.
No horror do desenlace, o pastorzinho, a sós,
Desata do pescoço a sua medalhinha,
E pondo-a á mão do morto, á Santa Terezinha,
Rogou que ella o levasse aos pés do Bom Jesus,
Onde, então, deporá a sua immensa cruz...

Essa exteriorização de vossa fidalga personalidade interior mais vos eleva, sobrepondo o poeta ao humorista. Na vós dessa criança, ha, tambem, uma ironia subtil e delicada.

Prosador e poeta, forjou o vosso talento as columnas de ouro que, neste momento, se erguem á entrada desta academia, apoiando o arco do vosso triumpho. Sêde benvindo.



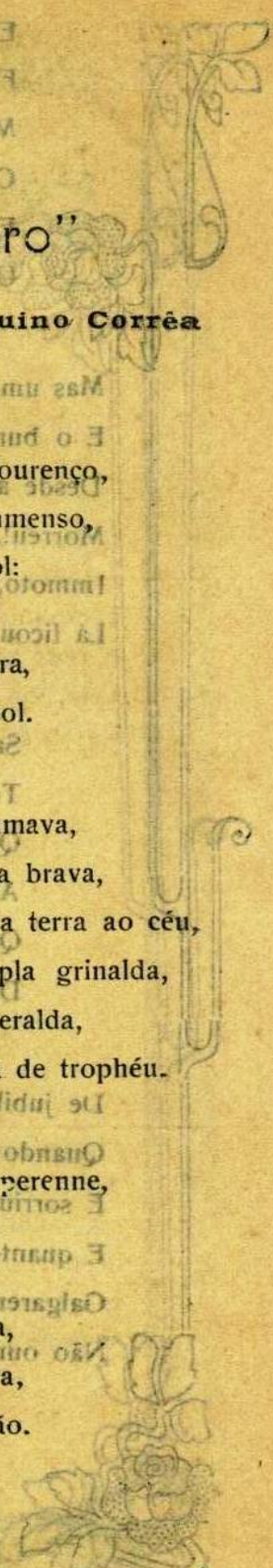
"Buriti solteiro"


D. Aquino Corrêa

Nos chapadões em flôr, onde o alto S. Lourenço,
Atravessava outrôra um sertão bruto e immenso,
O "buriti solteiro" erguêra a fronde ao sol:
Erecto, solitario, em meio da planura,
Respirava, no azul, a atmospherã mais pura,
Fitando sempre o céu, de arrebol a arrebol.


O fuste rectilíneo e esbelto se apumava,
Sobre aquelle esplendor da natureza brava,
Como um traço de união, ligando a terra ao céu,
E das palmas abria ao vento a ampla grinalda,
Qual se fôra cocar massiço de esmeralda,
Que um gigante ostentasse á guiza de trophéu.

De todo o valle, a flux, num grande lausperenne,
Numa como oblação liturgica e solenne,
Subia a elle a vida ardente do sertão,
Os aromas da flora a fremer, fibra a fibra,
E toda essa harmonia universal, que vibra,
E canta em cada sêr, aos éstos da criação.





E elle, no alto, á feição dum bardo santo e calmo,
Fundindo essa poesia infinita num psalmo
Mais grandioso que a voz de todos os orpheus,
Cantava sem cessar, na solidão bravia,
E as folhas a tremer, dedilhar parecia
Uma invisível harpa etherea, ao pé de Deus!



Mas um dia o feriu, em plena frente, o raio,
E o buriti morreu! Houve um longo desmaio,
Desde as flôres da serra até o fundo paul.
Morreu!... porém o caule erguido, sobranceiro,
Immoto, indiferente aos raios e ao pampeiro,
Lá ficou apontando a immensidade azul!

Salve, augusta palmeira, ó buriti sagrado!

Testemunha talvez desse longo passado,
Que vae desde a prehistoria ignota dos brasis,
Até Luiz de Albuquerque, até D. Luiz de Castro,
Que passaram por ti, num luminoso rastro
De civilização promissora e feliz!


De jubilo, por certo, os leques agitaste,

Quando o Padre Siqueira avistou a tua haste,
E sorriu-te, ao volver, saudoso, de além-mar;

E quanto não folgaste ahi de têres visto

Galgarem-te o planalto as bandeiras de Christo,

Não ouro a descobrir, mas almas a salvar!



Hoje me quedo a olhar teu estipite morto,
Bem como um peregrino, a remirar, absorto,
Os tumulos do areal deserto de Gizé:
E cuido que tu foste algum pallido asceta,
Que passaste sonhando os teus sonhos de poeta,
Num extase de amor, de esperança e de fé!

Quem me déra viver, tal como tu viveste,
Contemplar sempre a luz dessa amplidão celeste,
Mas sempre a palpitar com a planície e com o val;
Solitario com Deus, solidario com a terra,
Sentir todo esse amor, que nas coisas se encerra,
Para eleva-lo ao céu, num canto universal!

E quando a morte houver os meus dias desfeito,
Quem déra aqui deixar algum heroico feito,
Algum verbo de luz, que não morra jamais,
Algum gesto sequer, que perdure no mundo,
Como o teu velho tronco, extinto, mas fecundo,
Apontando inda o azul dos mais bellos ideaes!



Por Matto Grosso Unido

JOSÉ DE MESQUITA

Desde quando, através de perigos sem nome,
o indio, a féra, a soidão, o frio, a peste, a fome,
varando a selva obscura, e a serra, e o pantanal,
o rude bandeirante, indomito e bravo,
veio, em suas monções, subindo rio a rio,
ter ao teu coração, minha Terra Natal,

desde a era distante em que o fascínio do ouro,
ou a prêa do indio fez descobrir-te o thesouro,
no verde seio ignoto e lindo do Brasil,
foste unia terra só, irmanada na gloria
como nas provações, na lucta ou na victoria,
Matto Grosso formoso, edenico e gentil.

C's teus lindes, de norte a sul, do orto ao occidente,
traçou-os, com mão ferrea, a nossa antiga gente,
em combates crueis e em lances geniaes,
desde Luis de Albuquerque, o grande, aos aguerridos
campeadores do sul que, entrenuos, destemidos,
souberam repellir o alienigena audaz.

Com sangue, não com fatvo e estulto palavreiro,
é que um Antonio João, de quinze homens ao meio,
disputou a fronteira ao intrepido invasor.

De Coimbra a Corumbá ainda freme e resôa
o esto heroico do prelio e ainda o canhão rebôa
para integra manter a nossa terra em flôr!

Como agora pensar siquer por um momento,
a não ser em fugaz, breve desvairamento,
em desfazer assim um trabalho de heroes?
Quebrar essa unidade a tanto custo obtida
seria renegar toda a passada vida
e em noite atra afundar tão claros arreboés...

Quem se atreve a altear o facho dessa lucta?
Que voz essa que além, isolada, se escuta,
a tentar dividir o que unido nasceu?

Parricidio hediondo e crime horripilante
fôra esse de fazer de um immenso gigante,
sem cabeça: um anão; sem corpo: um pigmeu.

Não! certo que esse atroz e iniquo pesadelo
em que, na noite má de trevas e de gelo,
vemos surgir tão negro e lugubre avejão,
não passa de um phantasma e ha de esvair-se em breve,
mal a aurora clarear da sua tinta leve
do horizonte da Patria a internina amplidão!

Separar? Nunca! O nosso ideal é, justamente,
cada vez mais fundir num abraço fremente,
numa união estreita, amiga, fraternal,

do paralelo oito ao Guayra que se espraia,
do caudal Guaporé ao placido Araguaya,
todo esse Matto Grosso immenso e sem igual!

Dous seculos de união e trabalho incessante
não pódem se esboroar ao primeiro rompante
de um phantasma que, emfim, não passa de illusão.
O Norte e o Sul não são dois oppostos extremos.
São parcellas de um todo integro que devemos,
qual nos veio, legar á nova geração.

Si o Norte é o coração onde vive e palpita
a Historia do que foi e a tradição invicta,
o Sul deve de ser o braço forte e audaz.
No rythmo da vida, as partes do organismo,
se ajustam, num perfeito e inteiro synchronismo,
no proficuo labor e na serena paz.

Eia, irmãos, nosso anheló é um só, o do progresso
desta gleba sem par que o ancestral indefesso
nos herdou para nós passarmos ao Porvir.
Por Matto Grosso unido! é o grito que ora echôa
por toda a immensidão da terra linda e bôa,
que Deus nos deu unida e querem dividir!

Por Matto Grosso unido, ou na vida ou na morte,
para que, cada vez mais altivo e mais forte,
possa, crescendo mais, no anseio varonil,
conquistar, dia a dia, a passos de gigante,
seu logar, na vanguarda heroica e fulgurante:
— por Matto Grosso unido e por um só Brasil!

CUIABA'

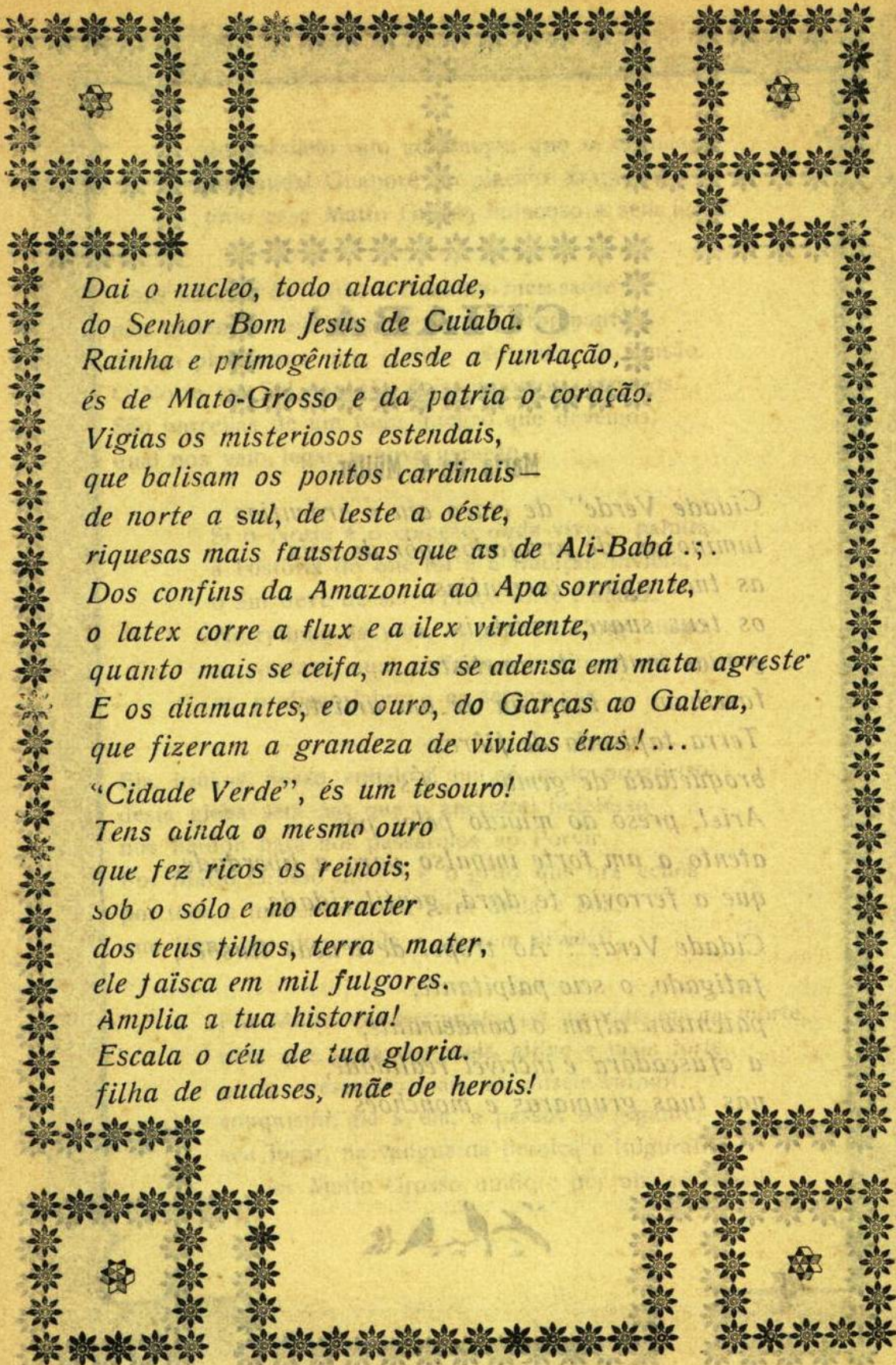
Maria de A. Müller

*Cidade Verde'' de claro céu e ardentias
luminosas, de arrojados pôr de sóis,
as tuas águas correntias,
os teus suaves arrebois
e tuas matas de ametista
fascinam a fantasia de um artista.*

*Terra tapisada de flôres
broquelada de gemas. És
Ariel, preso ao mundo pelos pés,
atento a um forte impulso para a liberdade,
que a ferrovia te dará, gentil cidade.*

*Cidade Verde''! Ao tropel de loucas ilusões,
fatigado, o seio palpitante,
patenteou alfim o bandeirante,
a ofuscadora e incrível realidade,
nas tuas grupiaras e monchões...*





*Dai o nucleo, todo alacridade,
do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.
Rainha e primogênita desde a fundação,
és de Mato-Grosso e da patria o coração.
Vigias os misteriosos estendais,
que balisam os pontos cardinais—
de norte a sul, de leste a oeste,
riquezas mais faustosas que as de Ali-Babá .; .
Dos confins da Amazonia ao Apa sorridente,
o latex corre a flux e a ilex viridente,
quanto mais se ceifa, mais se adensa em mata agreste
E os diamantes, e o ouro, do Garças ao Galera,
que fizeram a grandeza de vividas éras! . . .
“Cidade Verde”, és um tesouro!
Tens ainda o mesmo ouro
que fez ricos os reinois;
sob o sólo e no caracter
dos teus filhos, terra mater,
ele jaïscas em mil fulgores.
Amplia a tua historia!
Escala o céu de tua gloria.
filha de audases, mãe de herois!*

Quadros ruraes

A. Palmyro Pimenta

*De tarde. Estamos no seio
Do povoado Cafundão.
Dezembro. O rio está cheio
De pacas e peixe bom.*

*Lá vem o Tote, do Tito,
Cantando uns versos de amor...
Chamo-lhe poeta, e, elle, afflito:
— Ah! quem sou eu seu doutor!*

*De quem mais gostas, artista,
De Lamartine ou de Hugo?
— Eu gosto (e, baixando a vista,)
Da filha de nhó Vadô!*

*Nha Chica e Chico Ventura,
Da aldeia o mais velho par,
Não temem a catadura
Do divorcio vincular.*

*Ha quasi oitenta annos juntos,
Numa existencia feliz,
Esperam ficar defuntos
Sem lei, sem padre e sem juiz.*

*Pois é divino decreto
Que, em cousas do coração,
Vale mais que a lei, o affecto,
E, mais que o affecto, o perdão!*

*E, em materia de politica,
O sertanejo é um canario...
E vae, de forma analitica,
Ao poder descricionario.*

*E, um jutro, a teoria externa...
E, com logica e calor,
Defende a forma moderna
De governo—interventor...*

*Na roça, os bandos dispersos
Cantam uns cantos de Jób
Fonte, por certo, dos versos
De Antonio Nobre, do Só!*

*E uma jovem, junto ao arado
De grandes olhos dolentes,
Deixa um sorriso estampado
No esmalte branco dos dentes.*

*Mas eis que a jovem da roça,
De apparencia ingenua e esquiva,
Empina o busto, é outra moça,
Nessa postura lasciva.*

*E o aspecto muda e o sorriso...
E, à luz do sol meridiano,
A these aceito e analizo
Do recalque Freudiano.*

*Meio dia, sol a pino!
Canta a cigarra o calor!
Abençôa teu destino
Na tua gleba, ó lavrador!*

*E de noite, na familia,
Vê tua gloria sem par,
Não conheces a vigilia...
És santo no teu solar!*

*Levantar cedo a alma pede
E, por biblico maná,
Beber, ao pular da rede,
Um copo de guaraná.*

*E, de cocaras, fumando
Um fumo cheiroso e bom,
Passar tres horas mapeando,
Sem mudar de posição !*

*E, depois, hora do almoço,
O sabão e a toalha apanho ...
O amor é a pinga do moço,
E a minha pinga é um b. m banho.*

*E escorre o rio cantando ...
Ó rio quem não te estima ?
E fico á tona boiando,
E de papo para cima ...*

*E são, assim, sem alarde,
Todas as cousas ruraes.
Cuidar da roça, e, de tarde,
Ir cuidar dos animaes !*

*Rede e cigarro de palha ...
E, de bôco desatado,
Sentir o bem que não falha,
Num campo cheio de gado.*

*E os pulmões cheios de ar puro,
Cometto até desatino:
Á voz das aves misturo
A voz de um poema latino !*

*E, vencida a gleba dura,
Com as mesmas asperas mãos
Folhear, com doce ternura,
Frei Luiz de Souza e Camões !*

*E, depois, cousa estranhavel,
Só mesmo cousa de artista !
Pego outro livro adoravel
De acre sabor quinhentista.*

*E cousas dispáres ponho
Num plano, n'uma só parte:
Que tanto é capaz o sonho
De quanto é capaz a arte!*

*Passa um riacho alli perto
Aonde os bois vão beber...
Óh tardos bois, vós, por certo,
É que sabeis bem viver!*

*Nos vossos olhos ungidos
Quantas vizões não tereis!
Ha mais alma nos ungidos
Do que nas vozes dos reis!*

*Amo a cigarra estridente
Glorificando o verão;
E amo mais o olhar dolente
Do boi nostálgico e bem.*

*Bois humanos e tardonhos
Que bons companheiros sois!
Eu leio um poema de sonhos
Na solitude dos bois.*

*E, perto dos velhos bois,
Ao ver a tarde cair,
Fumar cigarro, e, depois,
Deitar na rede e dormir!*

ALLYRIO DE FIGUEIREDO





Um jubileu Sacerdotal

N. Corrêa Filho

No prefaciar o volume da *Livraria Classica*, no qual foram compendiados os melhores trechos de Bernardes para traze-los de novo a circulação, como ouro de lei expurgados da ganga, brilhante, mas sem valia, das dissertações dictadas pelo gosto em moda, e bruxarias incríveis, que lhe recheiam a obra afamada, não se pode furtar Castilho (A. F.), á tentação de confrontal-o com Vieira, cujo renome tambem se originou do claustro, onde ambos professaram.

Emquanto, porém, aquelle, na Congregação do O-
ratorio, se recolhia sobre si mesmo, piedosamente es-
quecido do mundo, para mais sublimar-se e alcançar os
premios prometidos aos paladinos da fé, o outro nobi-
litava a roupeta do jesuita, que levou a toda a parte,
onde fosse necessaria, para a defesa de suas doutrinas,
uma intelligencia esclarecida e sagaz, servida por talento
verbal inegualavel.

Cruzados da mesma causa, e educados para sus-
tental-a pela palavra, que manejavam com dextresa e
graça fóra do commum, divergiam sobremaneira nas suas
relações com o ambiente social.

“Sente-se, accentuou a proposito o suave purista ex-
traviado no seculo XIX, que Vieira, ainda falando do
ceo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda
falando das criaturas, estava absorto no Criador.

Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a Côrte,
para o mundo, e, Bernardes, para a cella, para si, para
o seu coração. Em Vieira morava o genio; em Bernar-
des o amor, que, em sendo verdadeiro, é tambem genio”.

A antithese do estylista mavioso com o orador, ain-
da hoje admirado pelas suas ousadias de eloquencia, e
força rara de expressão, salteou-nos a memoria, por oc-
casião da leitura de *Uma flor do Clero Cuiabano*, em
que surgem, irmanados pelos mesmos ideaes religiosos,
o seu autor, D. Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, e
o biographado, Padre Armindo Maria de Oliveira.

Exteriormente uniformizados pela batina salesiana,
que receberam no dia de S. José, após os mezes indis-
pensaveis de noviciado, que os aproximou um do outro
quando o seculo apenas principiara, a diversidade irre-
primivel de temperamento iria cedo manifestar-se, apon-
tando a cada qual o seu destino.

Ali, naquelle recanto bucolico, porém, ás margens
do lendario Coxipó, cujas aguas runcrosas pareciam
recordar canções epicas das monções bandeirantes, embe-

beram-se das mesmas leituras e meditações, que os emparceiraram nos ensaios libertadores das ligações terrenas.

Viviam exclusivamente para os sonhos de aperfeiçoamento moral, adstrictos á disciplina da congregação escolhida. E, particularidade curiosa, quem menos inclinado ãevera ser á vida religiosa, por pendores ancestraes, mais fervoroso e resolutivo se mostraria em abraçal-a.

A biographia salienta a perseverança com que o joven Armindo arrostou as negativas oppostas ás suas preferencias pela familia, que mais de uma vez, iria buscá-lo ao "Oratorio", dos noviços, para o demover do caminho malvisto.

Ao revez, o seu collega em nenhuma opposição esbarraria. Acompanhou-o, na retirada do mundo que lhe acenava com triumphos rutilantes, a benção paterna, dada pelo piedoso varão, de quem os Salesianos obtiveram tres militantes para as fileiras, um futuro antistete e duas irmãs de caridade.

Seria natural que mais fundamente se patenteasse arraigada e firme a devoção de quem estaria obedecendo aos influxos de seus ascendentes no seguir o sacerdocio tão do agrado do ancião, que pautava a sua vida pelos preceitos mais rigorosos da religião, do que do contradictor dos votos ardorosos dos seus progenitores tendentes a afastal-o dos altares.

Encantados pelas promessas de futura bemaventurança, emularam-se no cumprimento das prescripções fundamentaes da communitate salesiana, em que se iniciaram, quando a mocidade lhes estuava nos enthusiasmos de facil deflagração, ao mais simples pretexto.

O ambiente sedativo da chacara ribeirinha, cujo arvoredado, em que predominavam mangueiras imponentes, debruçadas sobre a correnteza, robusteceu-lhes os pendores vocacionaes, provocados e desenvolvidos pelos estudos, a que se entregaram.

Em vez do pantheismo, que seria consequencia logica da existencia no refugio bucolico, fóra do convívio humano cujas expressões lhes chegavam enaltecidas pela poesia dos que, outrora ou modernamente, se lhe embeberam do sentimento, ao menos como fonte inspiradora, abrazaram-se no culto methodizado por D. Bosco.

E mais fervorosamente, o fugitivo do lar paterno, que poz de manifesto vocação insopitavel, desde os primeiros esforços para evitar as tentações modificadoras de sua trajectoria modesta, que ora vem á luz, traçada pelo seu maior amigo e confidente dos primeiros tempos de vida religiosa, quando lograra triumphar dos obstaculos oppostos á sua iniciação.

Fiel aos votos de simplicidade e devoção, que no intimo fizera, apagou-se na fila dos collegas, ao lado dos quaes se collocaria de bom grado em ultimo lugar, se as determinações dos superiores não lhe indicassem outro posto de maiores trabalhos.

Temperamento mystico, alimentava condições próprias á expansão de suas tendencias, que o extremavam entre os noviços, pela humildade de suas attitudes, sempre adstrictas á obediencia, pela simplicidade de seus pensamentos, como se pretendesse conservar-se ingenuo feito criança, pela suavidade ininterrupta de suas maneiras, refractarias ás intempestivas provocações.

“A simplicidade rescendia em todo o seu habito exterior,» depõe o preclaro biographo, desde o vestir muito commum e despretençioso, desde os cabellos aparados sempre á escovinha, até á modestia religiosa, que lhe vedava o coração numa especie desse “jardim fechado”, que se lê no mesmo poema biblico.”

E por ser assim, não se apressou em grangear promoções, que julgava acima de suas aptidões.

Contentava-se com o que era, religioso decidido a seguir á risca os ensinamentos do fundador de sua ordem. Pouco lhe importaria o posto, que lhe tocasse, uma vez pudesse ali dedicar-se ao proprio aperfeiçoamento moral, pela pratica de virtudes, a que se consagrava espontaneamente, movido por impulsos incontidos.

Por obediencia, seria capaz de imitar o gesto do dedicado apostolo,, que mandado por Nobrega, rolar por ingreme encosta, não titubeou, deitou-se ao solo, e feito insensível fardo, consentiu que lhe imprimissem a velocidade inicial, continuada por efeito do proprio declive, até que o superior lhe dêsse voz de parada, por julgar sufficiente a demonstração.

Assim tambem faria o Padre Armindo, caso quizessem submettel-o a tal prova, como procederam de outros modos, fosse por imposições de serviços, ou de proposito, para lhe experimentarem o limite da tolerancia.

A mais curiosa gravou-se-lhe na fé de officio, simples e desprerenciosa, como a sua propria vida.

Ingressando na irmandade, aos 20 annos, em 1902, foi-lhe imposto o habito no anno seguinte. Noviço até 1905, começa então a sua actividade no "Collegio Salesiano", que lhe não proporcionaria vagares para se adiantar no estudo da Theologia.

Os votos perpetuos, que professou, em 1909, a Tonsura e Ordens Menores, com que se enalteceu, tres annos após, diminutamente contribuiriam para o engrandecer na carreira sacerdotal, que se desenvolvia ronceiramente, como dificultada pela resistencia do meio.

Entretanto, "nenhum de nós, assegura o melhor conhecedor de suas qualidades peregrinas, tinha tido vocação tão decidida, tão dramatica e tão edificante como a sua, nem correspondera melhor aos encargos da vida religiosa".

Afinal, ao findar Dezembro de 1916, conseguiu ingressar na ordem do presbyterato, em que o iniciou o seu dilecto amigo que lhe esboçaria a biographia singela.

A cerimonia da sagração em que se encontraram os dois noviços de três lustros antes, um para se ordenar em sacerdote e outro, como bispo, que a dirigiria, accentuou o contraste das duas individualidades, que lembra o escripto de Castilho.

Emquanto o gago humilde caminhava sem pressa, contente com a só esperanza de poder algum dia alistar-se entre os "ungidos do Senhor", o seu collega rapidamente subia em cargos e honrarias, maravilhando a assistencia.

Após a travessia que os separou pelo Atlantico, frequentou a Universidade Gregoriana de Roma, onde se doutorou, tornando-se conhecido pela intelligencia primorosa e irradiante sympathia.

Ordenado em 1909, era em curto prazo, o bispo mais moço da época, depois de dirigir o mesmo collegio onde se iniciara.

Poeta e orador de altos recursos, não perdeu o contacto com o mundo, que lhe empolgaria a personalidade, quando o requisitou para o governo temporal do Estado, então maferido de lutas mortificantes.

Ao festejar as Bodas de Prata do seu sacerdocio, pode, com ufania, recordar a trajetoria luminosa, que descreveu, a partir daquela madrugada inesquecivel de Novembro de 1902, quando se despediu do lar paterno.

Dignidades religiosas, ou leigas, todas se honraram em distinguil-o, laureando-lhe o nome predestinado.

Arcebispo, sempre se distinguiu nos congressos, em que é solicitada a sua eloquencia de fino quilate para os debates mais serios. Principe das letras cuiabanas, no conceito geral, brilha com igual força no Instituto Historico e na Academia de Letras, em cujos gremios o

acolheu a unanimidade dos votantes, sem exceptuar os inimigos declarados do catholicismo.

Em toda parte, onde lhe apparece o vulto insinuante, domina, como triumphador, contendo prevenções injustificaveis.

Humanista dos mais fervorosos no cultivo das boas letras, sabe associar as influencias classicas, aos modismos populares, no menêio da frase, que lhe sãõ escoreita e precisa, no exprimir pensamentos impregnados de sadio idealismo.

Os sentimentos, em que vibra, épicamente arrebatado pelo patriotismo, ou lyricamente inspirado pela amizade, dictaram-lhe o derradeiro ensaio, no qual á biographia do padre Armindo se misturam passagens de autobiographia, não menos interessantes e emotivas.

Ahi, deixa-se, ingenuamente, surpreender nos primeiros passos da carreira, em que rapidamente culminaria, enquanto o seu parceiro, absorto nas contemplações mysticas, despreoccupadamente continuaria, por longos annos, como simples aspirante á primeira graduação.

É que viveu mais para a religião, egresso do mundo, que o tentou por todos os modos, e não se julgaria digno de alçar-se ás eminencias ecclesiasticas, e muito menos se accommodaria nos cargos profanos que evitaria, como criações satanicas.

Apequenava-se de proposito, vaidoso de ser o minimo dos confrades, embora o desmentissem os seu pendores versejantes, vocações de musicista e facil avanço nos estudos, que empreendesse.

O outro, personificação da eloquencia, irradia de si tamanha sympathia, que difficilmente lograria fugir ás influencias mundanas, que o envolvem, e a que presta a assistencia do seu saber, como outrora Vieira, em conjuncturas analogas.

Atenta nas exigencias da Igreja, sem esquecer a



Patria, cujo culto lhe tem inspirado as melhores allocuções.

Aquelle, precocemente sumido, deixou de si um rasto de humildade santificadora, que o aproxima dos varões cannonizados.

Este, ao entrar no segundo quartel de sua vida sacerdotal, é o Arcebispo bem amado, cujas luzes não se confinam entre as paredes da morada conventual, mas se derramam pela sociedade humana, que nelle venera o guia espiritual de virtudes sobranceiras á maior prova causada pela Presidencia do Estado, e orador, a cuja palavra empolgante se rendem os auditorios mais exigentes.





Encomendas

O povo, na sua alta sabedoria, provinda, não de maus li-
vros ou de professores gananciosos, negligentes e me-
driocres, mas das lições duras praticas e eloquentes, lidas e es-
perimentadas no grande livro da existencia, costuma repetir: —
Encomenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro.”

E assim deve ser.

Um individuo de poucos haveres que, vai aos grandes cen-
tros do pais, muitas vezes em busca de melhoras para a saúde
precaria, e outra para desprovincial-se, com um banho de civi-
lização, leva naturalmente o seu orçamento muito bem medido
e distribuido.

Qualquer despeza imprevista entornará o caldo das suas
finanças.

Como bom cuiabano, entretanto, amigo de toda a gente com avultado número de parentes, correligionário dos bem intencionados, devedor de muitos favores aos influentes e collegados que tenham a sua profissão; faz preceder a sua viagem de numerosas visitas de despedidas, durante as quaes sahe, naturalmente, o offerecimento dos seus limitados prestimos.

O resultado d'isso que devia ser levado a conta de méra gentileza, não se faz esperar.

— "Você viaja em optima occasião; eu aguardava mesmo um portador seguro e cuidadoso para incumbil-o de levar, com a sua bagagem, uma pequena mala e um embrulhosinho destinados a D. Marianinha que está morando no Meyer, no Rio de Janeiro."

Na vespera da partida lá vem a remessa: 1 vasto bahú desengonçado, todo amarrado e mal fechado, com 105 Kilos de peso e um embrulho de cacarócos e roupas velhas que toma metade do espaço da unica mala que o pobre viajante devia levar.

Ou então:— "Eu tenho ahi um relógio de estimação e uma bicha que pertenceu a minha avó e desejo que o amigo me faça o favor de mandar concertar-os por um bom artista, a seu gosto. E' um pequeno embrulho, não faz volume."

O preço do transporte, a despeza com os concertos, ficam contudo, para depois... se fixar.

Os encommendants não fazem, ou fingem que não fazem, idéa das despezas com os fretes e com os concertos, e do trabalho que dá, em uma grande cidade, a procura dos destinatarios e a entrega dos objectos

Entendem que tudo está bem pertinho e que, diariamente todos se avistam.

Sobre endereços nada dizem as cartas, também enviadas ás dezenas e sem sellos.

De uma feita eu fui portador de 7 relógios. Pateck, que deviam ser concertados, garantindo os seus donos que eu seria devidamente reembolsado, na minha volta, da importancia despendida.

A mala em que iam os relógios estraviou-se em Porto Esperança e eu quasi fiquei tido com o gatuno dos chronometros.

Por nma rara felicidade foi ter ao Rio, e me foi entregue, intacta, uma semana depois da minha chegada.

Em 1914 regressava eu do Rio, munido de gentil e honroso convite para o trem inaugural da estrada de Ferro Noroeste

Os illustres companheiros de viagem eram todos residentes na Capital da Republica e apenas traziam pequena bagagem de cabine, pois a viagem seria para poucos dias.

Eu era o unico que vinha e não voltava e por isso mesmo trazia bagagem maior que mal se accommodara no corredor do wagon de luxo.

Na hora da solenne partida, apparece na Estação Central um senhor já idoso, antigo contemporaneo do Dr. Jonas Corrêa na Faculdade de Medicina, mas que ainda era estudante.

Junto a elle estavam dous enormes engradados que continham um enxoval completo, seu presente de nupcias destinado a uma afilhada que devia casar-se em Cuiabé.

Estava informado por um commum amigo de que eu era pessoa capaz de ser portador cuidadoso do volumoso presente.

Declarei-lhe que seria indelicada imprudencia minha abarrotar o wagon com aquella monstruosidade e que elle fizera muito mal trazendo aquillo para embarcar sem previo consentimento meu.

O trem partiu, o cidadão ficou com os volumes mas nunca mais olhou de meu lado.

Em outra occasião fui abordado, em plena Avenida Rio Branco, por um conterraneo matogrossense que pretendia que eu conduzisse, até aqui, um manequim moderno com molas para graduar quadris e seios.

Ponderei lhe que eu tinha estado envolvido num rumoroso caso e que não desejava que pensassem vendo-me com aquelle estafermo ao lado, que se tratava de algum rapto.

E declinei maneiramente da prebenda indicando, para substituir-me, um pachorrento sacerdote que devia partir dias depois.

Ainda em outra occasião conduzi d'aqui ao Rio, Via Buenos-Aires com serias complicações na Alfandega portenha, um caixão, dos de vinho do porto, cheio de rapaduras simples e mellosas que se destinavam a uma familia cuiabana, residente distante da Central 5 estações.

De lá tinham mandado dizer que estavam com saudades das rapaduras de Cuiabá.

As remessas de dôces em calda, licores de piqui e vinhos de cajú são frequentes, e o unico meio de evitar que se entornem nas roupas, suas companheiras nas malas de viagem, será consumil-as em caminho, destruindo igualmente as tagarellas cartas denunciadoras

Foi a bisbilhotice de uma carta que provocou uma outra missiva, entre nós divulgada pelo Almanaque Calhao, em 1896.

Uma lata de kerosene, repleta de doce de cajú, havia sido devorada pelo deshonesto conductor que substituiu o conteúdo por ordinaria farinha de mandioca.

Junto á farinha seguiu entretanto o intrigante papel.

O criminoso recebia, dias depois, o seguinte: "Assim como nas ogivas das gothicas cathedraes se elevam os retratos dos grandes varões, assim tambem á sombra crepuscular, a meia luz do passado, é que se conhece a sinceridade e a dedicação dos amigos.

O senhor comeu o meu doce, que me foi enviado pela minha carinhosa mãe, aquella que nunca se esqueceu de mim durante a infancia e até hoje, na puberdade, ainda se lembra de mim.

O senhor tornou-se portanto indigno de abrigar no sacratio de minha amizade. Tenho dito."

A puberdade do queixoso se manifestava justamente aos 50 annos.

O carinhoso progenitor do nosso Jercy Jacob deu ao Olympio Corrêa, afim de ser entregue ao filho querido e distante uma tentadora colleção de magnificos doces em tabletes, caprichosamente acondicionada, por secções, em artistica caixeta.

A caixa foi entregue, por ser bem trabalhada, mas só a caixa.

Um certo conhecido, velho, velhaco e por isso mesmo desconfiado, deu-me uma carta para ser entregue a um seu filho que estudava no Collegio 28 de Setembro.

Ao abrir o envelope o rapaz encontrou, junto á carta, a importancia de 200\$000.

O velho occultara, até de mim, a remessa que poderia provocar tentações.

Este mesmo desconfiado, todas as vezes que recebia as despedidas de alguém, respondia á praxe do offerecimento dos prestimos fazendo invariavelmente a encommenda de uma gravata.

O itinerante attendia religiosamente á encommenda, na esperanza de lhe ser facilitado algum negocio lá pela Delegacia, e como uma gravata custa pouco, não a cobrava.

O espertalhão fez, assim, a melhor colleção de gravatas que eu tenho visto em Cuiabá.

E elle só usava uma surrada gravatinha preta.

As encommendas para conduzir dinheiro, não são das melhores.

O Desembargador Amarilio Novis gozava, despreoccupado, os ultimos dias de uma das suas estadias na Capital da Republica, quando recebe, de velho chefe politico cuiabano, o seguinte telegramma: "Rogo orientar ahi nosso amigo Totó Coelho thezoureiro Thezouro Estado, que deverá ser portador para aqui, da quantia de 2000 contos. Espero que o amigo seja seu companheiro, no regresso".

O Desembargador não mais dormiu.

Foi procurar o Totó Coêlho para leval-o ao Banco, recebeu o cobre e, certo de estar espionado pelos larapios que espreitam sempre em estabelecimentos semelhantes, tomaram um auto, correram duas horas em differentes direcções da cidade, para despistar, e depois encerraram-se num quarto do hotel.

Na cabine do trem, em viagem para S. Paulo, levantavam-se sobresaltados a todo o momento.

Em S. Paulo, querendo tomar quarto no Hotel Fracarolli, tomaram no Roma por engano, e os sustos agmentaram-se porque esse hotel é muito peor frequentado.

A viagem pela Noroeste, ifoi um martyrio, só suavisaço quando, já em Porto Esperança encontraram a lancha "13 de Junho", que os devia transportar até Cuiabá.

A um meu conhecido foi confiada, por um amigo de infancia, uma filha apaixonada por um rapaz, que não era bem visto pela familia da Dulcinéa.

A moça numa viagem de olvido, devia ir até S. Paulo, onde a aguardavam alguns parentes.

D. Juan, entretanto, soube da viagem, que estava sendo preparada ás escondidas, e tomou passagem na mesma embarcação Imagine-se a actividade a que foi obrigado o amigo do amigo.

Conduzir loucos, alguns até furiosos, não deve ser das cousas mais agradaveis; entretanto até isto se tem visto por aqui.

Velho e conhecido forrêta, do despresivel mundo agiota que, tambem a nós, infelicit, confiou a um seu sobrinho, de viagem para a Côrte (o velho ainda dizia côrte porque era commendador), uma immunda farda de Coronel da Briosa, cuja venda devia ser tentada.

Após arduas e penosas indagações, o antidiluyiano fardão cujo bonet trazia à memoria a estatua do Gal. Osorio, foi vendido por 10\$000. Salvavam-se os botões e alguns dourados. E eu que já ia ter esse prejuizo, disse o velho.

Palmyro Pimenta jurou-me, como mau catholico que é, ja ter tido occasião de conduzir da Capital Federal até aqui, um grande sacco de pequenos retalhos de panno.

Serviriam para enchimento de almofada ou para colcha de retalhos.

José de Mesquita, quando regressava do Araguaia, comarca indesejavel mas que devia iniciar a carreira de todos os juizes, teve a apresentação de um desconhecido, que entregaram á sua protecção até Cuiabá.

No caminho, o B. London, amigo e companheiro de viagem do Juiz Mesquita, trava-se de razões com o grosseiro recém-conhecido e quase que se engalfinham.

Aquí chegados, souberam que o tal companheiro era um perigoso hopede de diversas cadeias, responsavel por diversas mortes.

O London teve uma syncope. tardia.

A ter um companheiro tal é preferivel conduzir cães, gatos, passaros etc encommenda que tambem é frequente, entre nós.

Certo caçador de fama, batador destemoroso dos arredores da Cidade Verde, pediu a certa pessoa que lhe trouxesse uma espingarda de calibre e fabricação especiaes e que, por isso mesmo, era rarissima.

A pessoa revirou, revirou todo o Rio á procura de arma, e não encontrou-a a contento.

Veio para S. Paulo e continuou a pesquisa.

A muito custo encontrou.

Feita a entrega da encommenda, foi ella recusada, com a seguinte laconica phrase:

“Agora já não quero mais; fique o Sr. com a arma; os meus pequenos estão muito peraltas e podem promover, com ella, algum desastre em casa.”

Ao Pinduca foi encommendado um figurino-tutela.

Correu Sécea e Mécca em busca de semelhante nome de figurino, e não encontrou.

Attencioso, como é, não quiz contudo ser indifferente ao pedido e comprou diversas especies de figurinos.

Entre elles veio o intitulado — "Toute la Mode.

D. Fulana, disse o Pinduca ao fazer a entrega, não me foi possível encontrar o figurino de sua encomenda; mas aqui estão estes, que são os mais modernos.

Pois não está aqui elle, diz a interessada; é deste mesmo que eu encomendei

Tote la mode, ella havia lido tutella.

E o Pinduca a procurar...

Essa gente fazedeira de encomenda devia viajar.

Alguem, muito máo e vingativo, desejava, para fazer mal ao seu maior inimigo, presentear-o com um automovel com a condição de não ser este vendido.

O vehiculo seria fatalmente, como já tem sido para muitos, a causa da desgraça do seu proprietario.

Fa-lo-ia vagabundo, esquecido dos seus affazeres e dos seus deveres, conquistador, amante de cabarets, dissipador e tresloucado.

O cheiro da gazolina endoudecera o individuo.

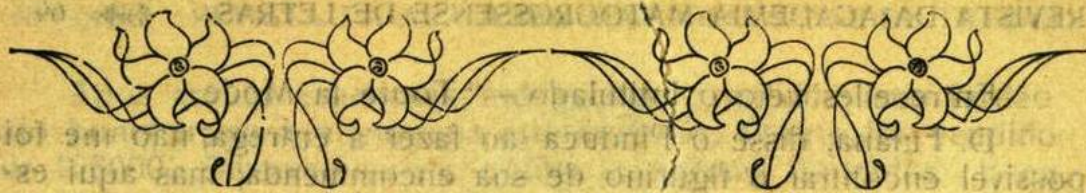
E apontava o exemplo do Thomazinho, bom barbeiro, pontual pagador, exemplar pai de familia, até o dia em que dirigiu um auto. D'ahi por diante foi aquelle desastre.

Eu desejaria sustentar, em repetidas viagens, os contumazes donos de encomendas.

As suas victimas ficariam vingadas d'elles.

Philogonio Corrêa





Considerações sôbre o estudo da lingua

Severino de Queiróz

IV

SEM querer censurar êste ou aquele, pelos seus modos de ver e julgar, digo que tenho ouvido, a miúdo, declarações, segundo as quais não se devem levar em conta, no julgamento de provas de matemática e de outras disciplinas, erronias de portugûes.

Em face da letra dos regulamentos que tratam do assunto, pode ser que tenham razão os que assim pensam e praticam. Mas só o espírito vivifica, como rezam as sagradas Escrituras. E o espírito dos mesmos regulamentos ou, se quiserem, a lógica, talvez nos aponte outro caminho.

Com efeito, em meu fraco entender, tal maneira de julgar constitue um dos muitos óbices à aprendizagem conscienciosa da nossa lingua, pelos ginasiais retardatários e indiferentes a estudos gramaticais que ultrapassem a pontos de exame.

Nada custaria ao julgador de uma prova, de matemática, por exemplo, sublinhar as cinco de português: cacografia, solecismo, vícios de linguagem, etc. que não podem deixar de concorrer para o desmerecimento do trabalho.

Não será critério inatacável, por se basear na justiça e na razão?

Tal critério, por certo, ha-de encontrar seguidores, e fará prestar ao idioma e aos bons estudantes serviço de monta, além de fazer o bem àqueles que só fazem questão de aprender para passar nos exames.

Mas prático seria se, antes de os alunos iniciarem as provas de qualquer disciplina, salvante a de português, por motivos óbvios, fossem todos avisados de que se hão de levar em conta êrres ortográficos e sintáticos.

Desta maneira, por certo, diminuir-se ia o número dos indiferentes à perfeição, ao corretismo da escrita, o número dos que laboram em madriasta confusão no grafar, por exemplo o *q* ou o *c* forte, quanto tenham de escrever certas palavras, como *quadro*, *oblíquo sequência*, assim como o *c* sibilante por *s*, e vice-versa.

Todos os colegiais haveriam de estudar a língua com atenção e amor, e de se esforçar por bem aprender e gravar utilíssimas regras de escrever.

Não teríamos o desprazer de ler, em provas escritas dos que estudam e por isso teem razão de saber, dispautérios de todos os quilates; não teríamos de lamentar o atroz esquecimento, por parte de bom número de alunos, de certas regras aprendidas em classe ou em leituras e muitas vezes bem aplicadas em trabalhos práticos. Sim, porque os examinandos muito cuidado teriam, sempre que produzissem qualquer prova escrita em língua portugueza.

Temos lido alguns livros destinados aos alunos

do 2º, 3º e 4º anos do curso primário, livros êsses em ortografia luso-brasileira, como é de direito, pois tal sistema ortográfico é oficial, assim no Brasil, como em Portugal.

Leitura leve e sugestiva, não resta dúvida, mas são encontradiços termos mal escritos, em que os mal avisados autores consiglam e fazem perpassar aos olhos infantis velhas grafias errôneas, como *docel*, *pêcego*, por *dossel*, *pêssego*, etc.

Em um autor, encontra-se a palavra *mãe*, devidamente grafada; em outro, *mãi* com *i*. Aqui topamos com um *êxito*, com *e* tônico acentuado, por ser vocábulo esdrúxulo, e como determinam os cânones luso-brasileiros: ali enxergamos um *êxito* e outras proparoxítonas, sem acento gráfico na tônica.

No livro de *A*, lemos *amizade*, *vizinho civilização*, muito no certo; mas, no livro de *B*, *amisade*, *visinho*, *civilisação!*

Onde iremos? Cada livro com uma ortografia? Não é possível! Há-de haver uma providência enérgica por parte dos govêrnos.

Quem troca o *z* por *s* e o *s* por *z*, como os maus estudantes do 1º ano secundário, não pode escrever livros didáticos destinados à aprendizagem de leitura.

Enquanto demora a providência contra os livros mal escritos, vá o professor corrigindo as cacografias de certos autores — se é que o mestre não esteja de perfeito acôrdo com a erronia.

Caso contrário, passa o êrro, perdura o aleijão. Pa-ciência!

Por mais que esperneiem, por mais que gritem aos quarantes, e protestem a imprensa e associações várias — menos as que tratam das letras, justamente aquelas que teem voto na matéria — vai tomando pé e

soltando raízes o sistema ortográfico simplificado, a chama ortografia lu-o-brasileira, hoje obrigatória nas repartições públicas federais, estaduais e municipais, nos colégios de qualquer curso, e usada pelo "Diário Oficial" da União e por alguns órgãos de publicidade, poucos às repetidas circulares do judeu da A. B. I.

E' de estranhar que o oficialismo de alguns Estados, entre os quais Mato-Grosso, continue a desobedecer o decreto do governo provisório, que tornou oficial a aludida ortografia.

Em consequência dessa desobediência, em que os governos desses Estados de certo ainda não atentaram, nota-se nas escolas e nas repartições públicas pavorosa confusão ortográfica.

Aqui, o professor A entende que deve impor aos seus alunos o sistema oficial da República e que, por isso, deveria ser obrigatório nos Estados e Municípios; ali, o professor B não admite tal ortografia, chegando ao absurdo, filho da sua ignorância, de tomar como erros palavras escritas com aquela ortografia — sob a alegação de que o governo estadual nada decretou a respeito!

As escolas ou colégios particulares, ou que atendem as ordens do Ministério da Educação e Saúde Pública adotam o sistema oficial, e as escolas estaduais, a velha ortografia, fazendo sofrer as pobres crianças que, terminando o curso primário, procuram um colégio do curso secundário, onde é obrigatória a simplificada, levando zero, consequentemente, as provas com a *mixta*, que já não é usual!

Urge se acabe nas escolas estaduais esse estado de coisas, mandando o governo adotar o sistema ortográfico oficializado há três anos.

Campo Grande, Janeiro de 1934

UM AMIGO DE INFANCIA

(Humberio de Campos)

Entrava no banheiro erguido junto ao pôco,
quando avistei no chão, com enorme alvoroço,
a repontar da lama escura, que a afogava,
uma castanha de cajú, que rebentava,
no anseio vegetal de ser arvore. Sobre
si mesmo reclinado, o caule cor de cobre,
feiramente gracioso e lindamente sujo,
mais parecia um bicho, um verme, um caramujo
ao peso a se dobrar da sua casa estranha
e dura, que a eclosão de uma planta. A castanha,
ainda humida, guardava, escondidas, as suas
joias flexiveis, que brilhassem, aflorando
do seu cofre.

— Mãe, olhe o que achei! — gritando,
com a alegria de uma ave a explodir dentro d'alma,
desandei a correr, conduzindo na palma
das mãos curtas, tremendo, o mostrengo que ainda
mal sonhava com o sol, com a vida alegre e linda.

— Planta, meu filho... Vae plantar... planta no fundo
do quintal...

E, feliz, qual se encontrara um mundo,
precipito-me com minha castanha viva.

A alguns metros da casa e da cerca, que, altiva,
limitava da rua o meu terreiro, estaco.

Faço com minhas mãos pequenas um buraco
redondo, enterro ahi minha planta vermelha,
e a cerco de tijollo e pedaços de telha.

Rego-a. Protejo-a contra a fome das gallinhas.

De manhã, ao lavar o rosto, ainda é com as minhas
mãos, que lhe entorno em cima a chuva branda dessa
ablução matinal para que logo cresça

e se arreie de flor. Vejo, a atirar-lhe um beijo,
a multiplicação das suas folhas. Vejo

que permutam de cor, na evolução tranquilla,
tranquilla e natural de sua chlorophyla.

E cada uma, estirada, é uma lingua macia,

mobil e verde, a agradecer, com alegria,

o carinho infinito e bom, que lhe dispenso,

o cuidado sem par, que lhe dedico, o immenso

affecto que lhe voto, a agua fria e gostosa

que lhe dou.

Meu cajueiro, em marcha pressurosa,
sobe, prospera, desenvolve-se, entumece.

Eu cresço; elle, porém, mais rapido ainda cresce.

Passado um anno, estamos nós da mesma altura.

Perfilamo-nos um junto a outro, na loucura

de vêr qual é mais alto. E' uma arvore elegante,

forte, na sua adolescencia de gigante.
Quando completo doze annos, em seus primeiros
galhos ja me sustento, entre sustos ligeiros.
Mais uns mezes, e vou longe, experimentando
a sua força; e elle balança-se, brincando
comigo, igual a um monstro jovem, que, em deleite,
nos braços embalasse o seu irmão de leite.
Até que, um dia, bem seguro da rijeza
do seu tronco, não mais o abandona a leveza
do meu corpo. Promovo-o, sem deicença, a mastro
do meu navio e, toda tarde, vou, de rastro,
ao seu galho mais alto e empinado, e, cingindo
com o braço esquerdo o caule erecto, airoso e lindo,
do pé, soito, sonoro, o canto da "Chegada",
que era poi esse tempo encantado a festança
famosa e popular de minha Parahyba:

Assobe, assobe, gageiro,

Naquelle tope real...

Para vêr se tu avista,

Otalina,

areias do Portugal!

Nos olhos, mão direita em pala, a olhai, lá em riba,
como quem devassasse os longes do horizonte,
mas, devassando só, na verdade, defronte,
os vizinhos quintaes, e as vaccas, e os jumentos,
respondo, eu mesmo então com a minha voz, que os ventos
arrastam para além, rasgando-a, assim como uma
camisa alva de som, na crista que se apruma
gloriosa de um coqueiro altivo e soberano,
enfeitado de flor e melão São-Caetano:

Alviçaras meu capitão,

Meu capitão general!

Que avistei terras de Hespanha

Otalina

Areias de Portugal!

A viração cheirosa e forte, que desliza,
dá-me bem a impressão de verdadeira brisa
do oceano. A minha camisola incha, e, revolta,
panneja e estala, como uma bandeira solta.
O meu cajueiro novo, oscillando comigo,
dá-me a perfeita sensação de um mastro amigo,
erguido sobre as ondas. E eu, suggestionado
pela imaginação, via, — eu via! — enlevado,
vagas rolando em frente a mim, na curva extensa
do horizonte, onde o céu e a superfície immensa
do mar se beijam, ao soprar das ventanias,
terras claras de Hespanha e areias alvadias
de Portugal.

A noite, aos poucos, vem descendo.

Um véo de cinza cõe, docemente, envolvendo

as plantas dos quintaes proximos. Os bezerros
berram com mais tristeza o tristor dos seus berros
Vaccas, ouvindo-lhes os choros de ansiedade
saudosa, mugem com muito maior saudade.
Zurra as cinco vogaes e o "ipsilon" do estribilho
um jumento, marcando as seis horas. O milho
das estrelas olhando, outro o zurro confere
e confirma. Soluça em torno o "miserere"
silencioso do luar, que a pupilla descerra.
Gageiro de uma não ancorada na terra,
eu desço devagar, do alto mastro folhudo
do meu cajueiro, e vou sonhando, triste e mudo,
com o mar largo, invejando a vida tormentosa
dos marinheiros que não tinham a odiosa
obrigação de lêr, a chamma fugidia
e feia de um lampeão, a lição do outro dia..
Aos treze annos de minha, e aos tres de sua idade
separamo-nos, meu cajueiro e eu. Com saudade,
embarco para longe, e elle fica. Na hora
de deixar minha casa alegre e encantadora,
lhe vou levar o meu adeus. E, me abraçando
ao seu tronco, o aconchego ao meu peito, chorando.
Transparente e cheirosa, a resina lhe corre
do caule, como o pranto aos meus olhos aeorre,
No seu galho mais alto, onde abelhas révoam,
e saltam leves passarinhos, abotoam
suas primeiras flores tenras, de um macio
tom roxo de unha de criança que tem frio.
— Adeus, meu cajueiro! Até á volta!

E elle nada
me diz, e vou-me embora. Ainda a vista molhada
lhe mando, lá da rua, a lobrigar-lhe, acima
da cerca, a folha mais extrema, que se anima
a fazer-me, a tremer, como um lenço pequeno
e verde, um grande adeus, num doloroso aceno,
num aceno sem fim de ultima despedida.
Estou, homem-menino, em luta pela vida,
a enrijar no trabalho o corpo, e em sofrimento
a alma desperta para o mundo. Senão quando,
me vem á mão uma encommenda, acompanhando
uma carta: "Meu filho, encontrarás com esta
uma lata de doce..." O coração em festa,
provo nadando em calda, o producto primeiro
do meu lindo, do meu saudoso cajueiro.
E choro, então, sózinho, um choro quente e mudo.
Choro pela lembrança, e choro, sobretudo,
iuejoso do meu cajueiro. Ah! por que sorte
não tivera eu tambem raiz como elle forte,
para não me afastar, nunca, jamais da terra
onde o crespo pião do seu pé elle aferra,
da terra onde cresci, da terra onde vivera,
e onde fôra feliz, ignorando que o era?
Volto, porém. Agora, o meu cajueiro estende
a galhaça triumphal, que dos flancos lhe pende,

— braços, na ansia cristã de dar sombra. — A resina
poreja-lhe do caule; e elle canta, em surdina,
ao canto bom do mesmo vento bom e amigo.
Seus galhos baixos não offerecem perigo,
sim, cadeiras, agora, ás crianças. Tem flores
para os insectos, e tem fructos multicores,
aos dois, aos tres, aos dez, ás duzias e ás dezenas,
para o bando jovial das pipiras morenas.
Meu cajueiro está moço e robusto. Está em toda
a força e em toda a pompa irial da sua boda
com a vida.

Um anno mais, e parto, novamente.
Mais uma despedida; um adeus mais dolente:
— Adeus, meu cajueiro!

O mundo nos seus braços
de espinhos me arrebatou e trucidou, aos pedaços.
Diverte-se comigo o monstro, como a filha
do rei de Brobdingnag, da historia-maravilha,
com o fragil capitão Gulliver. Como a um verme
não se faz, me maltrata e tortura. E eu, inerte,
quasi morto, regresso á Parahiba. E volto
de alma leve, e a cantar, como um passaro solto.
— Meu cajueiro, aqui estou!

E elle não me conhece
mais. Estou homem feito; elle, triste, envelhece.
A enfermidade cava o meu rosto, e me altera
a feição, modifica a minha voz austera.
Elle está immenso e escuro. Os seus galhos abraçam
laranjeiras irreais, que noivam, ultrapassam
a cerca, e vão dar sombra ás cabras que têm somno,
aos mendigos sem pouso, aos pintinhos sem dono...
Quero abraçal-o, e já não posso. Lado a lado
e em redor do seu tronco, ergueram um cercado
estreito. No cercado immundo, arfa, de borco,
mergulhado na lama, a resonar, um porco.
Ao perfume da flor e do fructo, se casa,
em baixo, o cheiro ruim da podridão da vasa!
— Adeus, meu cajueiro!

E lá me vou embora,
outra vez, pelo mundo, e para sempre agora,
onde vivo, também, com os pés dentro da lama,
às vezes, dando sombra aos porcos, mas, em chamma,
às vezes, rindo, ao sol, fructos, offerecendo
aos passaros, e á brisa o pollen, no estupendo
milagre do meu sonho, e sangrando resina,
o espirito em eterna, em floração divina,
que o vento leva, o coração cheio de engelhas,
mas transbordando em mel, resonante de abelhas...

Lamartine Menes



22 de Julho de 89


Homenagem a Silva Jardim

**Os vivos são sempre e cada vez mais
governados pelos mortos. A. Comte.**

No dia designado elle surgiu na praça para fallar ao povo; emtanto, a populaça, que nos antros do crime os dias enxovalha, apparece, empunhando a pistola e a navalha, afim de emmudecer o celebre orador. Elle, comtudo, em face ao espectro do Terror, como sempre tranquillo em sua heroicidade, assomou a tribuna em meio á tempestade.

Sob atmosphaera tal, inexoravel e acre, era bem de prever o proximo massacre, a luta secular, esse combate acerbo da força bruta contra a eloquencia do verbo.

Ora, os da nova grei, numa mole cohesa, ao lado da tribuna, aprestam-se á defesa; seu ideal os alenta e não os intimida a attitude e o fragor da horda enfurecida. Elles oppoem a fé, o ardor republicano á intolerancia della e de seu chefe insano; elles sabem o afan com que esse demagogo ao despeito pessoal procura um desafio; e como, sem corar, todo povo perplexo o vira ante a corôa, ha pouco, genuflexo.



Ao fallar, o orador ouve ruidos violentos
e diz: «Da monarchia eis os máos argumentos
— tiros, pedras hostis, fructos da guarda-negra.
Contra todo decoro, e contra toda regra,
vemos capitular, no emtanto, a autoridade,
em face da ameaça á vida e á liberdade.
Que ella opprima o direito, e indifferente assista
ao tumulto e furor da onda communista;
que se humilhe a pedir, na sua inconsciencia,
que para outra monção se adie a conferencia;
ainda bem; mais que nunca em teu seio, ó Recife,
ouço elevar-se a voz de Caneca e Ratcliff!
Oppondo-se ao Presente e oppondo se a teu gesto,
Pernambuco, o Passado ha de erguer o protesto;
elle ha de repellir do modo mais completo
a offensa que te irroga esse desmando abjecto;
sim, a terra que foi de taes glorias theatro,
ha de honrar-vos o nome, heroes de vinte e quatro,
desesete e quarenta e oito, impereciveis;
vós ainda a guiaes, apesar de invisiveis!
Deste mar agitado ha de vir, em verdade,
o lyrio da bonança e da fraternidade;
são como seu cortejo esses ruidos brutaes
que annunciam do throno os promptos f:neraes»

Augusto Cavalcanti





Adeus – Recife

(A Glegario de Barros)

Sob a imensa amplidão do céu, concavo e bello,
Sigo ... Saudade eu sou ... Mais devagar, navio!

Adeus, Recife! Adeus, patria do meu desvelo ...

Já nem ouço o cantar das águas do teu rio!

Para quem, ao magoar desta saudade, apello?

Porque não cae o meu soffrer no mar sombrio?

Turibulo de fogo em sepulchro de gelo

É o meu coração quente em meu corpo tão frio.

Antes gaivota fosse esta minh'alma afflicta,

Voando como um desdem, trancando ao mundo o ouvido...




E o vento canta, e o céu ribombu, e o mar se agita!

Canta! que o espaço, vento! arfa e baila ao teu canto...

Ruge, mar! que o amplo céu, há de ouvir teu rugido...

Choru, céu! que o amplo mar, há de beber teu pranto!

Octavio Cunha



Elo partido

TUDO quanto sonhei, quanto sonhaste
-- Um céu aberto para a nossa vida --
Transformou-se n'um turbido contraste,
Numa quasi anciedade dolorida.

E a esperança, com que tanto enfeitaste
A illusão de uma gloria appetecida,
Foi pedra fina que não teve engaste...
Nem sei onde cahio; ficou verdida.

Tudo mudado! É a força do destino...
Veio-me a noite escura da tormenta
Em vez do sol do teu olhar divino!

Fez o futuro que sonhamos bello
(Madrugada serena que nos tenta)
Da cadeia do amor partir-se um élo.





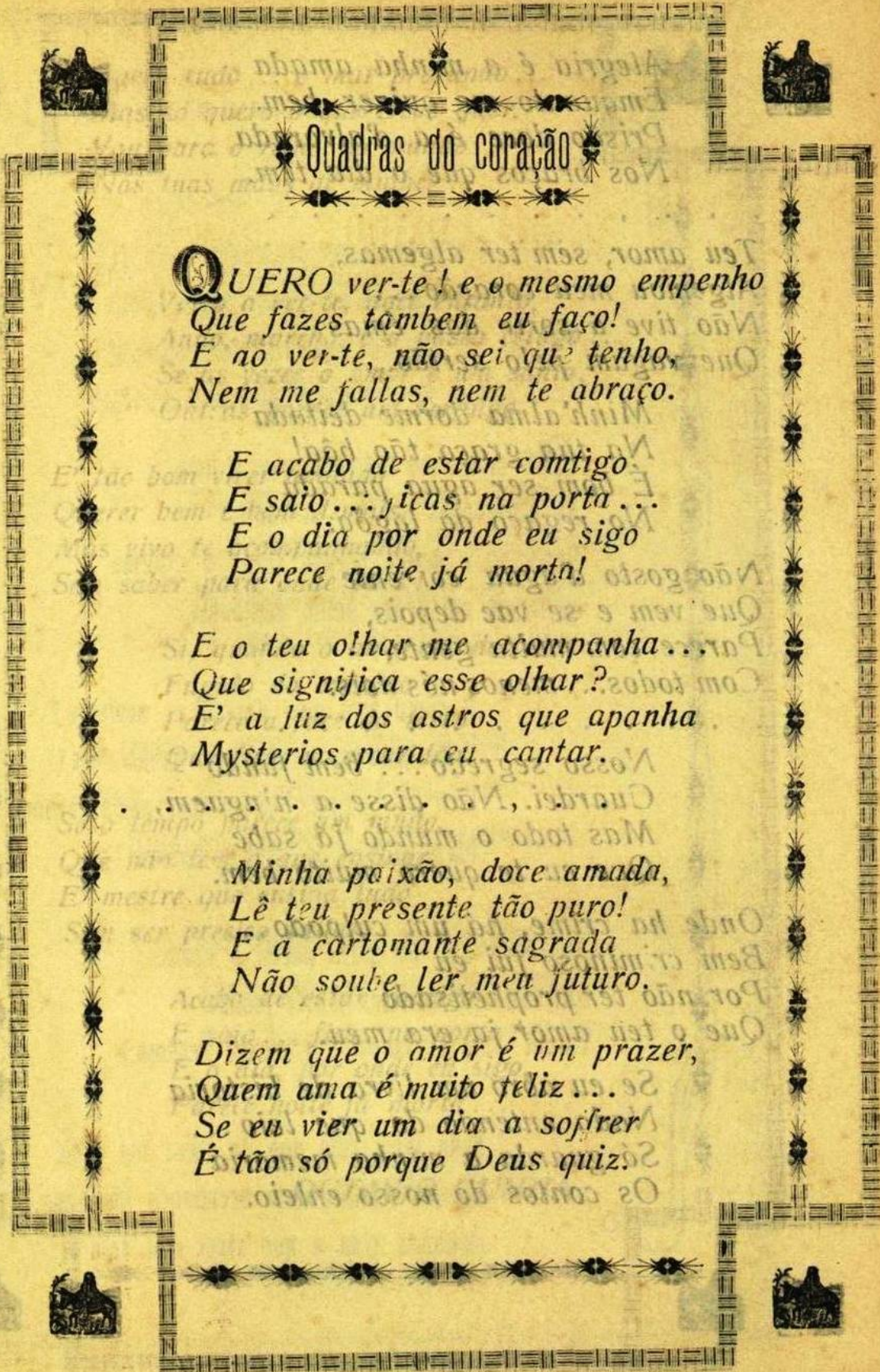
O Coxipó

HONTEM foi meu prazer vel-o tristonho,
Movendo o corpo muito branco e esguio . . .
Quasi a dormir, para lembrar num sonho,
Luctas que teve para ser um rio!

E hoje porque choveu aquem, supponho,
Amanheceu a gritar, ficou sombrio . . .
E aquelle rosto angelico e risonho
Tem tão feia expressão, que me dá frio!

O Coxipó . . . estando limpo e calmo,
No seu leito de pedras e segredos,
É um frade a olhar o céu rezando um psalmo.

E cheio . . . um monstro real de odios vetustos . . .
— Se eu fosse tu . . . matava os arvoredos,
Mas pouparia os timidos arbustos ! —



Quadras do coração



QUERO ver-te! e o mesmo empenho
Que fazes também eu faço!
E ao ver-te, não sei qu' tenho,
Nem me fallas, nem te abraço.

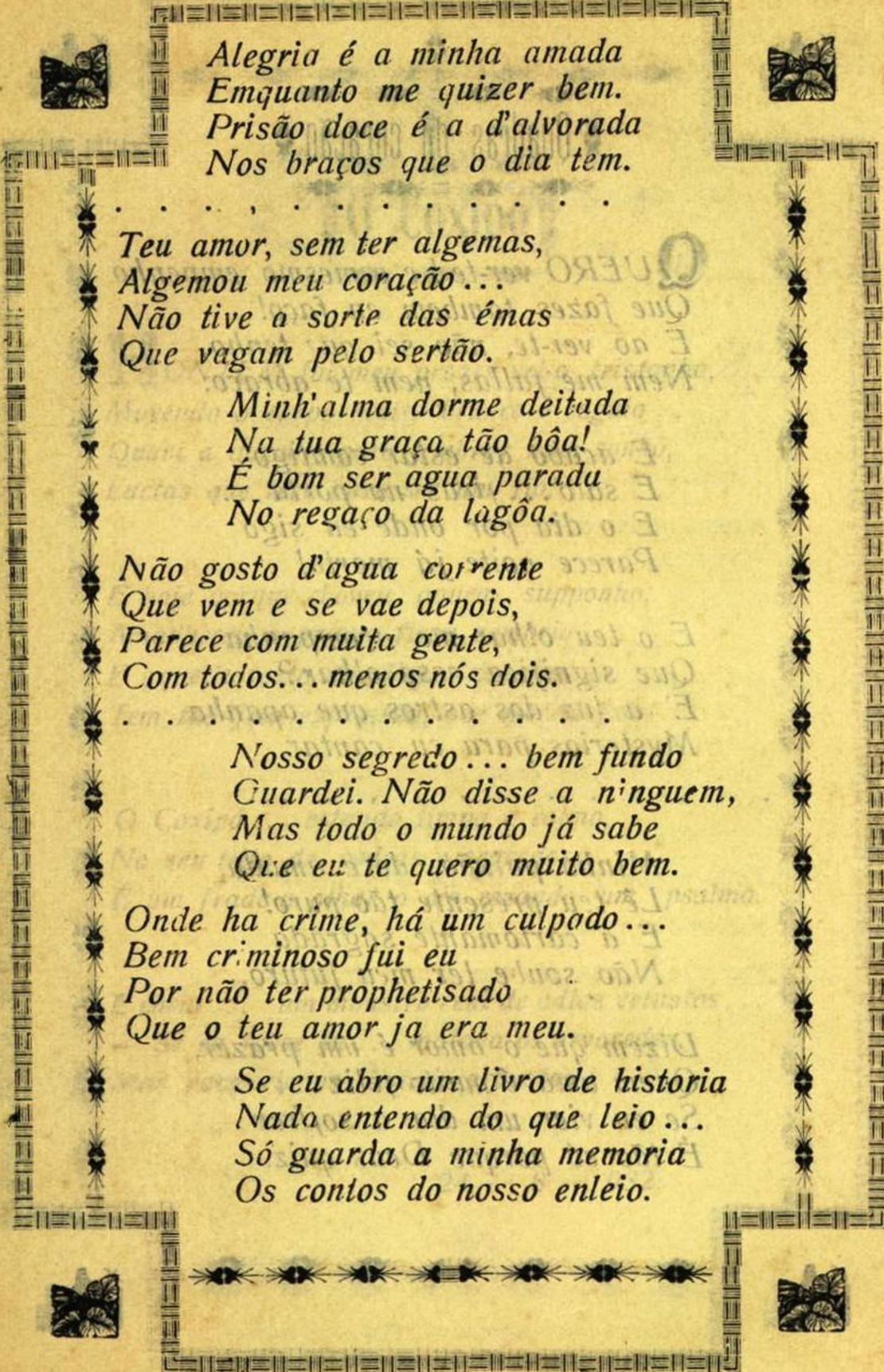
E acabo de estar contigo
E saio... jicas na porta...
E o dia por onde eu sigo
Parece noite já morta!

E o teu olhar me acompanha...
Que significa esse olhar?
E' a luz dos astros que apanha
Mysterios para eu cantar.

Minha paixão, doce amada,
Lê teu presente tão puro!
E a cartomante sagrada
Não soube ler meu futuro.

Dizem que o amor é um prazer,
Quem ama é muito feliz...
Se eu vier um dia a sofrer
É tão só porque Deus quiz.





*Alegria é a minha amada
Emquanto me quizer bem.
Prisão doce é a d'alvorada
Nos braços que o dia tem.*

*Teu amor, sem ter algemas,
Algemou meu coração...
Não tive a sorte das émas
Que vagam pelo sertão.*



*Minh'alma dorme deitada
Na tua graça tão bôa!
É bom ser agua parada
No regaço da lagôa.*

*Não gosto d'agua corrente
Que vem e se vae depois,
Parece com muita gente,
Com todos... menos nós dois.*

*Nosso segredo... bem fundo
Guardei. Não disse a n'nguem,
Mas todo o mundo já sabe
Que eu te quero muito bem.*

*Onde ha crime, há um culpado...
Bem criminoso fui eu
Por não ter prophetisado
Que o teu amor ja era meu.*

*Se eu abro um livro de historia
Nada entendo do que leio...
Só guarda a minha memoria
Os contos do nosso enleio.*



Quero tudo... o mar profundo...
Mas só quero o que Deus quer.
Vou para o reino do mundo
Nas tuas mãos de mulher!

Volto a ver-te, doce encanto,
Ando, morcho, e o passo estúgo...
Se as vezes o amor é um santo,
Outras parece um verdúgo...



E' tão bom viver amando...
Querer bem é bom demais.
Mas vivo te acompanhando,
Sem saber para onde vaes!

Si, quando o amor se desterra
Fugido do coração
Parece a face da terra
Que fica na escuridão.

Se o tempo parece um mudo,
Que não tem o que ensinar,
E' mestre que ensina tudo
Sem ser preciso fallar.

Acabo de estar contigo
E saio... ficas na porta!
E o dia, por onde eu sigo,
Parece noite já morta...

OCTAVIO CUNHA



Sombras

Versos de outrora

Antonio Tolentino de Almeida

DE minh alma fugiram uma a uma
As esperanças meigas, erradias;
Desfez-se a minha crença como a espuma
Desfaz-se em breve pelas ventanias.

E como este meu damno se avoluma!
Quão pesados tornaram-se meus dias!
Nem um archote, ao menos, nesta bruma,
Para aclarar as minhas agôvias!

Sou batel que do porto perde o rumo;
Das maiores miserias d'este mundo
Tornei -- me a essencia, o tetrico resumo!

Nada mais vejo que de amor me falle;
Porque teimar neste arcabouço immundo,
Chamado vida e que viver não vale?

Si o mundo fosse assim . . . Porém contrario
 A tudo o que sonhei hoje apparece;
 O que me delectava me entristece;
 Julguei-o firme, no entretanto é vario.

Tão alegre e feliz, quem desconhece
 Essa quadra da infancia? Um relicario
 De fagueiras lembranças, um rosario
 De affetos mil, que brilha e resplandece !

E depois, o prazer, que nós gozamos,
 Como se esvai veoz, como nos deixa
 — Triste folha cahida a ver nos ramos !

Negra sorte da pobre criatura !
 Tantos dias amargos, tanta queixa !
 E de nós a fugir, sempre, a ventura !



VOU fazer annos amanhã. Que cravo
 Deus, nesse dia, gracejou, de certo;
 Em vez de haver creado um lirio, um favo,
 Ou mais um grão de areia no deserto,

Ordenou que eu nascesse e poz-me perto
 De tudo que é nocivo e sabe a travo;
 E, para engano meu, um céu aberto
 Mostrou-me e fez-me da Poesia escravo.

E vivi e soffri e soffro e vivo
 Nesta constante alteração da sorte,
 Ora isolado e triste, ora expansivo.

Faço meus versos como d'antes fiz;
 E até o presente, sem pensar na morte,
 Não me recordo si já fui feliz.



IV

PARA que viver mais? Estou cansado,
De supportar o mal que, atroz, me opprime,
Ando tão d'este mundo despresado
Como si fôra réo de horrendo crime!

Para que viver mais? Hoje se exime
De me afaçar o sonho idolatrado,
Que me elevava á região sublime,
Onde o ideal reluz alcandorado!

Para que viver mais? o mundo é lama,
Ha desespero em tudo, ninguém ama,
Nem crenças tem a pobre humanidade!

Para que viver mais? "A vida é a morte".
Mas... quem sabe? Neste ultimo transporte,
Abra-me os braços a felicidade!

v

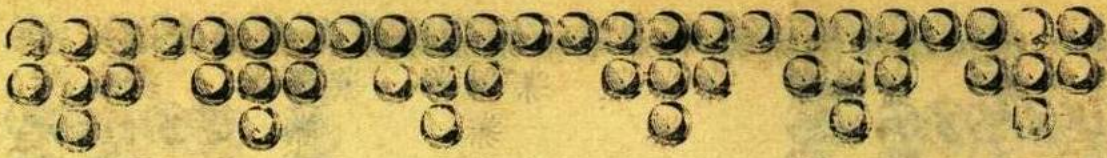
EM nemoroso bosque a rede ostendo,
Nella como um Pachá deitado fico:
Das arvores olhando o verde pico,
Alli fumo, alli sonho, alli me entendo.

Vem-me a idéa de ser, primeiro, rico,
Ou bravo general em prelio horrendo;
De ser o génio, em fim, mais estupendo
E quasi (que loucura!) eu me deifico!

Mas quando do cigarro, pouco a pouco,
Vai-se extinguindo o fumo, ai! pobre louco!
A realidade me desperta e brada:

"Jamais serás Homero, Annibal, Crespo;
Que sonhas mais então? Encara o peso
D'aquillo que has de ser - terra e mais nada".





MIMOSA PUDICA

O Sem-Fim

Quem perlustrar, sósinho, algum estradão deserto
da nossa ingente mata, á hora do sol-posto
de um nostalgico céo dolente, em mez de Agosto,
refeito de fumaça, ah, ouvirá, por certo,

um canto breve e triste e cheio de desgosto,
atravessando a mata, ou longe, ou já bem perto, ..
a nos acompanhar, ás vezes rosto a rosto
como si somnolento alguém e mal desperto

vivesse a procurar fugitiva ventura,
por ella interrogando a cada um caminhante
na angustia do sofrer de infinita tortura.

Pois dizem ser Sací os nossos Curupiras
que enlaçam á japecanga o trilho inda orvalhante,
e vão ficar por traz das velhas sucupiras...

Campo grande

Arnaldo Serra



MIMOSA PUDICA

Perque viver sem alma a flôr que desabocha,
Que nasce e vive e sente e morre como nós!
O Iman dando calor e vida à propria rocha,
E'ter, e Deus, enfim, barrando os arrebois...

Que tem fôrmosa sensitiva,
Humilde, pequenina
E rediviva,
Que a nossa alma diz tanto nos vergéis?

Se passa a mansa brisa,
Colhe os beijos
Como se alguém em tremulos harpejos
Viésse de bêm longe
Segredar-lhe
Acs pês.

Pois,
Si acaso chegamos
De mansinho,
E lhe tocamos,
Mui de vagarinho
A esqûiva mão,
Ela,
Como parece
Que enrubece,
Fecha de vez as palpebras medrosas
Do esmeraldino seio,
E voi, feliz dentre as ditosas,
Quem sabe em que anseio,
A's outras regiões mais aventurosas,
Onde, talvez, o Amôr
Tenha essencias subtis mais luminosas.
Como no Paraiso antes do Peccado
E onde dizem que as rosas todas eram brancas,
Mas, que ao ruido do primeiro beijo,
As que, somente, ouviram encheram-se de pejo,
E as outras se fizeram, todas, em rubor...

ARNALDO SERRA.

Versos de Ari Martins

(Correspondente da A. M. L. em P. A.)

Loira boneca

Semblante que seduz; sorrisos que me matam;
lindos, lúbricos, lésbios labios de rubim;
dois olhos muito azues que prendem e arrebatam;
os cabelos de Circe em grande garayim;

mãos macias, means, mimosas, de marfim,
mãos de má que um rancor de rebelde retratam;
os seios sensuais, soberbos, de setim,
dos quais desejo, dano e dengue se desatam:

— es que formada fica a futil figurinha,
saltitante, sutil, satânica e sapéca,
que sonhei ser um dia unicamente minha,

sem lembrar-me, siquer, que é pura pretensão
o pensar-se possuir o amor de uma boneca,
si as bonécas não têm — coifadas! — coração.

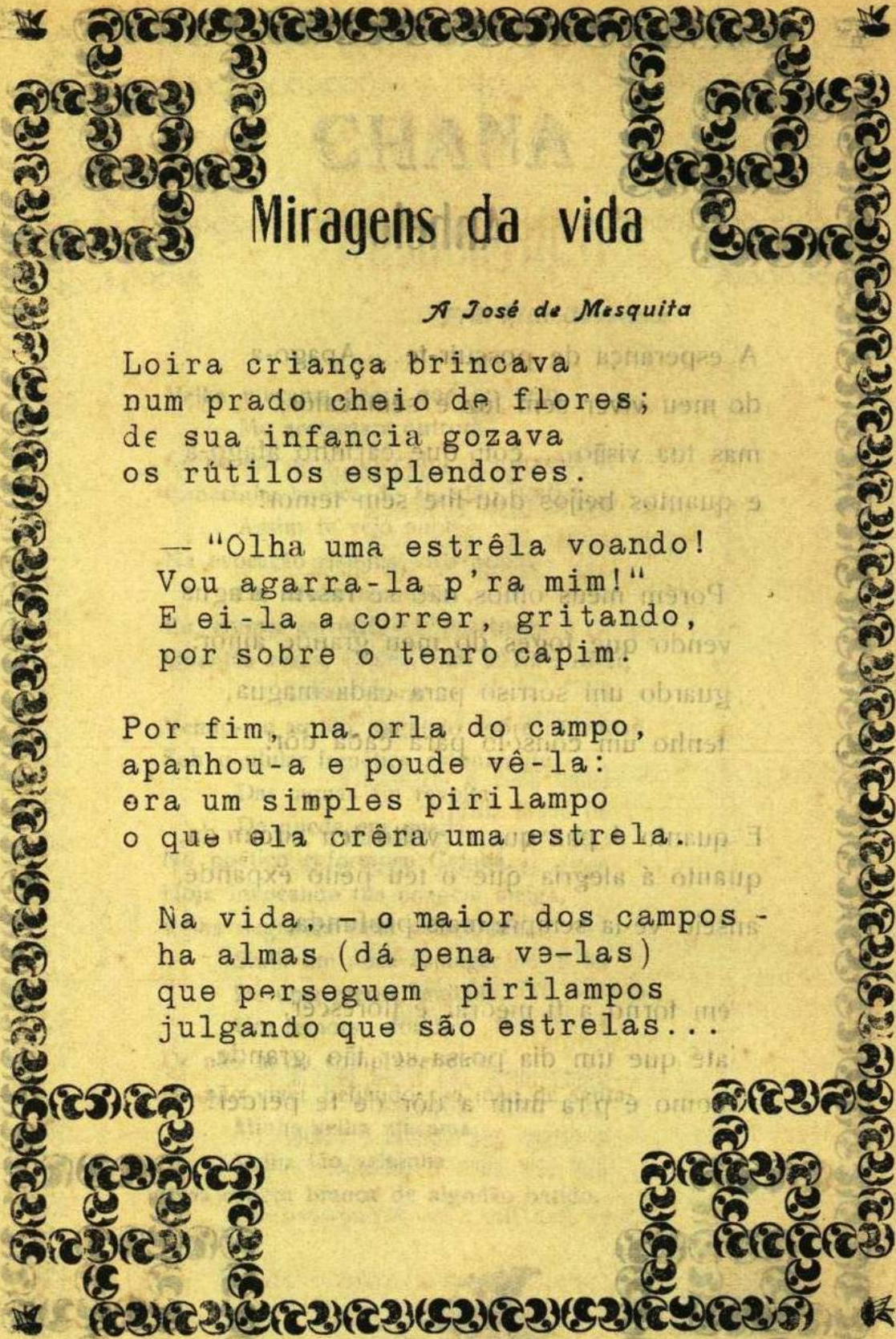
o maior achado

De volta de jornadas fatigantes
tres homens num hotel se defrontaram
e logo, como dignos viajantes,
proêsas a narrar principiaram.

— “Eu achei o maior dos diamantes
de todos que até hoje se encontraram.
Iguar nunca existiu por certo dantes,
pois embalde mineiros procuraram.”

E o segundo: — “Aladin em mim revive;
seu anél, que dá tudo o que se quer,
comprei eu no Oriente, onde já estive.”

E o terceiro: “Haja tudo quanto houver,
mas o encontro maior fui eu que tive,
pois achei coração numa mulher.”



Miragens da vida

A José de Mesquita

Loira criança brincava
num prado cheio de flores;
de sua infancia gozava
os rútilos esplendores.

— "Olha uma estrêla voando!
Vou agarra-la p'ra mim!"
E ei-la a correr, gritando,
por sobre o tenro capim.

Por fim, na orla do campo,
apanhou-a e pode vê-la:
era um simples pirilampo
o que ela crêra uma estrela.

Na vida, — o maior dos campos —
ha almas (dá pena vê-las)
que perseguem pirilampos
julgando que são estrelas...

Anhelos

A José de Mesquita

A esperança de possuir-te... Apago-a
do meu viver sem luz e sem calor,
mas tua visão ... com que carinho afago-a
e quantos beijos dou-lhe sem temor!

— "Olha uma estrela voando!"
Porém meus olhos não se rasam d'água
vendo que foges do meu grande amor:

guardo um sorriso para cada magua,
tenho um consolo para cada dôr!

E quanto á paz que o vulto teu circunda,
quanto á alegria que o teu peito expande,

anseio vê-la sempre mais profunda,
em torno a si medrar e florescer,
até que um dia possa ser tão grande
como é p'ra mim a dôr de te perder!

CHANA

Frãr klin Cassiano

Velha mucama negra que no seio,
Me acalentara outrora
Corpo em arco, dobrado, pés descalços,
Cabecinha branca de algodão batido...
Assim te' vejo ainda
Na evocação risonha, enternecida
De minha meninice...
Eu, criança terrível, em peraltice,
Quantas vezes, Chana, não te fiz sofrer,
Triste chorar
Vendo-me ao léu, vagando sobre as ondas
Sob o ulular frenético estonteante
Das aguas em revolta
De queda em queda,
No poético e formoso Cuiabá.
Hoje invocando tua imagem meiga,
Velha negra curvada pela idade,
Sinto um doce esmagar
De uma eterna saudade,
Um remorso dorido
De não haver compreendido
De não viver beijando tua mão de santa
Minha velha mucama,
Velha tão velhinha
C'oa cabeça branca de algodão batido.



CHAMA

O prisioneiro



NA gaiola empoleirado,
um mimoso passarinho
carpia seu negro fado,
com saudade de seu ninho.

Ao lembrar da liberdade
que gozava na floresta,
mais lhe magôa a saudade,
tornando-lhe a vida mesta.

Como pode o prisioneiro
ali sentir alegria
num martyrio verdadeiro,
entre as grades, noite e dia?

Por melhor que o trato seja,
na gaiola mais bonita,
elle sómente deseja
a liberdade bemdita.

Quem ouvir seu triste pranto,
com cruel satisfação,
e disser que aquillo é canto,
não tem alma e coração.

José Bonifacio de Albuquerque





Então, surgiu.
os, transfigurou-se, e uma completamente nova personalidade
Folheando, entretanto, aquella collecção de versos, e lendo-
discreto.
da illustração, modos polidos, bondade, transparentes e gestos
Españada, era apenas o cavallheiro educado e variado, de vari-
Na prosa banal, dos cavacos ornamentados, diariamente no

Desde esse instante do mais alto gozo espirital, entresbrin-
e, como nua flor, a alma do artista, mostando-nos, no alto
brilho dos quadros emocionaes, o que a sua sensibilidade requin-
tada tratara.

E o tomou acompanhando então nessa viagem esplendida.
Seguimo-lo, pelo a braco, por estas redas perlimiosas e en-
scumbas, a
parava um ar de melancolia, como um fim de tarde de
outono.

Apresentando um poeta

É que de parte o faceto de algumas de suas composições,
a superioridade critica do espirito, quasi que só a região da Du-
vida encontramos, nessa viagem, uma Duida, atroz, torturante,
incontível.

Olegario de Barros



OU ter a oportunidade de apresentar-vos, minhas exmas.
senhoras e senhores, lendo alguns dos seus sonetos, um
poeta, um grande poeta, que já convive comnosco, vai
por um semestre, e só ha pouco se deixou revelar.

Hospede nosso, embaixador de credenciaes valiosas das le-
tras cereenses, aqui chegou o filho nostalgico da terra adusta e
abrazadora do sol, e, muito de manso, quasi á sombra, metteu-se
numa casita branca, já a entrada do matto.

E ahí ficaria o solitario, nas suas introspecções costumarias,
ou na contemplação dos nossos deslumbrantes arreboés, tão do
seu agrado aliás, envolto nessa modestia que pôs mais ao vivo
o seu talento, se um de nós não fosse, certa manhã, surpreen-
de-lo officinando no altar da arte, a ler, com a voz tremula, os
versos admiráveis que a ternura da esposa, antes do vate partir,
tivera o cuidado santo de colleccionar para maior expansão da
saudade de ambos.

Foi nesse momento que se me revelou o poeta cearense Eurico Olympio de Oliveira.

Na prosa banal dos cavacos ordinarios, diariamente no Esplanada, era apenas o cavalheiro educado e viajado, de variada illustração, modos polidos, bondade transparente e gestos discretos.

Folheando, entretanto, aquella collecção de versos, e relendo-os, transfigurou-se, e uma completamente nova personalidade, então, surgiu.

Desde esse instante do mais alto goso espiritual, entreabriu-se, como uma flôr, a alma do artista, mostrando-nos, no alto brilho dos quadros emocionaes, o que a sua sensibilidade requintada traçara.

E o fomos acompanhando então nessa viagem esplendida. Seguimo-lo, braço a braço, por essas veredas perfumosas e ensombradas, através de lindas paisagens, mas, em quasi todas, pairava um ar de melancolia, assim como um fim de tarde de outono.

É que, de parte o faceto de algumas de suas composições, onde o estilete da graça fina e da ironia denuncia a agilidade e a superioridade critica do espirito, quasi que só a região da Duvida encontramos, nessa viagem, uma Duvida atróz, torturante, incorrigivel...

Subjetivista, as suas theses fluem da sua alma, vem ellas de um interior resplandecente, olhos quasi sempre fechados para a grandeza cosmica dos panoramas exteriores. A fonte está, antes de tudo, dentro do seu coração, dentro do seu espirito. Recluso na sua torre alta e isolada, perscruta, indaga, soffre; e, quando, na asa do vento, ouve a resposta gelada dessa terrivel negação, que nasce, talvez, da falta de uma crença, o poeta debruça-se e lapida os seus versos.

Realmente. Não ha, em nenhum dos versos que vamos ler, a aurora fecunda de uma crença, filiada ás religiões que enchem o mundo para o consolo dos homens.

A ternura, a delicadeza, a meditação philosophica e o fantasma esvoaçante do amor, esses sim, percorrem-lhe, de ponta a ponta, as produções e florescem em festões; mas, quando deveriam estrellejar esperanças e paz radiosa, em pinceladas fortes de optimismo, espalhando no quadro suggestivo, a visão risonha e placida da finalidade da vida, surge o espectro da Duvida, num desalento desconcertante.

Dir-se ia que o poeta se vê actuado por um scepticismo profundo, visceral, de modo a conceber que, devolvida a materia á natureza, só resta a imiensa e irreductivel paz do Nada.

É possível que nós enganemos, mas, ao exame dos seus versos, sentimos que se entrelaçam estas duas forças: o affecto, a pureza de sentimento e o abatimento, o desconsolo, a descrença. O accento triste, a malicia e a tendencia philosophica do espirito emancipado da Religião, ambos elles, porventura herdados dos corações de seus pais, a ternura lembrando a origem materna, e este a origem paterna.

Eis uma amostra: —

Caveira

Triste imagem do ser e do não-ser. Emblema
Da vida que foi pó e em pó se transfigura;
Espelho a reflectir do Orgulho o triste eschema,
Naufragio da Illusão, da Crença e da Ventura.

Ri, oh! caveira, ri com desdem na suprema
Vaidade e, sempre a rir, aponta a sepultura...

Que traduz o teu riso? Oh! magico problema!

A Duvida do Alem... Mystério que tortura.

A Virgem da Saudade ajoelhada ante a imagem

Do Passado, exhumando o cadaver do Sonho,

Do Amor que se exauriu, do tempo na voragem!

Ri, canta o funeral dos meus sonhos de Hamleto,

Faze dobrar da Magua o carrilhão tristonho

E envolve-os no sudario e paz deste soneto.

Não é só, porém, O poeta volta-se, tambem, para o amor. Não o amor adjectivado, que vai do amor criminoso, do amor perjuro até a paixão legitima que abençoa e sella o compromisso dos casaes que se adoram.

O amor só, o amor puro, o amor sem complemento — O AMOR — afinal que se consubstancia, talvez melhor comprehensão, no amor materno e no amor filial, mais elevado para quem não crê.



Descreve o poeta, quando, ainda na etapa florida dos seus 15 annos, si tanto. Como o encara? Contemplai, senhores, como, em 4 minutos, o cantor funde, na formula destes bellissimos 14 versos, o que só o infinito poderia comportar:

Soneto

Idéa de Volg.

(Inspirado na poesia de João Ribeiro e escripto em quatro minutos.)

O! pallido coveiro, vem comigo

E mostra-me o repouso derradeiro

Daquella em cujo ventre tive abrigo

E o meu choro infantil ouviu primeiro.

Quem sabe se, em chegando o pobre amigo,

De seu corpo, recente verdadeiro,

Não se abrirá, talvez, o seu jazigo,

Para abrigar seu filho? Vem, coveiro!...

Vem!... Dize!... Minha mãe onde repousa?

— Vossa mãe dorme aqui o somno eterno!...

Aqui? ... Aqui? ... Debaixo desta lousa? ...

Mentes de certo, enganas-me, perverso:

Para abrigar um coração materno,

É pequeno, talvez, todo o Universo!

Ahi está porque eu vos disse que, parte do seu temperamento de artista certamente vem do coração de sua mãe, coração de mãe! coração unico!.. fonte para todos do eterno bello sem que nunca sentimento algum subalterno possa contaminar-o.

Por outras palavras, e com a mesma grandeza emocional e termos delicadissimos, disse Mario de Alencar:

Homem que eu hoje sou, não posso, ainda,

Dispensar teu afago e teu conselho.

Velho que eu seja um dia, embora velho,

Se o ceu fizer de ti fraca velhinha
 Sempre serei a mesma creancinha
 A que, em teu collo, davas teu calor,
 Por quem soffreste, mãe, por quem choraste,
 E a quem, sofrega e alegre, aviventaste
 com a tua seiva e a tua propria dôr.

Ou ainda, alma aljofrada em pranto, Coelho Netto modula.
 "Ser mãe é andar chorando num sorriso!

Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
 Ser mãe é padecer num paraiso!

Na psychologia de Eurico de Oliveira ha mais um detalhe mi-
 moso. Ell-o o outomno desapareceu. Agora é um jovem timido e
 enamorado, esparzindo a graça do seu sonho de mocidade, em que
 immerge e, demoradamente, se banha num lirismo suave e aprasi-
 vel! Lembra Guilherme de Almeida, ou melhora Vicente de Car-
 valho. No mar grosso, da duvida, que o leva, aos boléos, por
 modo a perde-lo do pharol da esperanza, agora cai, do alto, uma
 calmaria risonha. Ha psalmos. Ha perspectivas de paisagens encan-
 tadoras. Já não é o desespero encastoadado leve nas rimas, mas
 doce murmurio de ondas mansas, lavando a praia branca batida
 de sol, onde os cantos dos namorados que se despedem enchem
 o ar de saudade, e, entre elles, molhados de lagrimas, dos len-
 ços brancos acenando ao longe.

Psychologia da Despedida

Qual dos dois corações o que mais sente

A agonia lethal da despedida?

O que parte? O que fica? Ou igualmente

A saudade entre os dois é bipartida?

Poderá responder quem consciente

Passou pelos dois transees nesta vida?

Se a magua de quem fica é tão pungente;

Se a dor de quem se vae abre ferida!



Ficar, com a tortura da saudade,
Partir, com a saudade que tortura,
Coração preso á dor da soledade,

Á tristeza claustral de um velho monge. . .

E entre os dois, aumentando a desventura,
Dois lenços brancos acenando ao longe.

Mas, a tristeza da saudade, que se aperfeiçoa na desesperança, agumenta.

Sóbe, aviva-se o tom lyrico no violino magico do artista. Foi-se, virou-se a ultima pagina da ardente mocidade. A agua, cheia de canções primaveris, passou. Por trás dos montes afastados, coroados de névoas, o sol, ensanguentado, tombou. Ha, agora, na imponderabilidade do ambiente, uma agonia deluida, esmagando a alma soffredora. Nas frondes, ninhos pendem, mudos e silenciosos. Nenhum gorgείο. Nenhum pipilo de ave. Deserto, nos galhos mirrados, uma ou outra penna, restos de um romance extinto, apenas tremem á passagem das auras vespertinas. Conta a alma dos velhos ninhos abandonados:

VELHOS NINHOS

Quanta tristeza ao ver abandonados,
Tristes, aquelles pobres velhos ninhos,
Outr'ora povoados de carinhos,
De amôr, de sons, agora desprezados,

Desfeitos quase, á beira dos caminhos!...

Antes, entre gorgeios embalados,
Hoje estão só de pennas habitados...
Fizeste o que fizeram os passarinhos...

E no meu coração — ninho deserto,
Jamais encontrarás um pouco certo,
Jamais! Voltaste muito tarde, apenas

Resta meu coração, teu ninho antigo,
Que sempre procuraste como abrigo
E que hoje não abriga senão penas...

Mas o poeta não se deixa subjugar tão só pelas theses de ordem sentimental. Desborda, vai além, entra os domínios mais vagos, rasga-se nas púas do soffrimento heroico. Philosopha, então.

O pessimismo o invade. Dir-se-ia Antero de Quental ou Camillo, bonzos sceticos, cruxificados em angustia suprema. Ouvi:

CARYATIDE

Apraz-me ver-te assim, sob a cornija

Ornada de relevo e de acrolitho:

Só mesmo carnação tão dura e rija,

Feita de pedra ou feita de granito,

Supportará sem que o cansaço afflija,

Sem uma imprecação, sem um só grito,

Peso de torres que á arte se lhe inflija,

Altas tocando as nuvens, o infinito...

Quão semelhantes somos, minha amiga!

A minha alma á tua alma hoje se liga

Pela dor que a deixou empedernida.

Se supportas pesado monumento,

Eu tambem como tú, sem um lamento,

Supporto muito mais! Supporto a vida!...

Artista afeito a modelar os estados, os mais fugitivos e profundos da alma, Eurico Olympio estuda, versa a alma das coisas. Com ellas convive, fal-as suas companheiras e amigas. Identifica-se mesmo, num pantheismo singular, com os objectos que o cercam, surprehendendo o sentido supremo e eterno que ellas inspiram.

Não é mais um ser á parte, destacado, méro colleccionador de emoções raras, mas em anseios philosophicos, integra se no todo, vivendo, por assim dizer, a vida integral. Sente, por isso, nos pendulos que oscillam nas palpações metalicas do seu velho relógio, um amigo e companheiro, como se, naquella vida mecanica, pulsasse tambem um coração igual ao seu.

Que admiravel poeta se accentúa no soneto "Meu velho Relógio", construcção delicada e subtil, em que percorre um fris-

son, uma faisca, especie de santelmo revelador que aniquila todos os sonhos e todas as vaidades do homem

O vate, apprehensivo, em torno do grande mysterio:

MEU VELHO RELOGIO

Qual escravo do tempo ingrato, rememoras
Momentos de pezar, momentos de alegria;
Tu vives a marcar a agonia das horas,
Como a marcar eu vivo as horas de agonia.

Tão identificado estou, que si demoras
Parado, vem-me logo o tedio, a nostalgia...
Nessas palpitações metalicas, sonoras,
Sinto meu coração pulsando noite e dia.

Muitas vezes a sós, philosophando a esmo;
Julgo ver dentro em ti, minha alma e pensamento,
Que sou parte de ti, que és parte de mim mesmo...

Ah! mas qual de nós dois estacará primeiro?
Serei eu a marcar teu ultimo momento,
Ou marcarás o meu momento derradeiro?...

Eis, exmas. senhoras, aqui vos trago uma esbatida visão dos panoramas illuminados do poeta, que hospedamos. Predominam nas suas concepções, o tom nostálgico e ascetico, repassado de belleza verbal e de imaginação vigorosa, não raro solenne. E sobretudo a pureza das emoções ainda mais as eleva no conceito das boas letras. A qualquer luz que se examine o canto do belletrista que apresentamos, ha, sempre, um poeta elevado: do pantano do subconsciente, nem uma nota menos digna sobe que o possa macular.

Pertence, por todas estas razões, ao grupo de artistas de interior equilibrado, embora lhe falte essa jubilação intima e transbordante que só a crença pode fornecer. A sua visão da belleza das coisas não se deforma; é exacta, constante e, por isso mesmo, fica fiel ao programma de verdadeira arte. Não inutilizou o talento nas execerandas innovações que, a estas horas, morrem já, vitima do seu proprio ridiculo.

E como rematar? Como concluir esta apreciação? Concluo, senhores, fazendo minhas as palavras dirigidas a um dos nossos mestres do verso: Eurico, tu tens talento para o diabo que o carregue!



COUTO DE MAGALHÃES

DISCURSO PROFERIDO PELO OCCUPANTE DA CADEIRA NO 3, ACADEMICO JOSÉ DE MESQUITA, NA INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE COUTO DE MAGALHÃES, NA GALERIA DOS PATRONOS, A 21 DE MAIO DE 1933.

Distinctas Senhoras e senhorinhas,

Meus Senhores,

Presados confrades:

A "Academia Mattogrossense de Letras" inaugura hoje, em seu salão nobre, o retrato do patrono da cadeira n. 4, o General Dr. José Vieira Couto de Magalhães, cabendo-me a honra e a satisfação de dizer-vos algumas palavras a respeito desta solemnidade, como occupante que sou da mesma poltrona.

Quero, Senhores, destacar duas circumstancias muito para referidas nesta hora, e das quaes devemos tirar conclusões opportunas e ensinamentos uteis e efficazes.

A Academia, na sua alta missão de guarda e vestal das tradições de nossa terra, mantendo a sua galeria de paranympchos, que são assim como uma especie de numes tutelares da nossa cultura, conservou entre elles essa figura impressiva e inconfundivel de Couto de Magalhães, a cuja sombra augusta me honro de haver entrado como um dos doze fundadores do "Centro", de que a "Academia" é legitima successora.

Notae, entretanto, em primeiro lugar, que Couto de Magalhães, um dos maiores servidores de Matto-Grosso, na guerra e na paz, na administração e nas letras, não era um mattogrossense, tendo nascido na cidade de Diamantina, o antigo arraial do Tijuco, de gloriosas evocações na Historia das Minas. Adoptando-lhe o nome como um dos seus 24 patronos e exalçando-lhe a memoria por tantos titulos veneranda, inculca a Academia a noção do verdadeiro nacionalismo, da pura e sanbrasilidade, que não conhece fronteiras sinão as que nos separam dos paises estrangeiros, e que vê no Brasil um todo uno e inseparavel, aquelle feixe symbolico de que falava o Rei-Cavalleiro, e que nada, nem ninguem, poderá jamais separar.

As divisões geographicas ou politicas entre os Estados, obedecem á tradição historia ou á conveniencia administrativa, sendo, como é, a propria Federação um imperativo politico, que a nossa vastidão territorial e a nossa evolução historica exigem. Mas não ha, para os brasileiros conscientes e dignos, mais do que um Brasil, e não 20 Brasis parcellados e rivaes entre si: uma affinidade atavica de lingua e de crença, de costumes e tradições, liga e funde, amalgama e integra, na unidade nacional indissolvel, nortistas e sulinos, homens do centro e do litoral, do nordeste e dos pampas, num nome unico, num só patriotismo, numa fraternidade apenas— a communhão brasileira. Essa alma da patria, una e indestructivel, que Affonso Arinos, outro grande mineiro, via tocando a rebate no sino de cada uma de nossas

capellas, concitando-nos a reunirmo-nos contra o perigo commun»; essa é a alma do Brasil que não conhece divisas nem barreiras inter-estadaes, sinão para effeitos de pura administração; essa é a alma da nossa terra que canta o mesmo cantico de fé e de esperança, na mesma lingua doce e meiga, que é o portuguez do Brasil, quer seja nas solidões dos igarapés amazonicos, quer nas bellas fazendas paulistas, quer nos rudes “galpões” onde o “fogo” da peonada gaucha sussurra os seus hal-lalis guerreiros...

Couto de Magalhães é tão nosso como se houvesse nascido neste predestinado valle cuyabano, é nosso porque deu á nossa terra o seu talento e a sua cultura, o seu amor e a sua dedicação, é nosso como o P. Ernesto, cuja effigie ali vêdes, patrono tambem de uma cadeira, como Melgaço, Ricardo Franco, Taunay, e tantos outros, patronos e guardas amigos deste sodalicio venerando! Essa a grande lição que a Academia parece querer inculcar na inauguração deste retrato, lição que se resume em banir de vez esse estúpido “bairrismo”, que nega valor ao que não é mattogrossense, só porque procede de além-Paraná ou de além-Araguaya... Claro que não se trata de excluir esse natural e justo pendor todo particular, que nos merece aquillo que é nosso, e que, em igualdade de condições, nos leva a preferir a “prata de casa” a todo o ouro alheio, muitas vezes de quilate suspeito: mas, a par dessa explicavel preferência pelo que é particularmente nosso — convem insistir neste ponto — precisamos criar e desenvolver, no espelho de vidas como a de Couto de Magalhães, o verdadeiro e alto nacionalismo, que se não compadece com bairrismos estreitos.

A segunda lição que esta glorificação nos suggerre é a de que se deve confiar profundamente e serenamente na justiça da posteridade e jamais se abater diante dos golpes desferidos pela calumnia, pela má vontade, pelo odio gratuito dos contemporaneos.

Ninguém foi mais atacado, offendido até nos seus íntimos melindres, do que esse varão egregio cuja effigie ora vemos exornando a galeria plutarchiana da nossa Academia de Letras. De tudo o accusou a paixão partidaria, cega e sem peias, não poupando um dos seus actos publicos sequer. A proterva injuria dos pasquins fez d'elle o alvo predilecto, durante muito tempo, vendo nos seus gestos mais dignos intenções culposas. Em pleno fastigio da carreira gloriosa, em que apenas visava trabalhar pela Patria, conheceu essa bateria da detracção, assestada nos prelos ignobeis, que vivem para a volupia do doesto e para o sadismo das demolições!

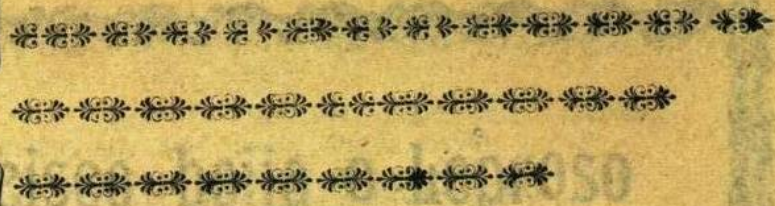
Mas a tudo venceu, galhardamente. As sordicias dos pamphletos em que o injuriavam ob a irresponsabilidade do anonymato ou dos zoilos, cujo nome é ninguém, onde param a esta hora? No enxurro de lama de que vieram e para onde vão todos os que fazem da penna o triste instrumento dessa arte aviltadora que com a mesma inconsciencia com que bajula os potentados, quebra os dentes, impotente, na lima das reputações formadas. São desses de que dizia Ruy, outra grande victima do jornal-torpedo, que a gente limpa se mostra mais receosa dos seus gabos que dos seus ataques, os mesmos que não se pejaram de accusar o Patriarcha da Independencia Americana, o grande Whashington, de haver sido a maior vergonha de sua Patria! Taes vozes ainda e sempre se erguem, no coaxar dos batrachios e invertebrados, ou no determinismo inevitavel das suas psychoses. A progenie bastarda do filho da cortezan de Arezzo não se extinguiu, nem se extinguirá tão cedo. Mas, o seu fadario confina-se na geração que a produz, quando chega a vencer uma geração. Salva-se ainda pelo talento, quando o tem, o que nem sempre acontece. As suas victimas preferidas, porém, quasi sempre ficam vivendo, nas suas obras e nos seus trabalhos, que o futuro reconhece e consagra, quando as arengas dif-

famatorias já se calaram no silencio dos tumulos.

Toda a gente ainda hoje lê "O Selvagem" e a "Viagem ao Araguaya" obras velhas de mais de meio seculo, nas quaes ficou estereotypada a capacidade de trabalho, a cultura do nosso egregio patrono. Seu nome enche mais de uma pagina da Historia de Matto-Grosso e do Brasil. Quem ahi se lembra, entretanto, das torpes assacadilhas em que era o seu vulto austero comparado ao bandido *Cama Quente*, sinão para, enojado, incriminar taes invectivas,, cujos auctores desappareceram na valla commum do desprezo e do esquecimento? Bemdita licção esta que nos ensina a Academia, exaltando, num preito sadio, as individualidades maximas do nosso Pantheão historico e literario! Licção salutar e encorajadora, que aos de hoje mostra o exemplo dos de hontem e aponta as esperanças de amanha!

Continuemos, senhores academicos, a trabalhar por Matto-Grosso unido no Brasil unido, sem bairrismos criminosos e sem desanimos nocivos. Que as grandes individualidades desta galeria, em que Couto de Magalhães hoje penetra galhardamente, sejam mais do que méros retratos encaixilhados em bellas molduras, verdadeiros retratos moraes em que nos espelhemos para proseguir desassombradamente na cruzada em que nos empenhamos—por Matto-Grosso e pelo Brasil!





Augusto Lima

Paginas

dos

Mestres



Francisco beija o Leproso

Augusto Lima

Que maldição da sorte, ou que graça do Eterno
paíra sobre os que são da lepra devorados?
Ou martyres de Deus ou reprobos damnados,
— a uns promessa do céu; a outros, precoce, o inferno.

A carne em flôr de formosura peregrina
tornou-se podridão de ambulante ruína,
podridão que vive e ama, e odeia e (hedionda sorte)
cujo aspecto afugenta a propria morte.

Esta o corpo dissolve em gases da atmosphera
e em mineral innocuo, e novos seres gera;
mas aquella é uma dôr esteril que irradia

sem ser vida, nem morte, em continua agonia!
Tem nojo de si mesma e cousa nojo ao mundo:
ao seu lado, é uma flôr o verme mais immundo.

O misero mortal posto no leprosario
é um ermitão sem voto, um monje involuntario;
da sociedade que o repelle
a clausura, que o isola, é a sua propria pelle.

Para aggravar a pena de estar só,
até Deus, uma vez, fugiu de Job.

Mas Jesus, que soffreu por todos na paixão,
tendo sentido no horto e no Calvario
o divino abandono,
e a dor da solidão

passa os dias sem sol, vêla as noites sem somno,
dos martyres que estão no leprosario.

As vezes toma um leito entre os enfermos,
disfarçado em leproso, outras vezes nos ermos
por imitar as almas desgraçadas
vae sosinho, esmolar pelas estradas.

Naquelle tempo, um leprosario, havia
perto de Assis: — São Salvador dos Muros, nome
de angustiada tristeza e solidão sombria,
sepultura de dôr, da dôr sem nome,
que os corpos rõe mas não consome.

Ora, naquelle dia,
quasi ao soar da Ave Maria,
Francisco, o jovem cavalleiro, vinha
de São Damião, e unguido de piedade
interrogava a Deus qual mais convinha

fosse a sua missão á Divina Vontade.
— Si me queres seguir, disse uma voz celeste,
aborreçe o que amaste, e ama o que aborreceste.
— Tudo farei, Senhor, por vossa eterna gloria,
disse Francisco, entregue á loucura da Cruz;
do meu passado vão apaguei a memoria,
e o meu futuro entrego ás vossas mãos, Jesus!

Proferido este voto, estremeceu, ao ver,
vindo pelo caminho, um vulto de leproso,
trapo de carne informe e monstruoso.
Um fremito de horror tomou-lhe todo ser;
era fatal o encontro; estreito era o caminho;
avancar? louco arrojo, e recuar, mesquinho;
mais ainda uma vez, falou a voz celeste:
“aborreçe o que amaste e ama o que aborreceste.”

... E Francisco avançou. Enfrentando-se os dois,
olharam-se, e depois...
o mendigo sentiu na mão um beijo ardente,
que o Cavalleiro lhe imprimia humildemente,
ajoelhado e chorando...

Em torno a natureza,
vendo assim triumphar o noivo da Pobreza,
num doce encantamento; extatica, sorria
no celeste choral de angelica harmonia.
Francisco absorve na alma uma aura embalsamada
de graça, de perdão, de amor e de esperanza,
gosando a antevisão da Bemaventurança.

Ergue a frente, porem:
está deserta a estrada!

Levanta-se, olha em torno, e não vê mais ninguém,
No occaso resplandece a estrella vespéral;
cantam sinos ao longe, em toque festival...

E, sob a inspiração que enchia a immensidade
da poesia divina da Bondade,
dando graças a Deus,
olhos fitos nos céus,
lá foi cantando pela estrada a lora...

Levados na attracção daquella alma sonora,
deixando os ninhos,
vão seguindo a Francisco os passarinhos,
Na frente, a sua triumphal passagem,
illumina-se a estrada de esplendores,
e as arvores agitam a ramagem,
atirando-lhe flores.

Atrás, os animaes, insectos e reptis:
sómente a rocha immovel, infeliz,
de não poder rolar no encantamento,
murmura o seu lamento,
abrindo as fontes,
ás torrentes de lagrimas dos montes.



Griselda

João Ribeiro



Uma das mais commoventes criações da poesia christã é a do typo feminino de Griselda.

Antes de Christo, havia o exemplo de submissão e humildade do santo Job, como nol-o pintam os antigos livros sagrados.

Não havia, porém, a mesma grandeza nas mulheres da Biblia.

O christianismo elevando o culto da mulher inspirou a cavallaria e a poesia cavalleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrificio o sexo que era tambem o de Maria Santissima.

O coração de Maria traspassado de infinitas amarguras era o symbolo de quanto podia a mulher realizar na redempção do mundo barbaço.

E assim nasceu a legenda de Griselda, perpetuada pelos poetas medievos, por Petrarca e Boccacio nos seus livros immortaes.

Griselda, de baixa extracção, rustica e campésina, foi escolhida para esposa do Marquez de Saluzzo que fazia captivas as mulhières que lhe aprazia tomar com a violencia dos antigos barões, senhores da vida e da

honra dos seus servos.

Tomou-a para esposa e para fazer nella todas as experiencias de humilhação a que se submettia a suave creatura que dizia a tudo quanto della reclamava o senhor barbaro:

— Sim, men senhor.

E assim é que o esposo barbaro lhe arrancou successivamente de seus braços os filhos que nasciam, não querendo dar-lhe noticia do paradeiro da sua propria, prole.

A tudo se submettia Griselda sem rancor e sem queixume, pelo amor do esposo e, sobretudo, pelo amor de Deus que os unira para sempre na vida e na morte.

Sim, meu Senhor.

Que grandeza nessa obediencia!

Afinal, o barbaro que secretamente ardia e a amava chegou ao ponto de confessar a maldade das suas violencias.

Os filhos que ella supunha perdidos ou mortos estavam entregues a parentes distantes.

E depois de tamanhos sacrificios e malferida ainda de tantas chagas abertas no coração, veio o momento sublime de ter rendido aos seus pes o esposo que tanto a fizera soffrer.

Griselda é como o Job das antigas escripturas, nascida para soffrer, sen que lhe passasse pelo coração ou pelos labios um pensamento ou uma palavra de revolta contra a amargura de seu proprio destino.

Só o christianismo, escola de humildade e de amor, poderia dar a suave espiritualidade dessa obediencia infinita.

E seria uma fabula, engenhada pelas poetas?

Não.

Era a propria realidade bem mais sublime que os exemplos varios colhidos pela poesia e pela imaginação.



Paginas

con-

temporaneas



Rio, 25-2-934

Meu presado e grande patricio D. Aquino:

Permita-me fazer chegar ás suas mãos o trabalho junto, que é apenas uma pagina de saudade sem a minima pretensão literaria. Trata-se de um periodo quasi desconhecido da vida de Euclýdes da Cunha, para o qual chamo a atenção dos estudiosos e dedicados á formação da mentalidade nacional em relação aos nossos grandes escritores.

É curioso que criticos e anotadores jamais tivessem estudado o autor dos "Sertões," pela sua face mais romantica e positiva, como se esse paradoxo fosse bem a síntese daquela vida amargurada e tumultuaria. Vida romantica em contacto com a natureza que elle amava, e era esse romantismo que lhe dava forças para escrever os grandes capitulos positivos, que são a construção da ponte sobre o rio Pardo e a exploração do Purús e a decifração das cartas famosas, que deram nascimento a esse livro formidavel-Perú versus Bolivia-que é uma especie de biblia para as questões de limites entre os dois paizes.



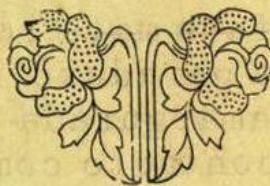
Foi sempre como um espirito positivo que elle escreveu ou produziu: os "Sertões,, nasceram jungidos aos calculos de resistencia daquela ponte; "Contrastes e Confrontos" e "A Margem da Historia" cristalizaram-se nas observações astronomicas do Purús e nos levantamentos do rio vagabundo e intermino. Eis o que se deve dagora por diante fazer ressaltar da obra maravilhosa do maior dos nossos escritores de uma epoca que marca o inicio da transformação do Brasil.

Receba estas linhas o illustre patricio e notavel cultor de nossas letras, como uma homenagem de grande estima e real admiração.

Queira mandar as suas ordens a quem é sempre o

sincero amigo

Firmo Dutra





EUCLYDES DA CUNHA

UM CAPITULO DA SUA VIDA

FIRMO DUTRA

Conheci Euclides da Cunha em Manáos, em começo de 1905, quando ali aportára como chefe da comissão de reconhecimento do alto Purús. Morava eu a esse tempo com Alberto Rangel, num chalet rustico e romantico, perdido na villa Municipal, lá para as bandas do reservatorio do Mocó, e ali se fôra hospedar o aotor "dos sertões".

Minha amizade com Alberto Rangel, vinha da Escola Militar da Praia Vermelha, e tornara-se mais intima e chegada, quando em junho de 1904, um grande acasos defrontou no alto Juruá, á boca do rio Móa, uma óas mais longinquas, e desconhecidas regiões do Brasil. O grande escriptor descia o rio, doente, em consecuencia de longa estadia no Juruá-mirim, onde fôra medir e de marcar os seringaes do famoso tenente José Lucas Barbosa, um dos formidaveis pioneiros, que desbravaram, conquistaram e dominaram os altos rios amazonicos, que quasi tocam o lendario Urubamba, e recebem as rajadas frigidias

dos Andes. Eu ali estava fazendo parte da expedição militar enviada para reocupar, mesmo á força, como se deu, um sector do territorio nacional, á embocadura do rio Amonea, invadido por forças regulares peruanas.

O ultimo capitulo do "Inferno Verde", que aliás deu o nome ao livro tão discutido, relata o encontro do engenheiro Souto e do jovem alferes-alumno, que outros não eram senão o proprio Rangel e o autor destas reminiscencias.

No primeiro periodo de sua estadia na capital dos barés, Euclides ora residia no escriptorio da Commissão, em preparo de marcha para o desconhecido, até então afrontado apenas pelo heroico caboclo Manoel Urbano, ora permanencia na "Villa Glycinia", em busca de repouso para seu espirito já trabalhado por visivel soffrimento intimo. Os amigos que o acompanharam por esse tempo puderam avaliar a enorme energia daquelle homem de imaginação e de sensibilidade, para recalcar dores immensas e organizar uma expedição de caracter scientifico e diplomatico, que se annunciava preñhe de difficuldades e accidentes. Era notavel sua preocupação pelo resultado da incumbencia que recebêra, nascida de conflicto sério com o Perú, que podia tomar rumo mais ameaçador, deante de qualquer desentendimento das comissões mixtas, enviadas pelos dois governos para explorar os rios Purús e Juruá, pontos cruciaes da questão.

Quando em Abril, Euclides terminou os trabalhos preliminares de troca de poderes, das copias authenticas das instrucções e da mobilização do material de toda especie, para a singradura alongadissima de mais de tres mil kilometros, estava exaustivo e profundamente impressionado por ter de iniciar a marcha para a frente, em estação desaconselhada, com a vasante dos rios quasi á porta. Seu memoravel Relatorio, publicado em 1906, e sua correspondencia de então, delatam essa contingencia no homem de saber e de observação, que de

tudo perquiria e se informava.

Os tres mezes passados em Manáos deram a Euclides um manancial opulento de conhecimentos da região, que ia illustrar com sua presença. Estudára os documentos preciosos, que se encontram na bibliotheca do Estado e nos archivos do palacio do governo, e delatára com paciencia e tenacidade de beneditino, os mapas, desenhos e roteiros, que particulares estudiosos e a directoria de Terras guardavam como prova da intrepidez dos exploradores nacionaes e estrangeiros, que desvendaram esse mundo novo, esse quasi continente que é a Amazonia, da margem direita do Solimões até o sopé dos Andes. Data de então sua commovida admiração pela obra de conquista de Manoel Urbano, o verdadeiro desbravador do Purús, e sua veneração por William Chandless, o geographo inglez, que varou o rio *divagante*, consoante seu dizer bizarro.

Encerrada essa phase delicada de organização, que naquella epoca exigia cuidados e precauções de todo genero, rumou o grande escriptor com sua expedição para as paragens quasi ignotas do alto Purús, no extremo limite dos manadeiros que o formam, pelo desgalhamento meridional do Urubamba e do Madre de Dios.

Quatro mezes de perseverança e de soffrimentos foram necessarios para a commissão brasileira attingir seu objectivo, pisando terras então só palmilhadas por alguns caucheiros, cujas proezas ainda pairam no silencio de miseria da Amazonia, como a rememorar o periodo heroico da riqueza e das arrancadas contra o deserto fascinante.

Foi nessa exploração tormentosa e cheia de riscos, que a insidia de uma navegação precaria offerece ao conquistador destemeroso, que Euclides comprehendeu melhor a Amazonia aggressiva e mysteriosa, cujos dias se dilatam ao sol causticante e cujas noites atoadas pelo tumultuar da vida multiforme, despertam ansia e pavor. Vencendo o grande rio e dando ao Brasil sua pos-

se definitiva, assentada pela sua capacidade de notavel profissional, o autor dos "Sertões" escreveu o terceiro e mais empolgante capitulo de sua gloriosa vida de cientista e patriota. A campanha do Purús, na grande tragedia silenciosa de cada dia, marcada pelo declinar das aguas, que deixavam á mostra as cachoeiras eriçadas de rochedos e tócos traiçoeiros, assemelha-se muito ao cerco de Canudos, quando faltava alimentação e a tropa se sentia combalida pela fome e pelo arremesso incontido dos jagunços. Não recuou, porém, não *atrouxou o garrão*, no grito bravo do chefe militar.

Já na ultima investida, quando chegava ao varadouro, que define a mais meridional das nascentes do Purús, foi a expedição já exgotada em suas ultimas reservas de energias, assaltada pela falta absoluta de viveres; o que obrigaria a deixar inexplorado o ultimo rincão escondido á curiosidade patriótica do grande chefe brasileiro. Era uma situação dramatica e angustiosa, desenrolando-se no meio da mais remota e assustadora floresta, que cerca de sagrado recato o berço dessas caudae famosas, que enchem as paginas de nossa historia nas questões de limites com alguns visinhos: Purús, Juruá, Javary... Tal como assistira e depois narrara, apresentava-se a Euclides o momento decisivo: avançar e talvez sacrificar-se, mas vencer e sustentar bem alto o nome brasileiro; ou recuar, certo de salvar-se e os companheiros, mas deixar sem o ultimo e glorioso arremate a missão honrosa e difficil, que o Brasil lhe commettêra. Não hesitou o homem, que com os "Sertões" afrontára o sentimentalismo nacional; marchou para a frente e lá deixou no varadouro do Coriuja, só palmilhado antes pelos indios de um truculento cauchero, assignalada, para sempre, a passagem do pequeno pugilo de homens guiados pelo estoicismo, pela constancia e pela fé inamolgavel. Ganhára a expedição brasileira a longa e difficil batalha; dominára o grande rio; conhecêra seus meandros e estirões, seus furros e paranás, e fechava com o ultimo episodio, o cyclo

lendario de sua historia.

Dava ao Brasil, naquelle sector, limite certos, posse definida e definitiva de seu territorio, concorrendo assim para uma nova era de amizade e confiança, de paz e de tranquillidade no continente, que acabava de ser surprehendido com o nosso duplo dissidio na bacia amazonica: no Acre, com a Bolivia; nos grandes rios que descem das linhas do Ucayale, com o Perú.

E' este talvez o mais nobre lance da grande vida heroica desse homem singular, que sobranceia o panorama brasileiro, como aquellas figuras aureoladas, de que fala Paul Saint Victor nas "Duas Mascaras". Enfileirou-se Euclides entre os nossos maiores exploradores e reviveu, lá nos ultimos recantos onde ainda sôa o verbo da nacionalidade, o perfil lendario do bandeirante. Nas horas terriveis, em face dos peruanos bem providos e prestes para o avanço final, Euclides plasmou-se na alma daquelle Raposo Tavares, conquistador, descobridor e vanguardeiro do Brasil no oriente amazonico.

Realizado o objectivo, que era, segundo as instrucções, fazer o reconhecimento do Purús até o Catay e dahi para cima levantamento expedito e determinação das coordenadas de seus affluentes, incluindo os varadouros do Ucayale, nada mais restava á Commissão brasileira senão regressar a Manáos, onde devia completar os trabalhos de gabinete.

A dura tenacidade do chefe brasileiro, sua indomavel coragem para arrostar com os azares do desconhecido, não agradaram ao chefe peruano, que via esse vasto trato da terra cisandina, até en'ão mysterioso e extranho, batido somente pelos escravizadores de indios puros e devastadores da *castilloa elastica*, desvendado á civilização e conhecido pelas autoridades do paiz vizinho, rival na posse da área explorada. As cartas de Euclides ao amigo que ficára em Manáos, e suas confidencias pessoaes avivam os incidentes, graves alguns, que

marcaram o desgosto e a irritação de seu collega, que jamais' acreditaria que aquelle homem meão, filho do sul, inapto para supportar o clima deprimente do Amazonas, e celebre apenas como grande escriptor, fosse, a um tempo, lutador temivel, astronomo, geographo e explorador porfiado e cauteloso.

Regressando a Manáos, foi Euclides residir em nossa casa, e durante mais de dois mezes convivemos com o homem já celebre, que se mostrava em toda a plenitude de sua natureza timida, contemplativa e ás vezes sacudida por bruscas rajadas de insopitavel soffrimento. Nesse fim de 1905, Rangel achava-se na Europa em delicada missão do governo amazonense, e a "Villa Glyceria" não mais abrigou dois dos maiores e mais estranhos escriptores da raça.

Nesses mezes de relativa tranquillidade, preparou Euclides a estructura de seu livro sobre o Amazonas, que se denominára inicialmente "Um Paraiso Perdido", titulo mudado mais tarde para "A' margem da Historia". Foi no amplo caramanchão do jardim, emoldurado de glycinias e ipoméas rubras, que foram traçadas as primeiras paginas desse livro, ainda sob a emoção do espectaculo esmagador e martyrizante dessa natureza unica e monotonamente formidavel, que é a amazonica. A morte tragica não lhe permittiu rever sua ultima obra, resultado da observação profunda e da admiração quasi explosiva, tão de seu temperamento, pela Hylae prodigiosa. Dahi, ao certo, a razão de não se encontrar no livro, um capitulo e foi esboçado, que se intitulava — "Brutalidade antiga" e era a pintura, com as fortes tintas de que sabia usar Euclides, da entrada dos povoadores para os altos rios, deixando atraz de si a devastação dos cauchaes e o sulco sangrento das caçadas aos indios.

As cartas que se seguem, tão intimamente ligadas a este periodo daquella vida augusta, cartas guardadas durante vinte oito annos, como documentos preciosos

que pertencem menos ao destinatario do que á historia do servidor maximo de nossas letras, mostram uma das faces menos conhecidas da personalidade de Euclides da Cunha. Publicando-as, quero prestar commovida homenagem de saudade ao amigo bonissimo, á alma feita de luz, afogada na dôr e desapparecida na mais injusta das tragedias.

Guardo de Euclides quasi todos seus livros com desvanecedoras dedicatorias, mas um desses livros tem particular valor. Trata-se de um exemplar da primeira edição dos "Sertões", que me foi offerecido em março de 1905. Nas paginas desse livro, expressão de colera e de dôr de um genio, que se revoltava contra todas as injustiças; nesse livro, gloria maior da raça e a mais nobre manifestação de amor por um Brasil grande e unido, encontram-se as assignaturas dos meus companheiros de prisão, na "Sala da Capella", da Casa de Correção, em outubro e novembro de 1932.

Um dia, esse exemplar de incomparavel valor, que relembra, pelos nomes que encerra, a mais fulgurante pagina da historia bandeirante, ha de figurar entre os documentos mais preciosos de uma epoca, nos annaes desse S. Paulo que, como Euclides, é a maior gloria do Brasil.

As cartas de Euclides da Cunha

Rio, 15-1-906

Firmo Dutra, desejo-te felicidades e a todos os teus.

Cheguei bem — encontrando todos bons. Mal te posso escrever — taes e tantos trabalhos que ainda me impõem os restos da Commissão. Quando pretendes vir até cá? Talvez eu vá primeiro até lá -- em rota para a Venezuela ou para as Guyanas. Quem sabe?

Esta ahi chegará com o "Jornal do Commercio" onde está uma "interview" a que não me pude ferrar. Não tive outro remedio senão referir-me ao maldito en-

gano de latitude, que em má hora encontrei — principalmente por causa de uma carta dahi para o “Jornal do Brasil”, em que se tratava do caso. Seria tua? Que empurrão, meu bom amigo! Mas felizmente o ministro me fez a justiça de acreditar que era eu o mais contrariado com o successo. Agora está desvendada a cousa. Melhor,

Manda-me noticias tuas. Muitas recommendações ao dr. Agesilao e familia, ao coronel Lisboa, ao Thaumaturgo, ao Teixeira -- em summa, a todos que ahi tanto me captivaram com tantas provas de estima e creias sempre no collega amigo

Eucluydes da Cunha

Rio 25-3-906.

Firmo Dutra, recebi a tua prezada cartinha de 20 de fevereiro, que somente hoje posso responder, tão absorvido vivo no meu relatorio, cuja impressão se está ultimando na Typographia Nacional. Obrigadissimo pelo teu generoso conceito. Ainda bem que soubeste comprehender-me, destruindo naturalmente a falsa opinião que ahi se formou, dando-me a autoria de alguns artigos que saíram na “Gazeta”. Não admira; porque aqui mesmo houve quem pensasse do mesmo modo, o que obrigou a “Gazeta” a uma declaração formal áquelle respeito. Mas, afinal, toda a gente já deve saber que não sou homem que me esconda para dizer o que penso. Disse-me o filho do Bellarmino, que o “Amazonas” me atacára tambem por causa dos taes informes — o que foi clamorosa iniquidade. Não importa, *non ragionar di loro...* Desejo tambem muito a tua vinda — tanta cousa a contar!... Graças aos deuses, aqui estou armado da minha bella energia de caboclo e enfrentando a rir os trambolhos desta vida, que afinal são menores que as 73 corredeiras do Cujar. Has de escrever algo

sobre o meu relatório que ahí estará breve. Um abraço no Crespo. Recommendações aos teus. Muitos abraços no Teixeira e no Prager. Creias no

Euclides da Cunha.

Rio, 7-7-906.

Firmo Dutra, o meu silencio não quer dizer ingratição e olvido; mas muita e grande copia de trabalhos que me esmagam. Ando ás voltas com uns velhos mapas indecifráveis. Aproveito, de relance, um momento de folga, para dizer-te que recebi a tua gentilissima carta, lida e relida com verdadeira alegria.

Não sei se ahí chegou a noticia de que eu ia ser nomeado chefe da fiscalização da Madeira-Mamoré. Realmente as coisas se encaminham para isto — e se obstaculo serio que encontro — a opposição de meu pai — fôr desviado, ahí estarei em breve, calçando de novo as minhas botas de sete leguas.

O velho, porém, está atterrado com o meu nomadismo — e não sei se o convencerei de modo que possa partir sem o contrariar.

Devia contar-te algo dos americanos (1). Vi-os muito rapidamente, no deliro das festas que os rodearam, e ainda não coordenei as disparatadas impressões que me saltearam. Falta-me além disto, o tempo. Noutra carta conversaremos. Esta só tem um fim: dizer-te que não esqueço nunca a tua gentileza e pedir-te que disponhas de mim, com absoluta franqueza.

Muitas recommendações aos teus e aos amigos e creia sempre no teu

Euclides da Cunha.

(1) A embaixada americana que veio ao Congresso Pan-Americano.

P. S. Um grande abraço por mim, no Teixeira,
Rio 30-9-906.

Firmo, desejo-te felicidades e a todos os teus.

Acabo de receber a tua prezada carta de 10 do corrente, lida sempre com a mais íntima satisfação Respondo-a logo, não desejando que se amorteça a nossa correspondencia. Recusei a fiscalisação da Madeira-Marmore — não só por evitar grande contrariedade a meu pae — como por não perder viagem que me será mais util: a demoraçãõ dos limites com a Vedeuzela — que só não terei se o Barão não continuar no governo. Isto, porém, iicará entre nós. Em tal occasiãõ, não me esquecerei de convidarte, até por egoismo, porque não se encontram muitos companheiros do teu porte.

Quanto á conferencia: puzeram o meu nome nos jornaes sem me consultarem. A minha vida continúa atarefada. Não tenho tempo para essas magnificas diversões.

Não poderei, porém, evitar o discurso academico, que será em Novembro. Serei recebido pelo Silvio.

Mandei, fazem uns dias, meu Relatorio ao Constantino (2). apesar do sigillio que ainda paira sobre elle, por causa correspondencia official. Como todo o relatorio de commissão mixta, em que se esbarram dois espiritos sempre dissonantes, elle pouco vale. Julgo, porém, que o governo do Amazonas tem interesse em conhecer a planta mais segura do Purús — e em conhecer "*como se eutra no Perú*", pela sua mais desempedida porta. O Buenono tinha razão em irritar-se tanto a medida que eu avançova, arrostando até fome num "*casus belli*" com o Perú (o que não é conjectu

(2) General Constantino Nery, então governador do Amazonas.

ra ousada) como avançaria-mos até lá, estonteados na indefinida trama de "igarapés" do grande rio?

Peço-te dizer ao Constantino que não divulgue a correspondencia final, do Relatorio, que e a unica parte reservada, pelo menos enquanto não se publicar o Relatorio Geral do Ministerio.

Já comecei — finalmente! — a alinhar "Um Paraiso Perdido — e este proposito peço-te que me mandes o "Album do Amazonas", assim como as melhores observação que obtiveres quanto a borracha em geral, e a sua actual situação mercantil em Manaos. Além disto manda-me o que encontrares relativo ao assumpto.

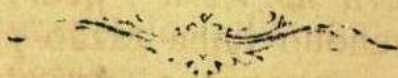
Lembro-me sempre dos bons amigos dahi: do Teixeira (o meu grande professor do whisky); do Prager; do Crespo, a quem já escrevi, com obter respost; ao dr. Paulino. A todos, por teu intermedio, mando muitas saudades e abraços

Escrevo corre, como sempre acontece porque os vapores Lloyd apostaram em sahir quasi na mesma hora em que resolvo escrever aos amigos dahi.

Lembrança aos teus e disponha sempre do collega e amigo

Euclides.

P. S, Um editor portuguez (do Porto) resolveu reunir alguns artigos meus. Dei ao volume o titulo "Contrastes e Confrontos". O trabalho estará prompto breve. Mandar-te-ei um exemplar. Responda.





A acção social e espiritual de Castro Alves

(Trechos de uma conferencia)

D. Martins de Oliveira

“J’aime mieux sentir que comprendre”, direi com Anatole France, porque a poesia é muito mais do coração do que da razão, é muito mais sentimento que cerebro, muito mais extase que meditação.

A poesia é o mysterio que nos commove, que nos faz sorrir, quando ella sorri; que nos faz chorar, quando ella soluça; que nos enthusiasma, quando vibra!

Eu não tolero a poesia scientifica de Teophilo Braga, no entanto, ha homens como este magnifico Victor Hugo, que nos arrebatam com as cousas mais pequeninas e outros, como o simples La Fontaine, que conseguem nos ensinar a mais dura philosophia da vida, com um encanto que nos enternece.

Acredito na possibilidade de se poetisar os mais rudes themas, as leis mais intrincadas da astronomia, da chimica . . . tudo póde o talento, mas, para isto, é pre-



ciso esse toque divino de humanidade, sem o qual não haverá a magia do verso.

O engenho poderosissimo de Dante, conseguiu introduzir no severo dogma do catholicismo, á guisa de toda a sciencia do seu tempo, a poesia eterna do coração: — o amor de Beatriz.

Goethe, esse genio potentissimo da Allemanha, encarnou no Fausto toda a ansiedade da alma humana torturada pelo ideal e narrando a magia negra dos bruxedos do sabat, soube, além de tudo, nos enternecer com a figura encantadora de Margarida, a Martyr do amor, que tombou pela tentação do Diabo.

Camões, na epopéa immortal dos Lusíadas, cantando “as armas e os barões assignalados”, rimava tambem todo o amor da sua patria, que é tambem uma das mais bellas florações do sentimento.

Sempre, sempre, em todas as obras primas da poesia, encontraremos pulsando nellas um coração, que, por assim dizer, lhe sustenta a vitalidade e que nunca morrerá, ainda que passe a sua sciencia e a arte se modifique e tudo mais pereça nellas.

Castro Alves soube nos transmittir a poesia, tal como a impressionabilidade do espirito, assim é que, defendendo um ideal essencialmente politico, a democracia, a abolição, a republica, afinou a sua lyra maravilhosa pela musicalidade do coração e seu verso, ao invés de ensinar, enthusiasma; em lugar de evangelisar, blasphema, protesta, ruge, revoluciona...

Eça de Queiroz considera isso uma *acção politica fecunda*, o melhor meio de converter, cathequisar, fanatizar multidões, e justifica que “um appello a Liberdade e a Justiça feito em estrophes que seduzem como as antigas “vozes do céu”, arrebatam turbas que longos volumes de philosophia deixariam indifferentes”.

E exemplifica: “Quando se quer fazer marchar um regimento, não se lhe explica com subtileza de um pro-

tocollo, os motivos que levam á guerra; desdobra-se uma bandeira, faz-se soar um clarim e o regimento arremete”.

Assim, o poeta fez-se o apóstolo da liberdade. Improvisa-se um “Byron novo”, e como este outr’ora na Grecia, desfralda o estandarte do ideal, concitando os moços á crusada redemptora da Patria:

“Basta!.. Eu sei que a mocidade
E’ o Moysés do Sinai:
Das mãos do Eterno recebe
As táboas da lei! Márchae!
Quem cáe na luta, com gloria,
Tomba nos braços da Historia,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pyramides vastas, grandes,
Vos contemplam secl’os mil! ”

E a mocidade marchou até a conquista do ideal; mas foi, inquestionavelmente, Castro Alves quem primeiro lhe incitou a coragem e preparou os animos, infiltrando-lhe os sentimentos humanitarios e concitando-a á revolta, com seu verbo inspirado de propheta.

A Abolição, que desde o Brasil-colônia encontrava um éco longinquo na *Et’iopo resgatada*, do padre Manoel Ribeiro da Rocha, e que constituiria o ideal alevantado na Revolução de Minas, cujo epilogo fôra a tragedia lugubre da sanie portugueza; a Abolição, que, como os outros sonhos da independencia, caíra molhado no sangue de Tiradentes, adormecera profundamente no esquecimento de quasi todos os brasileiros.

E, enquanto os senhores de escravos mercadejavam negros e adquiriam a renda que estes lhes proporcionavam o trôco do azorrague e da infamia, nesta bôa Terra de Santa Cruz nem uma voz se alteava, na imprensa ou na tribuna e “apenas alguns brasileiros



guardavam no imo do peito a ansiosa aspiração de ver a escravidão extincta no Brasil. Mas estes eram relativamente poucos, e não se conheciam”. E’ então que surge como um enviado esse joven de 16 annos figura magnifico de um Orpheu, e desfere o seu canto,, “Irmão do escravo que trabalha”, sem que houvesse um precursor, sem que ninguem o incitasse, sem que nada concorresse para isso, canto espontaneo, filho de sua alma, de sua grande alma piedosa e abnegada.

Eis uma das estrophes com que envia aos corações os versos maravilhosos do poema “Os escravos” para fazer a sua peregrinação:

“Canta, filho da luz da zona ardente
Embocca a tuba lugubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados.
Levanta das orgias — o presente,
Levanta dos sepulchros — o passado,
Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do Sul ao Norte . . . do Oceano aos Andes !! . . .

Não continuarei, bosquejando a figura titanica do poeta dos escravos, já tantas vezes discutida, tantas vezes exaltada, tantas vezes endeosada e a cujos pés, o proprio Ruy Barbosa, queimou o incenso do seu culto; mas, antes de apreciar-a sob outros aspectos, lembrarei uma historia muito interessante e commovedora. Era na minha cidade natal. Maio sorria, no sorriso polychromico das flores, e naquella manhã languida e bella, eu quiz visitar o campo.

E como não tivesse nenhum companheiro para me seguir naquelle passeio, e fosse o dia do anniversario da abolição, peguei da obra de Castro Alves e parti sosinho.

De volta, como o sol estivesse causticante e me sentisse cansado e sedento, passei na cabana de uma antiga escrava conhecida e chegando-me, balbuciei;

— Bom dia. Dá-me um pouco de sombra e um copo d'agua.

— Louvado seja Nosso Sinhô Jesus Christo, meu branco; entra e assenta. Nhô môço por aqui é novidade . . .

— Mas hoje é dia dos que foram escravos e como libertei-me do meu afazer, vim do campo respirar novos ares.

A velhinha sorria, e como a conversa continuasse sobre negros, ella me contou a sua historia, que é uma daquellas narrações simples e tristes de quem nasceu escravo e foi vendido, amou sem nunca ter tido a ventura de pertencer ao eleito do coração, conhecera toda a miseria, o ferro das algemas e a ponta do chicote, envelhecendo com o peso da mais revoltante oppressão de des-humano senhor.

— Ai! nhô môço! não ha cousa mais bôa do que a gente sê livre como os ventos e os passarinhos do céu. Eu só comecei a vivê do dia que acabou a escravidão p'ra cá. Hoje é data sagrada p'ra siá negra véia.

— A sinhora sabe que houve muitos homens que trabalharam para libertar os escravos?

— Sei, nhô sim; já vi falá no seu Zé do Patrocino.

— E de Castro Alves?

— Deste, ainda não, nhô môço.

Então abri o livro que eu conduzia e comecei a ler algumas poesias, explicando-lhe as passagens mais difíceis.

A principio foi a "Tragedia do lar":

„Na senzala, humida, estreita,

Brilha a chamma da candeia,

No sapé se esgueira o vento

E a luz da fogueira ateia.”

A velhinha meditava, ouvindo com religioso silencio, e notei que começou a interessar, desde a tyranna, canto tão característico dos negros.

“Eu sou como a garça triste

“Que mora á beira do rio,

“As orvalhadas da noite

“Me fazem tremer de frio.

Lagrimas cahiram dos olhos da antiga escrava que me ouvia e pareceu-me até que um calafrio correu-lhe o corpo, quando escutou esta estrophe rara, bem acabada, pintada com um pincel firme de artista e que é a photographia daquelles ricos compradores de um escravozinho que a mãe acabava de adormecer e apearam agora “das mulas boleadas” batendo “na porta do senhor”.

Figuras pelo sol tismadas, lubricas,

Sorrisos sensuaes, sinistro olhar,

Os bigodes retorcidos,

O cigarro a fumegar,

O rebenque prateado

Do pulso dependurado,

Largas chilenas luzidas,

Que vão tinindo no chão

E as garruchas embebidas

No bordado cinturão.”

Li no rosto da minha ouvinte toda a emoção que despertam as scenas da africana escondendo o filhinho

nas dobras do vestido, a vista dos sinistros mercadores, as ordens severas do patrão para que lhes entregue a criança, ao que ella recusa, e pede, exhorta, sem de maneira alguma conseguir a compaixão, e, por fim, aquella revolta da mãe angustiada, que vendo lhe arrancarem o menino do berço, salta com furia de um jaguar ante a "turba dos senhores" que della recusa aterrada:

"Nem mais um passo, covardes!

Nem mais um passo, ladrões!

Se os outros roubam a bolsas,

Vós roubaes o corações!..."

A velhinha se levantou insensivelmente para escutar os ultimos versos do portentoso poema:

"Entram tres negros possantes,

Brilham punhaes traiçoeiros...

Rolam por terra os primeiros

Da morte nas contorções.

Um momento depois a calvagada

Levava a trote largo pela estrada

A criança a chorar.

Na fazenda o azorrague então se eouvia.

E aos golpes uma doida respondia

Com frio gargalhar!...

Enxugando o rosto, lavado de pranto, a velhinha, com voz tremula, apenas balbuciou:

— E' muito bonito nhô môço; e parece com a historia de minha mãe. Lê mais, meu branco, prá siá negra veia. E' muito bonito!

Li varias poesias, e para todas a preta achava uma exclamação simples, com que traduzia a emoção profunda de sua alma.

Interessou-se pelo poeta e quiz ver o seu retrato, saber onde nasceu, como viveu, se havia já morrido, e quando della me despedi prometteu-me firmemente que rezaria por elle sempre.

Narrando este facto tão simples, quiz mostrar como a poesia de Castro Alves é accessivel ao coração de todos e, empolgando os espiritos mais cultos das letras patrias, até a adoração, commoveu até as lagrimas a alma rude da velha preta, com aquelle mesmo mysterio com que a poesia nos fascina.

No mundo das letras, elle que vivera entre louros, desde academico, em Recife, quando consagrára o fulgor de seu genio ao amor de Eugenia Camara, nas inesquecidas noitadas do Theatro Santa Izabel, onde se batia em versos com Tobias Barreto; elle que, passando pelo Rio, recebera os applausos calorosos de José de Alencar e de Machado de Assis, em cartas que sagraram o seu magnifico drama "Gonzaga"; elle, que chegando a São Paulo, encontrou o mesmo delirio da mocidade pelo seu genio e onde penetrára "como o môço Raphael subindo as escadas do Vaticano"; Castro Alves, que regressára á Bahia "silencioso e alquebrado" mas nunca como aquelle "Rei — phantasma", de "fanados laureis", pois lá mesmo ainda arrancara o maior entusiasmo dos assistentes do Theatro São João; Castro Alves, que morrera como um sol, no esplendor e no fastigio da apotheose da gloria; o poeta, que, lembrado, amado e pranteado, fôra sempre enaltecido pelos mais altos expoentes da nossa cultura intellectual e considerado acertadamente "o maior poeta brasileiro"

pelo cerebro forte do beneditino critico, profundo scientista e magnifico romancista Afranio Peixoto; Castro Alves, "o titan," o "condor", o "vulcão" — no mundo das letras — é inquestionavelmente uma figura masculina, "unica no seu esplendor, unica na sua gloria, unica na sua consagração e, antes de tudo, "altamente representativa da nossa raça", no dizer de Euclides da Cunha. Lyrico, os seus cantos têm este langor, este quebranto, esta melancolia de onda mansa que se enrola na areia branca da praia e cuja modalidade é tão característica da poesia brasileira. Os seus versos amorosos, passam ás vezes pelo nosso ouvido, como um arrulo de pombo, uma caricia de brisa queixosa, sempre perfumada da essencia de sua alma.

Typo essencialmente romantico, bella figura apolinea de rapaz e que possuia, além de todos os talentos, o talento de amar; libou na taça dos corações feminis todo aquelle vinho embriagador, que ás vezes é doce como o nectar e ás vezes trava como o absyntho.

E' difficil de se crer como aquelle magestoso leão, acostumado a rugir hyperboles grandiosas, exaltando heroes, combatendo a causa da democracia, esmagando tyrannias, com a colera grandiloqua do seu verbo, soubesse tornar-se tão terno para dizer um madrigal, para tecer um idyllio.

E' que a lira de Castro Alves, na multiplicidade das suas cordas, possuia todos os sons mysteriosos do coração, e é de se admirar como sahisse do mesmo instrumento que celebrou "Pedro Ivo", e "A Cachoeira" e o "Navio Negreiro" e cantou a "Ode ao 2 de Julho", e "O livro e America", e "O Seculo" — é de se admirar — como do mesmo alaúde sahisse "Bôa Noite", "Adormecida", "As duas flôres", "Hebrêa" ...

Como Victor Hugo, que foi um poeta essencialmente epico e punha ás vezes debaixo do braço a argentea turba bellicosa — com que cantava a França he-

roica, as guerras, o genio de Napoleão I e de Canaris ou aniquilava Napoleão III, para tanger depois uma cythara maviosa e consagrar um canto a um mandigo, a uma creança ou mesmo a uma simples banalidade qualquer, que entendia de engrandecer; como Victor Hugo, Castro Alves, que tinha visões de “barcos de granito”, “oceanos em tropa”, estatuario de colossos”, e que ás vezes julgava a terra “um inseto friolento, déntro da flor azul do firmamento, cujo calix pendeu”, Castro Alves tambem se extasiava apreciando “O Baile na flor”, e se achava mais preso por um laço de fita do que mesmo por uma cadeia de ferro.

E a “Cestinha de Costura”:

“Não quero Pantheons, não quero marmores,
 Não sonho a eternidade fria, escura...
 Minha gloria ideal é o quente abrigo
 De uma pequena cesta de costura.

Á sombra dos terraços florescentes
 Entorna a violeta a essencia pura:
 Flores d'alma rescendem mais fragancia
 Numa pequena cesta de costura.

Batida pelos corvos da procella,
 A pomba a hera timida procura:
 Pousa minh'alma foragida as azas
 Nesta pequena cesta de costura.

Astros que amaes a espuma das cascatas
 Orvalhos que adoraes do lyrio a alvura?
 Dizei se ha menos languidos arminhos
 Nesta pequena cesta de costura.

Nesse ninho de fitas e de rendas...
No perfume subtil da formosura...
Vão meus versos viver de aroma e risos
Entre as flores da cesta de costura.

E quando descuidada mergulhares
Esta mão pequenina santa e pura,
Possam elles beijar teu niveos dedos
Escondidos na cesta de costura.

Castro Alves gozou o amor, saboreando-o como um peccado ou como um lyrico puro do céo, cujo aroma, apenas, o embriagava.

Amando com sensualidade ou com pureza, as suas queridas são para elle sempre "anjo", quer seja Marietta ou Barbara, Esther ou Fabiola, Candiça e Laura ou Dulce.

Seria impossivel contar quantos amores teve, mesmo porque os poetas não amam mulheres, pois a graça e a belleza andam repartidas por todas ellas... Castro Alves, porém, que fôra um homem superior, forçosamente se interessaria mais por aquella que melhor correspondesse ao seu espirito de artista; aquella que mais pudesse admirar pelas prendas do talento, assim é que, os amores maiores de sua vida, foram todos dois votados a mulheres de talento. Uma é Eugenia Camara, celebrada actriz portugueza autora de um livro de versos, e que, se não era perfeitamente bella, tinha "a graça que seduz e a tentação que prende."

Tendo chegado a Recife numa companhia theatral, a que pertencia, Castro Alves, rapazola academico de Direito, tivera occasião de vel-a representar com algum brilho, e desde então se apaixonára doidamente por ella. Abrira-lhe os braços ardentes da sua mocidade, consa-

grandolhe todo o fulgor do seu genio em exaltal-a, quer pela imprensa em artigos laudatorios, quer em versos declamados dum camarote do proprio theatro, com todo o fulgor das suas hyperboles. Concorria para todo aquelle endeusamento, a necessidade em que se achava de collocal-a, no conceito publico, acima de Adelaide Amaral, actriz que trabalhava na mesma companhia e para quem Tobias Barreto disputava o primeiro lugar.

Eugenia correspondeu á paixão do seu divino glorificador, até sacrificando-se; ligaram-se, e ella o acompanhou até São Paulo, quando o estudante para lá fôra continuar os seus estudos, mas por motivo de honra Castro a abandonou sem conseguir, embora, esquecel-a.

“E amamos... Este amor foi um delirio...”

Foi ella minha crença, foi meu lyrio.

Minha estrella sem véu...

Seu nome era o meu canto de poesia,

Que com o sol — penna de ouro — eu escrevia

Nas laminas do céu.

.....

A outra paixão profunda de Castro, fôra por Anese Trinei Murri, formosa e joven viuva que da Italia chegara, segundo Xavier Marques, “como cantora de uma companhia lyrica, e na Bahia fixou residencia com sua mãe, vivendo de ensinar piano e canto”.

Artista de merito, bella como uma fada, com a sua voz encantadora de sereia, ella foi a ultima flôr, que, nobre e discretamente, enfeitára o coração de Castro, nos derradeiros mezes da primavera da sua existencia, E’ verdade que Agnese ainda o fez soffrer, porque Castro Alves sonharia que “Consuelo” lhe dedicasse um amor assim como o de George Sand por Chopin.

Agnese nunca se entregou abertamente ao amor do poeta, porque ella comprehendia perfeitamente ao que elle a faria chegar.

Nunca lhe confessára o que sentia no intimo do coração, apesar de todas as insistencias; só muito mais tarde, em 1914, escrevera da Italia a uma sua ex-discipula:

“Este divino poeta, que tanto me amou, eu o confesso — diz ella — tambem muito o amei e de um amor indefinido. Nenhuma mulher poderia ter resistido a tanto talento, a esse genio sobrenatural afóra sua belleza. Mas castigando o meu pobre coração, a esse disse: — Cala-te, esconde este teu sentir, anniquilla-te, despedaçate, não vês que o amor para ti é um crime?

E assim foi: mandei, obedeceu... Mas só Deus sabe quanto soffri. Porque este amor santo era para mim o céu na terra. Quanto soffri, entretanto, quando o Cecéo me brindava, entregando-me as poesias que para mim tinha feito, resentidas da minha frieza, eu que estava prestes quasi a dizer-lhe: “Não vês que te enganas? que se me pertencesse, se me ordenasses de morrer a teus pés, sem hesitar, cumpriria o teu desejo?...”

Foram, portanto, duas artistas que abysmaram a alma de Castro no oceano mais largo da paixão.

Não proseguirei no relato dos amores de Castro Alves, porque nada poderia dizer de novo depois da conferencia “Paixão e gloria de Castro Alves”, do sr. Afranio Peixoto.

Se é interessante a figura do revolucionario, do lyrico, não nos encanta menos a figura do epico magnifico que destampava o sepulchro dos nossos heróes, para verino-los saltar de dentro das musas, “da lua pallida ao fatal clarão”.

Com effeito, Castro Alves é o maior e quasi o unico representante da nossa poesia épica, porquanto, as

obras dos Basilio da Gama, dos Santa Rita Durão, dos Porto Alegre, ficam, ao lado da sua, assim como essas figurinhas que se agrupam no pedestal de um monumento esplendido e sumptuoso.

Em verdade não realizou o sonhado poema da nossa raça, que ainda está por se fazer, não foi o Camões da nossa nacionalidade, mas ninguém melhor do que elle exaltou os nossos heróes e as nossas tradições gloriosas.

Que melhor tropheu pode guardar o Brasil do que o clarim de cristal que cantou a victoria da Batalha contra Lopez, nas estrophes do "Pesadelo de Humaytá"?

Espirito de verdadeiro patriota, é sabido que se alistou como voluntario, por occasião da guerra do Paraguay, e quantas vezes os batalhões civicos não estacavam perfilados em frente do predio de qualquer jornal, para fremir, como ao toque de um hymno de guerra, ao ouvir os versos mavorticos do poeta, que surgia de uma janella como a apparição illuminada de um enviado de Pallas?!

"Ode ao 2 de Julho" ficou sendo uma especie de Marselheza bahiana, no dizer de Agripino Grieco, "Visão dos mortos" é uma resurreição extraordinaria dos vultos homericos da nossa patria. "Pedro Ivo" é o maior poema republicano, e onde ha estrondos de um cerebro vulcanico ...

Castro Alves celebrou tambem o genio de Napoleão e de Hugo (aliás irmanados!) e no fragor da sua rethorica, invocava uma verdadeira multidão de personagens historicas ...

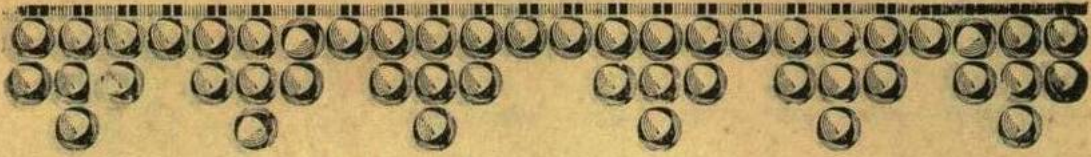




Paginas

esque-

cidas



A divina providencia

(Imitação do italiano.)

QUANTO mãe, que os filhos olha palpitante
De amor, e de amor gosa em os mirando,
A um beija, a outro está aos peitos estreitando,
Faz dormir a este, áquele andar avante;

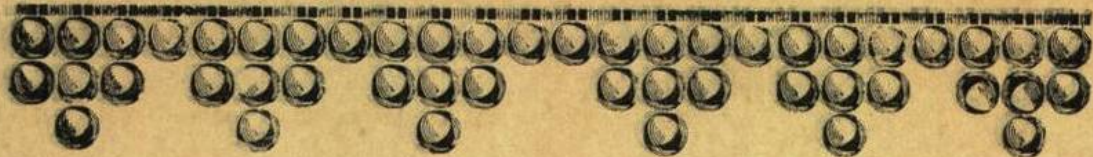
E de cada um no candido semblante,
Os pensamentos mil adivinhanção,
Dirige-os com um olhar ou dito brando,
Mas, rindo ou reprehendendo, é sempre amante:

Assim a Providencia alma e querida
Vela, prevê, conforta, o mal impede,
E attende a todos na presente vida.

E se nega a mercê, que se lhe pede,
Ou nega só porque a pedir convida,
Ou negar finge, e no negar concede!

Padre Armindo Maria de Oliveira

*(Do livro "Uma Flor do clero cuiabano"
de D. Aquino Corrêa)*



Soneto

(numas bodas)

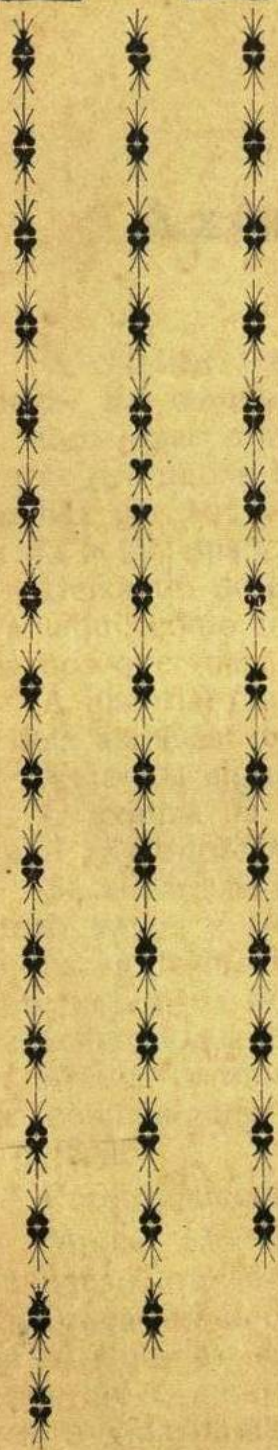
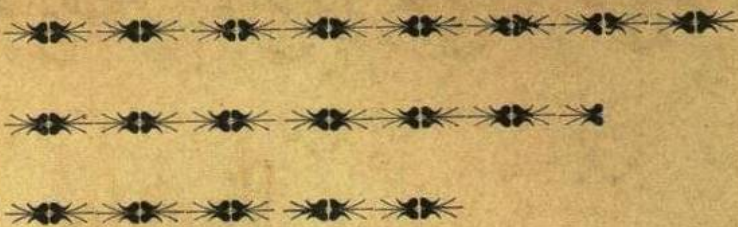
AMFIM desponta para ti o dia,
Em que a alma palpitante de ternura,
Se afoga nos effuvios de ventura,
Dilata-se inebriante de alegria.

Como um pae que de amor se estremeça
Por um futuro dar á filha pura,
Assim lutaste contra a sorte dura
Porém venceste, altim, com ufania.
Sim, coroada foi tua vontade;
Os fachoos do hyminêu já se acçenderão
P'ra aquella que amparaste n'a orphandade.

Foi completa na escolha a paridade;
Uniste coraçoes que se entenderão,
Typos de amor, de affeto e puridade.

12 de Setembro de 1878

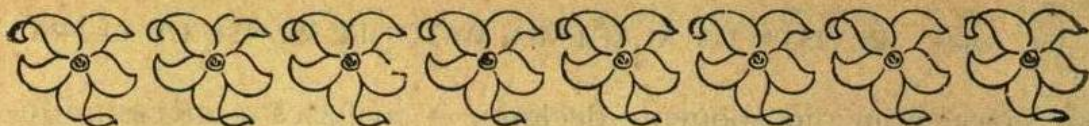
Joaquim José Rodrigues Calhau
(*Dos Harpejos Poeticos*)



Páginas

dos

novos



Axiomas da História

A clássica definição da história como a “mestra da vida” exprime, de maneira clara, sua alta função.

Seu lugar entre as demais ciências é de real destaque, pois as suas profundas lições, as suas lógicas conclusões, tem um único fim: dar aos povos princípios infalíveis e indubitáveis, como nos dá a matemática, a física, etc . .

Deixando de lado os fatos e os acontecimentos, queremos tratar aqui, como fazem os moralistas, de descobrir o que a história nos quer dar, ou em outras palavras, qual sua filosofia.

A história, como as outras ciências, também nos permite tirar dela axiomas verdadeiros que podem ser demonstrados.

Vejamos alguns exemplos:

O axioma da marcha da civilização pode ser assim enunciado: *A civilização não pertence a povo nenhum.*

Se voltarmos as nossas vistas para as gloriosas páginas da história antiga a até contemporânea, veremos que ela já esteve com os egípcios, passou depois para o ramo semítico, principalmente nas mãos dos Assírios e dos Hebreus, indo em seguida para a velha Grécia e para a portentosa Roma, pulando depois para a Arábia, continuando ainda a sua marcha para a Europa, e hoje, como alguém disse; “ela oscila entre os Estados Unidos, Rússia e Japão”.

Porque sucede assim?

Muitas são as causas; porém, a verdade é que, enquanto uma nação, que está no seu apogeu, descansa, pensando, já mais a civilização irá deixá-la, outro povo progride e prepara para superá-la, vindo assim logo tomar sua vanguarda na marcha do progresso, até o momento em que apareça outro para tomar o seu lugar. A vida duma nação, como a do indivíduo, possui três gran-



des fazes: princípio, apogeu e declínio, A civilização, ao contrário, é imperecível, imparcial e progressista.

* *
*

Continuando no nosso propósito, de examinar os axiomas da história, encontramos um outro sobre o progresso de uma nação — *o verdadeiro progresso de um povo consiste não na sua vida exterior, mas no que ele realmente é.*

Se algumas nações chegaram a ter algum tempo amplo des envolvimento de sua vida, é porque estavam baseadas em verdadeiras diretrizes; e, se algum dia vieram a falhar, e somente por que deixaram de lado a sua realidade. E não foi isto o que passou na vida dos gregos, dos romanos, e de outros povos mais?

Assim como acontece com o individuo, se passa sobre uma nação: Progride aquela que realmente está firmada em verdadeiras normas.

Em conexão com este assunto, temos o axioma do progresso da sociedade — *a sociedade é o que o individuo.*

O seu verdadeiro progresso é moral. Sendo ela composta de elementos recomendáveis e de sólido caráter, será firmada e os seus desenvolvimentos muito influenciarão sobre o processo da nação, que faz parte integrante dela.

* * * * *

Considerando mais algumas lições da história, eis que surge ante nossos olhos uma sublime questão: a liberdade, cujo axioma é o seguinte: *a verdadeira justiça liberdade de acção e de ideais produz vida e progresso.*

O povo, que não possui esse espírito de liberdade, está na eminência de declínio ou então de estacionamento geral.

A liberdade sempre foi principal aspiração dos homens, dos povos em todos os tempos, e, graças a ela a vida das nações é sustentada e pode marchar para o seu ideal.

A história está aí para nos confirmar isto.

Como alguém disse: "A guerra dos trinta anos, a luta na República Holandesa, a revolução inglesa, no tempo de Cromwell, a revolução americana, a trágica revolução francesa, e o conflito na Itália moderna, assim como a corrente revolução na Rússia, tudo foram ecos do altissonante brado do homem pela liberdade, o início da consciência e dos inalienáveis do homem contra a tirania

Se fôssemos buscar mais exemplos, iríamos longe; basta o

trecho acima mencionado. A tendência de expansão é um indício do progresso,

* * * * *

Examinando ainda a história, eis uma outra questão que nos surge — o poder da democracia.

A vida interna de uma nação está nas mãos da classe trabalhadora, é outro axioma que está evidente.

Desde os tempos antigos, hoje e para o futuro se nota e se notará este fato da história, pois, esta classe também faz parte imprescindível da vida de uma nação e, quem poderia ir de encontro á sua poderosa opinião?

A democracia é uma forma de governo que está sendo adotada pelos povos que possuem uma alta cultura e é a ela que está entregue o futuro das nações.

Não é somente nos anais da Grécia, e de Roma que observamos êste acontecimento, pois uma vista de olhos para a Suíça, para o Japão e para alguns outros países do mundo confirma a opinião que a democracia tem o futuro nas mãos.

Virá um dia em que ela terá o poderio consigo e então teremos talvez o "governo do povo, pelo povo e para o povo".

* * * * *

Encontramos ainda nas substanciosas lições da história, outros pontos que nos dão axiomas preciosos.

Exemplo: A educação moral.

Dentre os muitos pontos tomaremos para nossa consideração a ambição, que poderá ter como axioma, e popular aforismo: "*Quem tudo quer, nada obtém.*"

E a história nos certifica isto. Porque Alexandre, Napoleão, Lopes e muitos outros vultos da história, não chegaram a alcançar o ideal que aspiravam? Por que suas victorias foram efêmeras?

Foi simplesmente porque não eram comedidos nos seus ideais e, por meio de sacrifícios de vida e de nações, queriam alcançar os seus sonhos e ilusões.

Este fato da história, toda a vez que se repetir, terá sempre as mesmas consequências, pois os axiomas dela são quasi sempre infalíveis.

Muitas outras lições poderíamos ainda tirar das páginas da história, mas, para não tomar mais tempo do meu prezado leitor ficarei por aqui mesmo.

Concluindo, porém, duas cousas quero observar neste nosso pequeno e apoucado estudo: a primeira é que as lições da his-

toria de hontem. são para nós de hoje; e, se assim não fosse não teria ela valor para nós.

Ela, como no dizer do erudito historiador Rocha Pombo, é a "Mestra dos homens e das nações"

A missão não é mais do que apontar aos homens de nossos dias, os êrros e bem das gerações passadas como querendo abrir os nossos olhos para um futuro melhor e mais seguro!

Se ela fosse sempre estudada, muitos males seriam evitados pois, trata ela dos factos passados para tirarmos lições para o presente.

Se ela sábiamente fosse consultada, não estariam os *líderes* dos povos desorientados ante problemas que ela, a historia, nos ensina a resolver.

Daqui nos surge a segunda cousa, de que não queremos também esquecer: A necessidade que temos de conhecer bem as verdades da historia dos povos.

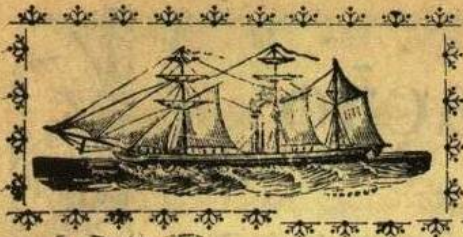
Se assim fizermos, saberemos resolver muitos problemas atuais e ainda mais, poderemos compreender melhor o mundo de hoje:

O valor da historia está em sabermos tirar lições dela e applica-las.

Não é sómente o aluno nos bancos escolares que precisa conhecê-la, mas principalmente, aqueles que têm grandes responsabilidades numa nação e perante um povo, pois é para êles que a história traz as suas preciosas lições.

Os seus axiomas, pois, são verdadeiros, são úteis; e, se quisermos dias felizes para nós, para nossa pátria e ainda para as nações, precisamos observa-los, precisamos applica-los com sabedoria e entendimento.

Anibal Verlangieri.



Chegou e Partiu

EM certo instante bom da minha vida,
No fúlgido esplendor d'um véu de gase,
Um ser me veio-qual visão querida: —
Segredar, aos ouvidos, terna frase.

Disse-me''. Jovem de alma tão repleta
De sonhos e quiméras transluzentes,
Sou a deusa do Amor, ardente e inquiéta,
Que encho de luz os corações descrentes''!

E apaixonado e cego dei mansão
A deusa no mais fundo do meu ser.
Transformou-se-me a vida na canção,
Intermina do amor, que faz enlouquecer!...

Da flôr do Mal, a flôr do Bem floresce:
De um Bem que morre, um grande Mal revive:
E num clarão que aos poucos esmaece,
Contemplo o abismo desse Bem que tive!

Hoje illusorio é meu viver tristonho.
Ólho e não vejo o amor que me fugio!...
Fechou-se em trevas o clarão do sonho.
Sorridente chegou, triste partiu...

ALÍPIO SERRA

(jovem poeta mattogrossense fallecido na flôr da idade)



Recordação



Nestas noites assim tristonhas e chuvosas
Em que o vento sibila e o trovão tem estrondos

Os mais ameaçadores,
Meu pobre coração soluça de saudades
Pelo mais verdadeiro e puro dos amores.

Recordo-me de ti, minha avózinha amada,
Que para o alem partiste e me deixaste só!
Mas, mesmo assim, no céu, és querida e lembrada
Por mim, que te amo tanto e á tu'alma e ao teu pó.

Tu foste para mim, ó minha avó querida,
O anjo tutelar que guia os orphãozinhos . . .
Conselhos bons me deste e guiaste-me na vida
Entre teus beijos mil, abraços e carinhos.

Tu foste para mim como o pae extremoso
Que o filho vendo só augmenta nos carinhos.
Eras tão bôa, enfim! Teu coração piedoso . . .
Mas sem ti, ai! de mim! a vida é só de espinhos!

Maria da Gloria Flovis



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

I

Livros e folhetos:

- D. Aquino Corrêa* — Uma flôr do clero cuiabano — Rio — 1933
- José de Mesquita* — João Poupino Caldas — Cuiabá — 1934
- Severino de Queiroz* — No Caminho do saber — C. Grande — 1934
- C. Vandoni de Barros* — Nhecolandia — São Paulo — 1934
- Thomaz Pereira* — Patria — C. Grande — 1934
- G. Vandoni de Barros* — A burla do voto na nova Republica — S. Paulo — 1934
- Liga Sul Mattogrossense* — A divisão de Matto Grosso (resposta ao Gal. Rondon) — 1934
- Alzira de Freitas* — Sombras — P. Alegre
- Leopoldo Bettiol* — Allucinações — P. Alegre
- O. Hollanda Cavalcanti* — O artista da forma e da Beleza — P. Alegre
- Arnold Coimbra* — Bazar de emoções — P. Alegre
- J. Bertolaso Sttela* — A vida scentifica de Trombetti, S. Paulo
- « Vestigios da lingua primitiva — S. Paulo
- Capistrano Pereira* — Contribuição ao estudo da hygiene do trabalho em ar comprimido
- Mario de Azevedo* — Vigílias

Revistas

- Revista da Academia Brasileira de Letras* nº 137 a 147
Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso — nº
XXIX a XXXII
Revista Nacional de Educação — publicação do M. de E.
e Saude Publica
Annaes do Museu Paulista -- tomo VI
Folha da Serra -- C. Grande
Violeta -- de Cuiabá
Boletim da Nhecolandia -- de Corumbá

III

Jornaes

- Gazeta Oficial*
A Cruz
Matto Grosso
Constitucional
Folha do Norte de Cuiabá
O Evolucionista
Radio Postal
O Estudante
O Pequeno Mensageiro
Carapuça

O Estado
O 9 de Julho de C. Grande
Jornal do Commercio
Vida Escolar

Gazeta do Commercio de Tres Lagôas
A Evolução
A Razão -- de S. L. de Caceres
O Araguaia — de Lageado